

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPO DE CONFLUÊNCIA: LINGUAGEM, SUBJETIVIDADE E CULTURA

Regina Célia Frigério Ferreira

“Essa rua é a melhor do mundo...”

Vivências do *lugar* MUNDO-RUA foto - *“grafado”* por crianças.

Niterói- RJ

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Regina Célia Frigério Ferreira

“Essa rua é a melhor do mundo...”

Vivências do *lugar* MUNDO-RUA foto - *“grafado”* por crianças.

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Campo de confluência: Linguagem, Subjetividade e Cultura.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Jader Janer Moreira Lopes

Niterói

2010

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

F383 Ferreira, Regina Célia Frigério.
“*Essa rua é a melhor do mundo...*” Vivências do lugar MUNDO-
RUA foto – “*grafado*” por crianças / Regina Célia Frigério Ferreira. –
2010.
217 f. ; il.
Orientador: Jader Janer Moreira Lopes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Faculdade de Educação, 2010.
Bibliografia: f. 209-217.

1. Criança. 2. Espaço. 3. Rua. 4. Fotografia. I. Lopes, Jader Janer
Moreira. II. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação.
III. Título.

CDD 372

Regina Célia Frigério Ferreira

“Essa rua é a melhor do mundo...”

Vivências do *lugar* MUNDO-RUA foto - “*grafado*” por crianças.

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Campo de confluência: Linguagem, Subjetividade e Cultura.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr Jader Janer Moreira Lopes

Prof^a. Dr^a Marisa Terezinha Rosa Valladares

Prof^a. Dr^a Tânia de Vasconcellos

Niterói
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Programa de Pós-Graduação em Educação

Nº 860

Ata da Defesa de Dissertação da
mestranda **REGINA CÉLIA FRIGÉRIO FERREIRA**,
na forma que se segue:

Aos vinte e nove dias do mês de abril de dois mil e dez, às quatorze horas, na sala 514 do Bloco D - do Campus do Gragoatá, instalou-se a banca examinadora da Dissertação de Mestrado em Educação de **REGINA CÉLIA FRIGÉRIO FERREIRA**, formada pelos seguintes professores doutores: **JADER JANER MOREIRA LOPES (Presidente/UFF)**, **TÂNIA DE VASCONCELLOS (UFF)** e **MARISA TEREZINHA ROSA VALADARES (UFES)**. Abertos os trabalhos, a presidente da banca passou a palavra à mestranda para que expusesse oralmente o seu trabalho intitulado “*‘Essa é a melhor rua do mundo..’ Vivências do lugar MUNDO-RUA foto-“grafado” por crianças.*”. Feita a exposição, o presidente da banca passou a palavra aos outros componentes para que arguissem a mestranda, para, a seguir, também comentar o trabalho e as observações feitas pelos professores que a antecederam. Feitos os comentários e arguições, a banca, se reuniu e emitiu o seguinte parecer:

a dissertação está aprovada. A banca destaca a qualidade da escrita, o mérito de construção de conceitos originais, a engenhosidade técnica das metodologias e base teórica, a contribuição para os estudos geográficos da Baixada Fluminense. A banca ainda recomenda a publicação na forma de artigos e/ou livros e a continuidade deste estudo em nível de doutoramento.

Nada mais havendo, foram encerrados os trabalhos e eu *SUEL FORTES DE FRANCA* lavrei a ata que vai por mim assinada e pelos membros da banca. Niterói 29 de abril de 2010.



JADER JANER MOREIRA LOPES (Presidente - UFF)



TÂNIA DE VASCONCELLOS (UFF)



MARISA TEREZINHA ROSA VALADARES (UFES)

*A Robson, marido, que além do apoio nessa empreitada, permitiu-me
conceber a vida de Júlia: a criança que me fez reencontrar a infância.
A vocês dois, alicerces da minha vida, dedico esse trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Nossa existência humana está marcada pela presença do outro, afirma Vigotski, na qual confirmaram as crianças que participaram dessa pesquisa. Durante todo tempo, elas demonstraram que a presença do outro era importante para a construção da concepção própria de mundo.

É nesse sentido que seguem esses agradecimentos: tal como mostraram as crianças, também tenho que agradecer ao outro, ou melhor, a tantos “outros” que, através de nossas interações, estenderam-me a mão, auxiliando na execução desse trabalho. Não haveria condições de continuar, nem mesmo iniciar essa empreitada, caso não fossem esses que, com suas mãos:

-Seguraram-me na hora em que minhas pernas fraquejavam, estremecidas com gestos autônomos, desejando abandonar o caminho, como se tivessem vida própria, independentes de minha vontade, afrouxada pelo cansaço, medo, insegurança...

-Puxaram-me num ato de ajuda, possibilitando-me saltar obstáculos que se apresentavam no percurso... Mãos que me faziam reduzir a velocidade que com muito custo eu havia alcançado...

-Que me afagaram, com carinho e respeito, fazendo com que secassem as lágrimas, na hora em que elas rolavam, substituídas pelo amor daqueles que estavam ao meu redor...

-Ajudaram-me a revisitar as questões iniciais deste trabalho, permitindo-me ver dados postos tão explicitamente diante de mim, que acabava por não vê-los, como também fazendo-me refletir quando ainda não havia clareza naquilo em que eu buscava, a todo custo, esclarecer sem evidências que me deixassem ver pistas claras...

Assim como na fotografia, esse agradecimento será realizado na forma de um recorte espaço-temporal, no qual não se alcança a dimensão viva, e sim, num flash, num clarão que evidencia a lembrança de nossa condição humana – agradecer ao outro nossa constituição como seres sociais.

A esses outros que também me constituíram no que hoje sou, muito obrigada: a minha mãe que, desde quando eu era menina, me ensinou que na razão de ser mulher existe a eterna gestação de buscar no hoje, um futuro para se viver feliz, e, ao meu pai, que do seu jeito, sempre me apoiou nas minhas decisões, em busca de fazer nascer felicidade...

Um agradecimento especial aqueles que desde quando iniciei minha busca pelo mestrado e ainda morava no estado do Espírito Santo, me presentearam com suas existências... E ali foram muitas as mãos que me seguraram, por isso, obrigada:

-À Marisa, amiga desde sempre, que acreditou em mim, e mesmo nas horas em que eu achava não dar mais para continuar com o sonho... Sonhou por mim. Não há palavras que consigam expressar minha gratidão.

-À Sônia, sogra querida, que como mãe me apoiou, dando-me a certeza de que um dia seria possível chegar até aqui, e que, desde já me apoia e aponta para o novo caminho que devo trilhar.

-À Raquel, minha irmã estimada, que durante as noites, enquanto eu ainda estudava para o processo de seleção, cuidou da minha pequena Júlia. Vale ainda lembrar que durante todo o mestrado, mesmo longe, estive ao meu lado – principalmente nas férias em que descansava, cuidando da minha criança, para que assim eu me entregasse aos trabalhos finais.

-À Carla, meu braço direito, que em revezamento entre dias, noites e feriados, enquanto eu “cuidava” de outras crianças, tomava conta da Júlia... E continua...

Aqueles que permitiram minha chegada ao Rio de Janeiro:

-Aos familiares de meu marido, pela acolhida em suas casas, pela ajuda na organização de nosso lar, pela apresentação à cidade e principalmente, por propiciar o encontro com a Rua Darci Vargas, onde pude conhecer as crianças participantes de minha pesquisa.

Aqueles que me apoiaram durante o curso de mestrado na UFF:

-Em primeiro lugar, ao meu orientador Jader Janer Moreira Lopes: por sua mão que me ajudou a escrever essa parte de minha “geografia e história de vida” e me apontou o caminho a seguir durante o processo de pesquisa; por estar sempre solícito às minhas buscas; e sempre me reafirmando em sua existência, enfatizando a importância do respeitar ao outro, como legítimo nas relações sociais.

-À Universidade Federal Fluminense, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação/UFF, aos professores e funcionários.

-À CAPES, que me acolheu com uma bolsa de pesquisa.

-Às professoras, Tânia de Vasconcellos, Maria Tereza Goudard Tavares e Marisa Terezinha Rosa Valladares, que participaram do exame de meu projeto, quando essa pesquisa ainda se encontrava em estado embrionário.

-Aos meus colegas de curso que, de diversas maneiras, me permitiram interação e aprendizagem de vida.

Aqueles que enquanto eu investigava, me ajudaram a construir o caminho a ser percorrido na pesquisa:

-Em especial, às crianças que fotografaram, retratando comigo suas “histórias e geografias de vidas”, revelando lindos momentos de vivência: Vitória, Ketelin, Alisson, Larissa, Vítor e Lucas.

-Aos pequenos: as crianças que participaram das entrevistas coletivas e individuais, assim como das observações de campo;

-Aos maiores: adolescentes, jovens, adultos e idosos, que me ajudaram a reconstruir parte da história-geografia do lugar Rua Darci Vargas e compreender o MUNDO-RUA das crianças.

-Ao IPAHB (Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense), em especial ao professor Guilherme Perez por ceder seus trabalhos, sobre a Vila Rosali, que ainda se encontravam no prelo.

-À Professora Doutora Gisele Girard, amiga feita no trabalho na UFES, pela ajuda na organização dos mapas.

Aqueles amigos que, enquanto eu escrevia e fugia das urgências da vida, me cederam um espaço acolhedor para estudo:

-Aos meus pais, por acolherem minha filha e meu marido, durante as férias em que eu, afastada de todos, escrevia a dissertação;

- Ao Carlinhos, Cris e Bruno, pelo conforto e amparo em sua casa de praia durante as férias deste verão;

- Aos tios que me acolheram várias vezes em suas casas: Paulo, Elenir e Martha;

-Ao SESC de São João de Meriti, em especial aos funcionários da biblioteca, que sempre me apoiaram durante os numerosos dias que ali passei estudando.

-Aos funcionários da Escola Maria Rodrigues Cardoso, pela acolhida durante e após a produção das fotografias.

Àquelas que prontamente, aceitaram a dura e árdua tarefa de participar da banca examinadora:

- Tânia de Vasconcellos e Marisa Terezinha Rosa Valladares.

E por fim, mas não por último, só em lugar de destaque, ao meu marido, meu companheiro, meu amigo, meu “eu” virado, “nós dois juntos”, ao Robson, por tudo, por sua presença em minha vida...

Acima do último e do primeiro, mais do que no meio, agradeço ao que é mais, Aquele que é início, ação, palavra, emoção e saber sobre o tudo: graças dou a Deus por me ter dado a vida, colocando nela pessoas, como as que sou grata e tantas outras as quais não posso nomear aqui, ao meu lado... Senhor, muito obrigada!

RESUMO

A dissertação aqui apresentada tem como objetivo compreender as leituras de MUNDO-RUA realizadas por crianças e representadas através das fotografias, visando entender a importância dos lugares na infância e nos modos de ser criança no mundo atual. Com essa intenção, os objetivos deste trabalho puderam ser assim apresentados: (I) Entender se e *como* espaços de vivência de crianças interferem na formação de suas infâncias. (II) Investigar como crianças utilizam noções de espacialidade e de temporalidade na elaboração de imagens de MUNDO-RUA. (III) Sistematizar aprendizagens sobre a importância do espaço geográfico na formação das infâncias e na educação das crianças em contextos sócio – econômico - culturais atuais. (IV) Verificar influências das políticas relativas ao tratamento das infâncias por meio de imagens de MUNDO-RUA, elaboradas por crianças. A intenção maior deste estudo nasceu e frutificou na concepção de que há muito a aprender a partir do cotidiano de nossas vidas, desde que tomemos o nosso viver e o nosso fazer como objetos permanentes de estudo. Nesse sentido, ao conhecer a Rua Darci Vargas, no Bairro Vila Rosali, município de São João de Meriti, Rio de Janeiro, que é fechada nos horários de oito horas da manhã até às dezessete horas da tarde, com o objetivo de promover o lazer, busquei compreender, com essas crianças, suas vivências no espaço-rua, buscando também, contribuir com a Geografia da Infância, elas me apresentaram suas transposições espaciais, brincando e (per) correndo diversas ruas, ultrapassando. Desta forma, me apresentaram o conceito de MUNDO-RUA. O caminho foi percorrido através da pesquisa qualitativa, a partir de observações de campo, entrevistas com os moradores e, principalmente, fotografias realizadas por crianças, que me apresentaram os lugares das ruas que mais ou menos gostavam. Assim, foi possível compreender que a relação da criança com o espaço está ligada à sua relação mediada pela presença do outro adulto, mas principalmente, na relação com outras crianças através da brincadeira, apresentando o lugar MUNDO-RUA como espaço de intensidade e não como área de percurso: como “lugar de criança” e promotor do desenvolvimento humano.

Palavras - chave: MUNDO - RUA; lugar de criança; Fotografia

ABSTRACT

This paper deals about readings made, in particular, based on photographs taken by children, by places in the streets of their experiences. These readings allowed the creation of an understanding of the importance of childhood places, and modes of being a child in today's world, made a conceptual field here called MUNDO-RUA. To achieve this aim, objectives of this study are: (I) Understand whether and how children living spaces interfere with the formation of their childhoods. (II) To investigate how children use the notions of spatiality and temporality in the development of images of MUNDO-RUA. (III) To systematize learnings about the importance of geographical space in the formation of the childhood and education of children in socio-economic- cultural current. (IV) To verify the influences of policies concerning the treatment of childhood through images of MUNDO-RUA produced by children. This study originated in designs and fruits that can be learned from everyday life, taken as a permanent object of research your life and make each one. In this sense, the Darci Vargas Street, Vila Rosali in São João de Meriti in Rio de Janeiro, which access is interrupted between eight and eighteen hours, on Sundays and holidays, with the objective of promoting the leisure of their residents, became a starting place for research and learning. The research focused on the study with children, who conducted the transpositions and playing space around other streets that run across borders of the closed road, and in this hubbub, with pictures and words, providing foundations for the concept of MUNDO-RUA. Interlacing in these studies, authors such as Vygotsky and Bakhtin, provide support for understanding of issues involving the child and his speech. The search path was covered with a qualitative approach, based on field observations, interviews with residents of that street, and especially with the reading of photographs taken by children from the streets to make places they liked most and least liked. Thus it was possible to understand that the child, to establish relations with the space where they live, what makes the mediation process with the other, especially with other children through play. In doing so, the child lives and creates the place MUNDO-RUA as an area of intensity, and not as an area of route, allowing the understanding of this place as "a place for children", and inserted into Vygotsky thought, a place that helps development of the human condition.

Key - words: MUNDO-RUA; child's place; Photography .

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Imagem da Rua Darci Vargas – São João de Meriti RJ, 2009 Créditos: Alisson _____	25
Fotografia 02 – Vitória, Criança participante da pesquisa, 2009 Créditos: Vitória _____	59
Fotografia 03 – Ketelin – Criança participante da pesquisa – 2009 Créditos: uma colega da rua. _____	60
Fotografia 04 – Alisson – Criança participante da pesquisa, 2009 Créditos: Ketelin. _____	62
Fotografia 05 – Larissa – Criança participante da pesquisa, 2009 Créditos: Ketelin. _____	63
Fotografia 06 – Vítor – Criança participante da pesquisa, 2009 Créditos: Vítor. _____	64
Fotografia 07 – Evento organizado pelos moradores, maio de 2009 Créditos: Pesquisadora. _____	69
Fotografia 08 – Banner produzido pelos moradores com base na autorização da Prefeitura Municipal, abril de 2009 – Créditos: Pesquisadora. _____	76
Fotografia 09 – Evento organizado pelos moradores, maio de 2009 Créditos: Vitória. _____	87
Fotografia 10 – Localização do valão à esquerda da foto. Arquivo pessoal do morador antigo: Sr. Kinga. _____	93
Fotografia 11 – Botequim do Zé. A autoria dos pequenos fotógrafos _____	95
Fotografia 12 – Banca de jornal. A autoria dos pequenos fotógrafos _____	96

Fotografia 13 – Lanche do Papal (esquerda) e Xerox da Dona Claudina (direita) – Créditos: Vítor	96
Fotografia 14 – Estacionamento – Créditos: Lucas	97
Fotografia 15 – Casa da Adriana (pronto socorro do lar) - Créditos: Lucas	98
Fotografia 16 – Carro da verdura - Créditos: Vítor	99
Fotografia 17 – 20 - Foto dos outros: primos. Autoria dos pequenos fotógrafos	106/107
Fotografia 21 e 22 – Foto dos outros: irmãos. Autoria dos pequenos fotógrafos	107
Fotografia 23 – 26 Foto dos outros: pais, tios e avós. Autoria dos pequenos fotógrafos	108
Fotografia 27– 32 Encontro com os outros pequenos e com as brincadeiras.	116/118
Fotografia 33 – Alisson apresentando a pipa e o carretel de linha. Créditos: Pesquisadora.	120
Fotografia 34 – Alisson apresentando o carretel de linha. Créditos: Pesquisadora.	121
Fotografia 35 – Um Lugar de brincadeira com bolinha de gude. Créditos: Alisson	123
Fotografia 36 – Outro Lugar de brincadeira com bolinha de gude. Créditos: Alisson	124
Fotografia 37– 39– Lugar de diversas brincadeiras.	126/128
Fotografia 40– Lugar preferido para a queimada. Créditos: Alisson	129

Fotografia 41– Lugar de brincadeiras com bonecas. Créditos: Vitória_____	131
Fotografia 42, 45–49, 51-52,55-56 Rua José Cabral como Zonas de Fronteira. Créditos: Vitória_____	158
Fotografia 43– Entrada da casa onde morou. Créditos: Vitória_____	159
Fotografia 44, 53 –54 Rua Waldir Correia Leal, como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória_____	160,166
Fotografia 50- Rua João Cândido como Zonas de fronteiras. Créditos: Vitória_____	163
Fotografia 57-62 Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos: Alisson_____	169/172
Fotografia 63 - Parquinho como Zona de Fronteira: Vista parcial dos brinquedos. Créditos: Ketelin _____	173
Fotografia 64 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem da gangorra. Créditos: Vitória._____	173
Fotografia 65 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do escorregador. Créditos: Vitória._____	174
Fotografia 66 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do balanço. Créditos: Ketelin._____	174
Fotografia 67 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do balanço e parte da gangorra. Créditos: Vitória._____	175
Fotografia 68-69 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do amigos na quadra grande. Créditos: Vitória_____	176
Fotografia 70 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem dos amigos na quadra grande. Créditos: Alisson._____	177

Fotografia 71 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem da quadra pequena. Créditos: Vitória.	177
Fotografia 72 - Parquinho como Zona de Fronteira: Lugar de jogar bolinha de gude. Créditos: Alisson.	178
Fotografia 73; 75-77 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos. Créditos: Ketelin.	179;181/182
Fotografia 74 – Escola como Zona de Fronteira: Muro da Escola. Créditos: Ketelin.	179
Fotografia 75 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos. Créditos: Ketelin.	181
Fotografia 78 - 82 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos maiores. Créditos: Ketelin.	182/184
Fotografia 83 - 84 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos na sala de aula. Créditos: Ketelin.	185/186
Fotografia 85-97 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.	188/194
Fotografia 98-101 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras. Autoria dos Pequenos Fotógrafos	195/196
Fotografia 102 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras Autoria dos Pequenos Fotógrafos	197
Fotografia 103 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras Autoria dos Pequenos Fotógrafos	198
Fotografia 104 - 105 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras Autoria dos Pequenos Fotógrafos	198/199
Fotografia 106-107 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras Autoria dos Pequenos Fotógrafos	199/200

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa – Localização da Área em Estudo, Fontes de Pesquisas: CIDE-RJ; IPHB; 2010 Organizado por Girard, G.; Ferreira, R. 2010	66
Figura 02 – Autorização da Prefeitura de São João de Meriti para fechamento da rua – 2008	78
Figura 03 – IPTU Ano de 2006 - Imóvel pertencendo ao Morro do Carrapato.	91
Figura 04 – Esquema representando os movimentos das crianças no MUNDO-RUA.	149
Figura 05 – Desenho representando a rua e tudo o que há nela. Realizado por Júlia, criança de quatro anos de idade. Arquivo pessoal da autora.	150

Uma história, vários lugares, muitas crianças e uma vivência

Muito prazer. Meu nome é Júlia.

Todas as páginas seguintes revelam um pouco de minha história. Ah, de meu espaço também! Minha mãe não me perdoaria se esquecesse dessa palavra... Ela sempre me lembra que não tenho apenas história para contar, tenho um espaço para viver. Afinal, o que são os nossos anos de vida? Não são *espaços* de tempo para convivermos com outras pessoas num determinado *lugar*? Isso ela sempre pergunta e ela mesma responde.

Mas começarei lembrando as ruas do condomínio fechado “Itaparica Mar” ,lá em Coqueiral de Itaparica, Vila Velha - ES. Elas possuíam algumas diferenças das ruas de cá. Existiam aquelas que somente carros poderiam passar, mas também existiam outras em que eu, aprendendo a andar, ralava os joelhos quando a mamãe chamava, insistindo nos meus primeiros passos.

Ah! Não posso me esquecer de dizer que, nessas mesmas ruas, as dos joelhos ralados, as bicicletas eram autorizadas a passar. Porém os motoqueiros, proibidos de circularem por ali, num ato de transgressão, faziam incursões rápidas e, para fugir do flagra, aceleravam muito, onde o barulho de motores roncando, me assustava.

Falarei da parte de que eu mais gostava lá: o parquinho, alguns brinquedos e amigos.

O parquinho era bem interessante, pois tinha escorregador, balanço, trepa-trepa e outros brinquedos que minha memória não guardou. Por isso não consigo falar deles. Os amigos davam sentido aquilo de que eu mais gostava, já que parquinho com brinquedos era bom, mas com os amigos, ele era melhor ainda.

Lembro-me da Aninha. Brincávamos no mesmo parquinho, nos encontrávamos nas ruas do condomínio e no pátio da Igreja. Nossas mães eram amigas, vizinhas de prédio e foram pacientes da mesma obstetra. A mãe dela sempre conversava coisas de bebê com minha mãe, desde quando eu e a Aninha ainda não tínhamos nascido. Consequentemente, eu e a Ana também éramos amigas.

Além disso, nascemos apenas com dois dias de diferença, e claro, com a mesma médica e no mesmo hospital. Foi assim que eu, com apenas dias de

nascida, e Aninha, com apenas algumas horas de vida nos vimos, ou melhor, nos encontramos pela primeira vez.

Depois que visitei a Aninha em seu primeiro dia de vida, ainda no hospital, fui direto para minha casa. O meu quarto era lindo, assim diz minha mãe. Como todos acreditavam que eu cresceria nele, não o fotografaram, por isso tenho dele apenas vagas lembranças.

Mesmo assim, minha mãe fez um registro escrito (daqueles que se guarda para mostrar ao filho quando crescer). Ele descreve meu quarto e como foi o momento de minha chegada:

Em um lugar distante daqui... A ansiedade era grande.

Estava tudo pronto. O quarto foi planejado detalhadamente com o tema “jardim”. As borboletas, as libélulas, as flores de cor lilás e o verde das folhas se destacavam entre o branco da cortina e do berço. Mais um pouco de tempo e ela estaria ali...

A ansiedade era grande. O nome foi escolhido rapidamente, assim que o médico, durante o exame de ultra-sonografia, revelou o “sexo” do bebê. Seria uma homenagem à bisavó de 84 anos, que até hoje faz bolinhos de chuva quando seus netos chegam para visitá-la. A “bisa” faz jus ao nome recebido e agora prometido para a nova menina: Júlia, que significa cheia de juventude!

Os nove meses de espera se passaram e aquele pequeno ser fez sua chegada ao mundo. Nasceu muito magrinha e com olhos bem abertos. Às vezes se assustava com os ruídos, agora mais próximos do que aqueles percebidos no ventre. ***Também fazia barulho na nova vida que se iniciava...***

Que mundo seria esse que a aguardava? É um mundo de incertezas, de transição paradigmática. Talvez essa seja uma das poucas certezas de que temos, quem sabe, a única!

Que valores deverão ser transmitidos a essa criança? Sabíamos que, como pais, teríamos responsabilidade sobre a transmissão dos valores familiares, mas, sabíamos, também, ***que o processo de formação dessa criança transporia as fronteiras do convívio de seu lar...***

(Notas pessoais: nascimento de Júlia em 12-01-2006)

Já que estou falando de minha chegada ao mundo, gosto de lembrar como fui aguardada por todos. Minha mãe diz que sempre fui amada e que a descoberta da gravidez mudou os rumos de sua vida. Literalmente! Ela teve que mudar para o Rio de Janeiro e ainda diz que a culpa é minha! Uma boa desculpa.

Ela contava que mudei os rumos de sua vida pelo seguinte:

Ela sempre desejou fazer o mestrado antes de ter filhos e quando eu avisei que estava crescendo em sua barriga, ela levou maior susto, mas ficou muito feliz, pois como já estava caminhando para os 32 anos, sabia que a idade não iria contribuir para a concretização do desejo de maternidade pela vida inteira... Pensou: Já estava na hora mesmo! Também, com sete anos de casada, ela queria esperar mais o quê? Agora, depois desses anos, disse que a melhor coisa foi ter uma criança, pois só assim reencontrou a infância. Isso foi o renovar de suas forças para buscar, no mestrado, compreender melhor a criança e seus espaços de vivência. Mas como disse, a aprovação no mestrado contribuiu para que ela mudasse de estado e viesse morar em São João de Meriti, Rio de Janeiro e foi assim que eu e a Aninha nos separamos, passando a nos ver uma vez ao ano: nas férias. Nada de parquinho, nada de condomínio fechado... Tudo aqui é muito diferente do lugar em que nós duas brincávamos.

Assim que cheguei, fui morar no centro da cidade de São João de Meriti, pois disseram para o meu pai que lá era o melhor lugar para se morar e ele acreditou. Acho que quem falou isso para ele não tinha criança em casa. Lá não havia pracinhas seguras para as mães levarem seus filhos e a minha, para passear comigo, colocava-me no carrinho de bebê e saía para andar pelas ruas da cidade. A única coisa de que eu gostava era ver as lojas de brinquedos.

Ah, quando eu morava lá, ia quase todo domingo ao *shopping* para brincar naqueles parquinhos que a mãe da gente paga para nos divertimos.

Até que um dia, meu pai resolveu grande parte do meu problema e o problema da minha mãe também. Comprou uma casa no bairro Vila Rosali, onde existe uma rua aberta para as crianças aos domingos e feriados. A rua aqui é fechada, mas é aberta, entende? Fechada para circulação de veículos e abertas para nós, crianças.

Depois que comecei a frequentar essa rua, encontrei outros novos amigos, pois quando a rua abre para a brincadeira, corremos, andamos de bicicleta e conhecemos outras pessoas. Essas coisas tornam aquela rua muito interessante e

foi por causa disso, que minha mãe encontrou nesse espaço um bom lugar de investigação.

Quando comecei a falar da minha vida, lá no início, eu avisei que essa era a história e a geografia (como diz minha mãe) da minha vida. Por isso o resto do texto quem vai contar é aquela que fez a investigação e que resolveu contar nossa geografia a partir de tudo que pesquisou durante esses dois anos que moramos aqui, em São João de Meriti.

As páginas seguintes, não são apenas letras escritas em folhas de papel. É a materialidade de nossas emoções, sentidas durante nossa ausência. Principalmente nas nossas férias, nas quais ficamos tão separadas...

Esse trabalho é fruto de muitas emoções sentidas-vividas, como tristeza, alegria, dores, amores... Quando:

- Nos dias em que minha mãe ia para Niterói e por isso, nos separávamos. Eu ficava numa creche que detestava, permanecíamos tristes durante todo o dia... Mas a alegria voltava quando nos reencontrávamos!
- Nos momentos em que mamãe, aprendendo a cuidar de casa – coisa que nunca tinha feito - ficava nervosa por que eu sujava todo o chão com biscoitos ao experimentar os dentes que acabavam de nascer... Sei que ela ficava tensa, porque falava alto: “Como posso ter tempo para ler os textos de Epistemologia? E de Educação Brasileira? Ai... Os textos de Temas de Pesquisa! Esses eu não posso deixar de ler mesmo, meu orientador é quem “dá” a disciplina, etc...

E lastimava pelos textos daqueles homens com nomes esquisitos: Bakhtin, Vigotski... E outros dos quais não lembro mais. Guardei esses dois nomes porque ela falava tanto neles que eu não esqueci. Que loucura! Quantas angústias! Quantas aprendizagens de vida!

- Nas vezes em que mamãe sentava à frente do computador para digitar o seu trabalho e eu sorrindo, sem saber muito bem a importância daquilo que ela fazia, buscava a única coisa que me interessava (a brincadeira!): corria para o seu colo e pedia para entrar na *internet*, naquele joguinho para meninas no qual eu trocava as roupinhas das bonecas e eu solicitava a atenção da mamãe. Ela ficava me olhando... Sei que pensava: “Ai, tenho que fazer meu trabalho!” Tanto é verdade que, assim que eu me distraía, ela me

colocava devagarzinho na cadeira e, sem que eu percebesse de imediato, pegava um livro para adiantar as leituras.

- Nas tantas vezes em que ficava indignada com a escola, porque aprendia as coisas lá no mestrado e não aceitava as que aconteciam comigo, pelos espaços escolares por onde passava. Digo espaços, pois, por causa disso, passei pela creche (essa eu não gostava mesmo!), passei pela primeira, pela segunda e agora vou para a terceira escola (ainda bem que o mestrado acabou. Já pensou se fosse doutorado? Por quantas escolas eu não teria ainda que passar?)
- Nas ausências dela em finais de semana que não podia ficar comigo e com meu pai porque tinha que trabalhar. Seja lá o que isso queira significar: eu sempre ouvia essa palavra “trabalho”...

Trabalho. Isso é o que ficou materializado e agora será apresentado, em uma forma que mistura histórias e geografias de crianças e suas vivências...

O mundo é um labirinto!



Júlia (04 anos de idade) – 2010 – Arquivo pessoal da Pesquisadora.

SUMÁRIO

[...] muitas crianças e uma vivência

À GUISA DE INTRODUÇÃO	25
1 “Em um lugar distante daqui... A ansiedade era grande.”	
CAMINHOS PERCORRIDOS	29
1.1 Um convite	36
1.2 O caminho percorrido	38
1.3 Um desafio a enfrentar	40
1.4 Os pequenos fotógrafos	56
1.5 Uma intenção e alguns objetivos	67
2 “Também fazia barulho na nova vida que se iniciava...”	
UMA RUA DO/NO MUNDO RUA: A VIDA DO/NO LUGAR DE PESQUISA - A RUA DARCI VARGAS	69
2.1 O burburinho do LUGAR: Uma Rua do/no MUNDO RUA	74
2.2 A Nova vida que se iniciava: um evento do/no MUNDO RUA	80
2.3 Uma PAISAGEM do/no MUNDO-RUA: estratos temporais	88
3 “Que mundo seria esse que a aguardava?”	
O MUNDO-RUA: LUGAR DE CRIANÇA	100
3.1 MUNDO-RUA: Lugar de encontro com os maiores.	105
3.2 MUNDO-RUA: Lugar de encontro com outras crianças e com as brincadeiras.	114
3.2.1 Algumas brincadeiras que ocorrem no lugar.	119
3.2.2 O Brincar, as Crianças, a Rua e o MUNDO-RUA.	132
4 “O processo de formação dessa criança transporia as fronteiras do convívio de seu lar...”	
MUNDO-RUA: LUGAR DE FRONTEIRAS	145

4.1 Abrindo as fronteiras materializadas	150
4.1.1 MUNDO-RUA: Na zona de fronteira, lugar de encontro com amigos e brincadeiras de outras ruas.	157
4.1.1.1 Vitória: Nas zonas de fronteiras, brincadeiras com os amigos das Ruas José Cabral e Waldir Correia Leal.	157
4.1.1.2 Ketelin: Nas zonas de fronteiras, brincadeiras com os amigos das Ruas José Cabral e Waldir Correia Leal.	164
4.1.1.3 Alisson: Nas zonas de fronteiras, brincadeiras com os amigos das Ruas José Cabral e Antônio Alexandre de Oliveira	167
4.1.2 MUNDO-RUA: na zona de fronteira, lugar de encontro com outras crianças e brincadeiras no parquinho.	172
4.1.3 MUNDO-RUA: na zona de fronteira, lugar de encontro com outras crianças e brincadeiras na escola.	178
4.2 Para além das fronteiras materializadas: Os desafetos.	186
4.2.1 Os Desafetos nos Lugares de Vivência.	187
4.2.2 Os Desafetos nas Zonas de Fronteiras.	194
4.2.3 Os Desafetos nos Espaços Periféricos.	200
<i>“Os nove meses de espera se passaram e aquele pequeno ser fez sua chegada ao mundo...”</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTANDO UM REINÍCIO	204
REFERÊNCIAS	209

(...) Muitas crianças e uma vivência **À GUISA DE INTRODUÇÃO**

“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. (...)”(JOÃO DO RIO, 1908, P.01)



Fotografia 01 – Imagem da Rua Darci Vargas – São João de Meriti – RJ – 2009 –
Créditos: Alisson.

Mesmo correndo o risco de ter meu ato julgado como pouco original, optei por utilizar como epígrafe de cada capítulo, frases de uma mesma obra: *A Alma Encantadora da Rua* de João do Rio, publicada em 1908.

Este autor, ao escrever seu texto, afirmou ter percorrido as ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro como um *flâneur*. Acrescento a sua afirmação: o fez como um poeta! Em suas andanças, descobriu e descortinou vivências de pessoas comuns, quando no centro do Rio de Janeiro iniciavam os grandes projetos urbanistas da *Belle Époque brasileira*.

Por isso, julguei interessante mostrar, através das epígrafes, que, mesmo em tempos e espaços diferentes, o que João do Rio falou sobre aquelas ruas, continua vivo no interior daqueles que as vivenciam na atualidade. Exemplo disso, cito a epígrafe desta introdução, ela poderia ter o, nome das crianças, que comigo pesquisaram, como autores e autoras do seu dizer, pois cada criança, também, é um *flâneur*: cada uma se fez um poeta ou poetiza a percorrer ruas de seu bairro, construindo sua concepção de mundo.

Dos ditos desses novos autores, dos novos tempos que vivemos, recorto um exemplo a ser citado: “*Essa rua é a melhor do mundo...*” disse o Alisson, menino que anda pelas ruas em busca daquilo que julga mais importante - o brincar. Mas há outras falas que vocês lerão ao longo deste trabalho. Por isso, não posso me restringir a uma autoria, como o fiz com João do Rio, pois as outras crianças são também meus autores poetas, mostrando-me em suas falas, com voz, corpo, gestos, e em especial com a fotografia, a importância da rua em suas vivências diárias.

Assim como Alisson, Vitória e Ketelin, também participaram dessa pesquisa além de outras crianças, como Vítor, Larissa, e Lucas, que demonstraram a possibilidade de ser *flâneur* nos dias atuais, como criança em um bairro de uma cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. Elas me mostraram a Rua Darci Vargas como Lugar de Vivência e me descortinaram, além desses espaços, a existência de Zonas de Fronteiras e Espaços Periféricos dentro de seus espaços percorridos- vividos diariamente, do qual denominei MUNDO-RUA.

Para esse trabalho foi possível construir quatro capítulos. Para o título de cada um deles assim como para “À Guisa de introdução” e para “À guisa de conclusão” foi utilizado um recorte do texto “*Uma história, vários lugares, muitas crianças e uma vivência*”. Após cada título, há um subtítulo que surgiu a partir do texto construído com os dados fornecidos pelo campo de pesquisa. As fotografias foram categorizadas como texto, pois considereei imagens e falas como texto das crianças, e após cada subtítulo, aparece a imagem realizada pelas crianças e as notas de campo expandidas. Por fim, segue o texto do capítulo.

No capítulo 1 - **“Em um lugar distante daqui... A ansiedade era grande.”**
 CAMINHOS PERCORRIDOS - discorro sobre o surgimento da questão desde quando eu morava no Espírito Santo e observava as vivências de crianças de lá, mostrando o ensaio o qual realizei com crianças de uma escola pública no município

de Vila Velha- Espírito Santo, em que elas desenharam as ruas onde viviam. Tal ensaio levou-me à mudança na metodologia, por meio da descoberta da fotografia como um bom recurso para trabalhar com crianças, falando sobre os espaços. Além disso, a metodologia utilizada é descritiva, justificando a escolha pela etnografia, e apresentando as crianças como participantes deste trabalho.

O capítulo 2 - **“Também fazia barulho na nova vida que se iniciava...”** *UMA RUA DO / NO MUNDO-RUA: A VIDA DO/NO LUGAR DE PESQUISA - A RUA DARCI VARGAS* - é a apresentação da Rua Darci Vargas como espaço de vivência de crianças e adultos. Nesse capítulo, moradores, tanto adultos como crianças, apresentaram-na sob o ponto de vista de suas percepções de mundo. Além disso, a partir de diferentes recursos metodológicos, foi possível construir parte da história do bairro Vila Rosali e da rua mencionada, com o relato do fechamento desta como área de lazer. O processo de fecha-la para atividades de lazer aparece como evento que muito contribui a fim de que as crianças possam brincar e percorrer os espaços, sem a preocupação com os veículos que por lá trafegam diariamente.

No capítulo 3 - **“Que mundo seria esse que a aguardava?”** *MUNDO-RUA: LUGAR DE CRIANÇAS* - as falas das crianças demonstram a importância da rua como parte de seu MUNDO-RUA, no qual o espaço é lembrado a partir das interações sociais que são possíveis através das brincadeiras com os amigos menores. Aqui, as crianças descrevem as brincadeiras que mais gostam e onde as realizam, fazendo da rua um Lugar de Vivência de crianças.

Mas elas me levaram para além dos limites da Rua Darci Vargas e me fizeram construir o **Capítulo 4 - “O processo de formação dessa criança transporia as fronteiras do convívio de seu lar...”** *MUNDO-RUA: LUGAR DE FRONTEIRAS*. Também me fizeram reconstruir a ideia de fronteira como limite, mostrando-me as *Zonas de Fronteiras* como espaços de brincadeiras com amigos de outras ruas. Assim, este capítulo, cuja formação é basicamente por textos imagéticos, apresenta os percursos realizados pelas crianças durante suas produções de imagem de outras ruas, fora do limite da Rua Darci Vargas.

Por isso, o processo de construção desse trabalho apresenta como resultado duas obras: a dissertação como um dos produtos finais, embora considere que ainda há muito que se investigar sobre o assunto, bem como minha mudança na concepção de mundo, principalmente sobre o mundo da criança, que eu enquanto

pesquisadora, havia ignorado durante vários anos, em trabalhos anteriores.

Considerando isso, faço o convite para que sigam a leitura, lembrando a todo o tempo que as crianças “falam” sobre os lugares com as fotografias, mas também falam de pessoas, das vidas que possuem e compartilham em seu MUNDO-RUA.

1 “Em um lugar distante daqui... A ansiedade era grande” (CAMINHOS PERCORRIDOS)

“A rua é a civilização da estrada. Onde morre o grande caminho começa a rua (...)” (João do Rio, 1908, p.7).

Tudo começou num dos meus primeiros dias de aula naquela nova escola¹. Nunca havia sequer passado por aquela região. A reunião havia terminado muito cedo e um colega de Matemática, morador daquele bairro, falou para mim:

_____ Já conhece nosso bairro? Entre pela Rua Esperança e chegará a um lugar maravilhoso!

Aproveitou, então, para contar sobre suas peripécias do tempo de criança e as transformações espaciais ocorridas no local, percebidas por ele.

Não hesitei. Segui o caminho indicado e cheguei ao local recomendado. Realmente era um lugar muito singular, tornado especial naquele dado momento em que o pôr-do-sol, acontecendo atrás do Moxuara², emprestava-lhe cores e sons suaves.

Os raios solares se refletiam na mistura de água doce do rio Santa Maria³ com as águas do mar. O laranja do reflexo contrastava com o verde do manguezal. O branco dos pássaros, sobrevoando os barcos que acabavam de chegar da pesca, se destacava na imagem que eu buscava captar naquele momento.

No cinza do calçamento da rua, homens conc(S)ertavam redes e música em assovios melódicos, preparando a pesca do dia seguinte.

Ainda naquela rua, as mulheres, com muita destreza e velocidade, desfiavam siris coletados por seus companheiros, numa tentativa incessante de conseguir maior produção em menor tempo.

As crianças estavam geograficamente distribuídas por ali: algumas, num canto, brincando de bolinha de gude; outras, brincavam com jogos de dama das

¹ Escola Municipal Francisco Lacerda de Aguiar – antigo Grito do Povo – em São Pedro, próxima à Ilha das Caieiras (Vitória – ES). Esta escola tem importante lugar na história do bairro.

² Elevação rochosa existente no município de Cariacica – ES e que é paisagem vista em muitos pontos da Grande Vitória, inclusive na região de São Pedro (Vitória).

³ Rio que deságua na baía de Vitória- ES.

mesas da pracinha, enquanto outras disputavam quem conseguiria pular mais alto do píer. A água subia. Começava a maré alta.

Eu estava ali buscando entender, como nestes dias atuais, a rua vivida e sentida tal como no meu tempo de criança, em Guarapari (ES). De repente, ouvi uma voz:

_____ Oi, professora! Você que “dá” aula de Geografia, está perdida por aqui? Conhece o nosso lugar?

Era um aluno meu da quinta série, que estava bem molhado, pois fazia parte do grupo que mergulhava na “maré”...

Quando expliquei o que fazia ali, ele se propôs a me apresentar outros lugares conhecidos: a administração regional; a cooperativa das desfiadeiras de siri e a rampa do *skate*.

Foi um momento tão especial para mim que, nunca pude esquecer daquele lugar. Com o decorrer de alguns dias, já conhecia relativamente a dinâmica local. E até nos finais de semana, eu aproveitava para frequentar os restaurantes da região especializados em frutos do mar.

Anos depois, agora não mais presente naquela escola, que me levou a conhecer o bairro, mas trabalhando em outra instituição, em um bairro nobre da Grande Vitória (capital do ES), retornei ao lugar com alunos de 5ª série (hoje, 6º ano do ensino fundamental). Fazíamos um estudo sobre o crescimento urbano da cidade, e em uma aula de campo, visitamos a Ilha das Caieiras, localizada a Noroeste da baía de Vitória.

Ali, as imagens, vistas há alguns anos, se repetiam: as brincadeiras das crianças no píer e na praça eram as mesmas. No ato de brincar, o legado deixado para as crianças, que se iniciavam nas “novas - antigas” brincadeiras, parecia intacto... Era como se o tempo não tivesse passado...

O encontro entre os dois grupos resultou numa série de surpresas. Para as crianças do local, o estranhamento era em relação ao jeito, ao olhar, às roupas, aos equipamentos de fotografar dos meus alunos. Para eles, tudo era novidade, pois como outras crianças, se relacionavam com o lugar onde moravam: casas com muros baixos, sem portaria para solicitação de autorização de entrada, sem cercas, sem portões, sem limites... O mundo livre para ser vivido! Não era uma rua especial para o momento de férias... Era a rua de casa, rua de experiências trocadas com outras crianças, em sua maioria, vizinhos.

O grupo visitante pertencia às famílias mais abastadas da Grande Vitória, por isso é possível imaginar que suas brincadeiras se davam em espaços específicos para lazer, como *playgrounds*, sítios, ruas de condomínios fechados, casas de praia e montanha, dentre outros.

Quando percebi a reação de meus alunos, ao observarem a liberdade que as outras crianças desfrutavam na rua, alguns questionamentos começaram a me inquietar. Suas interrogações, mudas ou verbais, me transportaram a outras questões. Eles me perguntavam: como aquelas crianças viviam naquela rua sem medo dos assaltos? Como podiam ficar na rua sem um adulto para vigiar? Eu, interiormente, me questionava: como aquelas crianças podiam experienciar a rua de formas tão diversificadas? Quanta diferença na forma de vivenciar o espaço!

As falas de meus alunos apontavam para a rua como um local de passagem. Eles a examinavam pela janela de seus carros ou ainda no condomínio fechado e, normalmente, tinham, por perto, um adulto para cuidar deles.

Tentei ajustar essas percepções e inquietudes às minhas aprendizagens geográficas da graduação acadêmica, mas o que me vinha à mente era uma constatação dolorosa: só estudara sobre crianças em algumas disciplinas da Licenciatura, cursadas como pré-requisitos para formação de professores, numa perspectiva baseada no desenvolvimento por etapas e numa perspectiva adultocêntrica. Isso não me permitia entender claramente, e, sequer me permitia explicar o que acabara de experimentar no encontro de dois grupos de crianças que viviam de forma tão diferenciada.

Essas aproximações, entre crianças em diferentes tipos de infâncias e a rua, foram, posteriormente, aguçadas pelo nascimento de minha filha e a relação que ela me impôs com esse tema. As inquietações, provocadas por aquela aula de campo e avolumadas pela experiência como mãe atenta ao mundo infantil, foram, sem dúvida, primordiais impulsos para o desenvolvimento do presente trabalho.

As conquistas de minha filha em suas relações com o mundo me provocavam e cobravam respostas. Nós duas fomos realizando novas descobertas. E ela explorava o espaço: subia, descia, caía e levantava; eu, aprendendo a aprender com ela, o que até então não era visível pra mim, embora delineado por alunos, senti - me instigada a estudar, a pesquisar interrogações múltiplas.

E as crianças, tornadas mais intensamente companheiras, me convidavam a vê-las, a fazer grandes buscas e muitas descobertas. Meu fazer de professora,

adotou práticas as quais, hoje, reconheço necessárias à produção do conhecimento, com base não mais em intuição ou experiência, mas também em estudos, como o realizado pelos autores Gonçalves e Lopes (2008, p. 47)

O educador precisa se conscientizar de que, mesmo antes de entrar para a escola, o aluno já participa de práticas sociais de letramento. Este vivencia a oralidade e a escrita na sua vida cotidiana através dos eventos comunicativos nas diversas esferas da vida social por onde transita como a família, escola, creche, grupos de amigos, cinema, igrejas, praças, parques, clubes, com o apoio dos diferentes suportes textuais como rótulos, desenhos de TV, jornais e brincadeiras, livros de literatura, revistas em quadrinhos, internet, DVDs, dentre outros.

Às diversas esferas da vida social, citadas pelos autores, por onde transita a criança, ousou acrescentar a *rua* como um espaço de possibilidades de práticas sociais de letramento, pois nela, diversos suportes textuais encontram-se expostos, instigando e apoiando o desenvolvimento da criança.

Penso que as elaborações espaciais e temporais das crianças com e na *rua* se tornam especialmente fascinantes nestes tempos de informação em massa e de movimentos no espaço-tempo cada vez mais rápidos. O resultado dessas informações, disponibilizadas pelos meios de comunicação, se materializam em muitas pequenas pistas: percebi-as, por exemplo, em minha filha que, desde um ano de idade, início do desenvolvimento de sua fala, solicitava a *Barbie*, especialmente em suas incursões na *rua*, quando via o objeto de seu desejo com outras crianças ou nas vitrines das lojas.

Desta forma, em princípio, ver como as crianças em seus cotidianos na *rua*, construíam suas concepções de mundo, se revelou um conjunto de indagações, inquietudes e proposições intelectuais. Buscava entender os ritmos da *rua*, destacando aqueles criados pelas crianças, procurando enxergar neles os reflexos da globalização sobre seus cotidianos. Percebi que a *rua* também transbordava significados para elas, que viviam em seus espaços, um “MUNDO” de possibilidades de leituras.

A estrutura organizacional da *rua*, no atual contexto de cidades, vilas ou quaisquer outros arranjos de moradia e de vivência de sociedades, pode ser bastante provocadora de leituras de mundo: *out-doors*, placas, faixas, letreiros e

outros recursos que incluem a criança no consumo de mercadorias e de serviços, assim como na informação sobre o projeto de vida, sobre a cultura e sobre a organização social na qual a criança vive.

O que era requisitado pela Geografia escolar como uma descrição linear do espaço transitado, a partir do que se considerava um inocente olhar sobre o trajeto escola-casa, hoje se tornou um mirar curioso de professores e alunos sobre o mundo delimitado entre elementos da natureza antropizados, construções, pessoas e máquinas. Mirar este que revela paisagens complexamente elaboradas e descritas.

Na tentativa de verificar a viabilidade de minhas compreensões, ainda tímidas e frágeis, ensaiei entender como crianças recortavam imagens da rua para traduzirem suas visões de mundo.

Conversei com crianças com idade entre seis e sete anos, alunas do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal (rede escolar de Vila Velha-ES). Apresentei-lhes uma imagem do planeta Terra, perguntando-lhes se sabiam o que era. Responderam-me ser o mundo. Apresentei-lhes então uma foto do Convento da Penha e outra da Fábrica de Chocolates Garoto (ambas instituições muito conhecidas no local), perguntando se aqueles lugares ficavam no mundo e se os conheciam. A partir do reconhecimento das fotos e da concordância de que ficavam no mundo, pedi-lhes que me ajudassem a conhecer a *rua* onde moravam, mostrando-me como viam o mundo a partir delas.

As crianças falaram e registraram, livremente, em desenhos, suas visões. Assim, a compreensão e percepção delas, expressas nos e pelos desenhos, acrescidas por explicações, me reafirmaram o convite e o desafio desta pesquisa.

A análise desses dados foi apenas um ensaio, entretanto me apontou possibilidades que acredito serem significativas para professoras/es que, como eu, se interessam pelo estudo das crianças.

As imagens dessa investida em campo revelaram-se tão instigantes e tão impregnadas de uma estética enternecedora que delas fiz uso para ilustrar uma proposta de estudo, acreditando em sua provocação para agregar novos leitores de suas visões de mundo. A partir delas, fiz as seguintes leituras, especializadas e datadas:

Os desenhos e as conversas das crianças me permitiram “ver” o mundo de duas formas diferentes, embora visto da janela de um prédio: uma criança me mostrou uma casa colorida, lá em baixo, como uma promessa de maior liberdade de movimento, na rua; outra criança, me revelou o movimento da rua, em filas de carros, desenhados numa perspectiva correta (do meu ponto de vista) – talvez de tanto ver de longe e do alto...

As falas dessas crianças revelam preocupações de seus pais, que as intimidam sobre a rua, apresentada como perigosa e “malvada”; daí, a opção de manutenção das crianças no parque do condomínio ou no sossego, aparente e distante do caos, no interior dos apartamentos em que moram e de onde observam o mundo da rua à distância. Sua visão, por isso, é muito diferente de crianças soltas nas ruas, moradoras de casas mais simples, no bairro próximo.

Outros desenhos explicavam a rua a partir da televisão, conectada ao mundo pela importante antena que se projeta para o céu e para além do prédio. A tela da televisão retratava a rua, visitada muito mais por meio dela, do que pela andança da criança. Na tela, aparecem pessoas, talvez dizendo da solidão de quem as inveja, por estarem andando livres no espaço aberto. A criança diz gostar de televisão, mas que gosta mais de “sair”...

Um desenho, em especial, chama a atenção, por sua tentativa de “ver” diferenças entre as casas e prédios, postos lado a lado: rua desenhada numa perspectiva frontal muito definida. O “artista”, tal como numa fotografia, busca a reprodução fiel, sem dispensar sua regência na arte da “tomada” feita. A rua representada expõe sua noção de organização do espaço, na visão horizontal efetuada, que garante a limpidez do que quer demonstrar como visto.

As crianças contam, em narrativas cheias de histórias do seu dia-a-dia, como o mundo dos adultos convive com o mundo que veem e vivem. Há a história de uma menina que revela sua paixão pela brincadeira da amarelinha, enquanto outra criança destaca flores, nuvens, pássaros e pessoas, numa visão de mundo do prédio onde mora, que é só um emaranhado de riscos...

Naquele momento, apesar de entender que realmente a *rua* era, de alguma maneira, importante na vida daquelas crianças, alguns entraves encontravam-se na articulação entre minhas leituras e práticas, pois não consegui “enxergá-las” como autoras de suas falas e sequer autonomia delas, nesta empreitada solitária e sem conhecimento teórico bastante para entendê-las sob uma perspectiva diferente daquela aprendida por mim, durante a graduação.

Mantive grande apego às minhas análises dos desenhos, na tentativa de interpretar suas imagens e nem valorizei suas falas tanto quanto mereciam. Não seria isso o resultado de um modelo adultocêntrico, impregnado em formas próprias de ver a criança? Não estava eu ensaiando uma pesquisa *sobre* crianças e não *com* crianças?

Percebo, hoje, outros problemas no ensaio. Dentre eles, aquilo ,porém, a questão dos desenhos. Por mais fiel que fosse a representação da *rua*, desenhada pela criança, era quase impossível visualizá-la de forma mais real. Era um exercício de imaginação, pois não conhecia todas as ruas nas quais aquelas 20 crianças moravam.

Como fiz registros fotográficos daquele momento de produção de desenhos, passei a me questionar se cada criança levasse para casa uma máquina fotográfica e me trouxesse imagens fotografadas da rua, poderíamos conversar melhor sobre ela. Mas como acompanhar os registros fotográficos? Como justificar, junto aos pais, suas saídas para a rua com máquinas em mãos? Como fotografar a rua que, para alguns, era uma ameaça?

Assim, busquei nos referenciais teóricos sobre fotografia, quais seriam as vantagens e desvantagens desse recurso, tentando averiguar se realmente seria interessante, do ponto de vista metodológico, sua utilização.

E o tempo foi passando...

A mudança

A partir dessas inquietações, busquei investigar a relação entre as crianças e a rua, buscando como recurso a fotografia. Entendi que o mestrado seria um bom caminho para viabilizar as investigações. A possibilidade de cursá-lo na Universidade Federal Fluminense, assim como novas buscas de realização profissional, promoveram uma mudança no sentido literal da palavra: mudei-me de Vila Velha - Espírito Santo para o Rio de Janeiro.

Não havia intenção inicial de morar longe da Universidade, mas não poderia ignorar a necessidade de apoio dos familiares que moravam em São João de Meriti, visto que, “uma mudança sempre é uma mudança”. Assim, a ideia inicial foi modificada e a proposta de morar na Baixada Fluminense foi se tornando algo mais possível.

Até chegar a essa decisão, algumas viagens entre Espírito Santo e Rio de Janeiro foram realizadas, numa dessas viagens, pude presenciar algo novo para mim, o que mais uma vez promoveu uma grande mudança, agora do local de pesquisa. Era a descoberta de

uma nova rua: um convite, um desafio a enfrentar e um caminho a percorrer, juntamente aos pequenos fotógrafos.

1.1 Um convite...

Era um período de férias, mês de dezembro. Estava tudo muito incerto: a mudança de estado, cidade, trabalho, família, amigos...

Não conhecia muito bem aquelas pessoas e nem o lugar - muito menos suas normas e regras. Mesmo com um olhar de estranhamento ao novo, sabia que havia um ritmo diferente do que eu havia presenciado anteriormente, enquanto visitante na casa de um membro da família.

Dentro da casa ouvia-se a gritaria das crianças. Lá fora, era possível ver umas crianças andando com patins, outras circulando de bicicletas, crianças jogando bola e outras brincando ou apenas observando o colega a brincar... com pipas. Não sei ao certo quantas crianças estavam lá, mas posso afirmar que não eram poucas.

Alguns adultos também estavam por ali: sentados em cadeiras sobre a calçada e debaixo de uma árvore, buscando sombra - afinal, estava começando o verão, numa cidade em que as médias térmicas, chegam a 28° C, e com temperatura máxima diária nessa estação de até 42° C.

Também as crianças que ainda não andavam, faziam parte daquele cenário, pois o cercadinho⁴ estava montado na calçada para que as pequeninas participassem do mo(vi)mento.

Curiosa, busquei informações sobre o que estava acontecendo naquela agitada rua. Foi quando me informaram que, como era domingo, a rua estava fechada. Vale destacar que tudo era muito novo para mim, pois de onde acabara de chegar, isso não acontecia: rua fechada por cones de trânsito ou por cordas (amarradas entre os postes de energia elétrica), para que crianças pudessem brincar à vontade, sem que carros e motos comprometessem a integridade física delas tampouco atrapalhassem suas brincadeiras.

⁴ Artefato também conhecido, em outros lugares, como chiqueirinho, que serve para manter as crianças com liberdade limitada, objetivando que brinquem ou que descansem com maior segurança. .

Busquei mais informações sobre o fechamento da rua, e logo soube da existência de um documento da prefeitura que autorizava tal situação, ajudando a minimizar as divergências entre motoristas de outras regiões e a população local.

Outro artefato interessante era a presença de uma mangueira, ou melhor, conforme se fala por aqui, de uma borracha, que ficava pendurada sobre o muro de uma casa, liberando água para a rua. À medida que o calor aumentava, as crianças corriam para debaixo dela e, imitando um chuveiro, banhavam-se, resfriando o corpo e renovando as energias para a próxima brincadeira.

Até então não havia percebido que, no chão, as marcações de tinta delimitavam um espaço para jogos. Ao entardecer, jovens e adultos amarravam uma rede de vôlei e aquele espaço, anteriormente dominado por crianças, agora possibilitava a brincadeira de outros grupos de pessoas. A nova organização e ocupação daquele lugar não expulsaram as crianças do local: elas reorganizaram o espaço no entorno da “quadra de vôlei” e a brincadeira continuou.

Procurei entender como uma rua que pertence a segunda maior região metropolitana do país, Rio de Janeiro, se transformava integralmente em área de lazer e aprendizagem de crianças. Relembrei a rua da Ilha das Caieiras, em Vitória-ES, onde as crianças brincavam livremente pulando do píer e se resfriavam com a água da maré, enquanto outras ficavam espalhadas pelos cantos e recantos, fazendo das brincadeiras suas práticas sociais, como afirmam Gonçalves e Lopes (2008, p.47), ao lembrarem que *“No seu cotidiano, as crianças comunicam-se e interagem com essas práticas sociais de letramento, em diversas relações sociais, ou seja, já apresentam uma forma de ver e compreender o mundo”*.

Descobri, assim, um novo campo para o desenvolvimento da investigação. Deparei-me, então, com uma possibilidade de ampliar a pesquisa desejada, com base no que aborda Carlos (1996, p.29), ao afirmar que *“No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social [...]”*.

Então, o recorte dessas dimensões trouxe para mim uma indagação permanente, como doce convite e intenso desafio: **como crianças conseguem fazer de suas ruas uma extensão do que era para mim o quintal de casa? Que aprendizagens são elaboradas na rua, como um espaço onde a vida acontece?**

Assim, mesmo que a Geografia apresente várias categorias de análise do espaço, e ainda que algumas delas apareçam no decorrer deste trabalho, foi na categoria “LUGAR” que encontrei o *“lugar”* de aproximações necessárias para a

compreensão da rua, enquanto espaço de aprendizagem, considerando as vivências de crianças na constituição de suas infâncias.

1.2 O caminho percorrido

Para o desenvolvimento desse trabalho, pareceu-me bastante coerente e propícia a aplicação de uma pesquisa qualitativa, numa abordagem que sustentasse uma interação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa – no caso, crianças. Apontarei a seguir, dialogando com Bogdan e Biklen (1994), as características desse tipo de pesquisa, assumida na jornada proposta:

1. Na pesquisa qualitativa, o ambiente natural consiste na fonte direta de dados: é onde acontecem as coisas e o pesquisador não ignora os processos ali ocorridos. No caso proposto, um trecho da Rua Darci Vargas, no bairro Vila Rosali, em São João de Meriti, no Rio de Janeiro, foi o ambiente que forneceu os dados.
2. A investigação é descritiva: no caso, usei imagens (fotografias) e palavras (fala das crianças) e não dados quantitativos. Os dados foram produzidos no ambiente natural (a rua) a partir da transcrição de entrevistas com crianças e adultos, notas de campo, fotografias (realizadas pelas crianças), documentos pessoais e outros registros oficiais.
3. Nesse tipo de pesquisa, o investigador se interessa mais pelo processo do que pelo simples resultado.
4. O investigador qualitativo analisa os seus dados de forma indutiva, sem hipótese prévia. Não recolhe dados ou provas com objetivo de confirmar hipóteses, visto que para o investigador, elas não existem.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa: aqui a preocupação é no modo como as pessoas dão sentido às suas vidas.

Dentre as abordagens deste tipo, optei pela pesquisa etnográfica, considerando a aproximação entre as características deste estudo e aquelas sinalizadas por Geertz (1989, p. 21), quando afirma que:

Assim, há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa, o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis (...). Há ainda, em adiantamento, uma quarta característica de tal descrição: ela é microscópica.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida em três momentos, não lineares, mas simultâneos no decorrer do processo:

- A) Uma pesquisa bibliográfico-documental que propiciou o suporte teórico-metodológico para: a abordagem de crianças; a compreensão das fotografias; a fundamentação conceitual dos fenômenos e processos espaço-temporais envolvidos no estudo, assim como fundamentou a análise dos dados produzidos na pesquisa, em relação ao contexto global/local da educação.
- B) Uma pesquisa em campo, na Rua Darci Vargas, localizada no Bairro Vila Rosali, município de São João de Meriti - Baixada Fluminense - Rio de Janeiro, na qual os principais sujeitos foram as crianças participantes das vivências daquela rua, embora outros, no caso os adultos, tenham sido ouvidos e considerados como colaboradores deste estudo.

O espaço-tempo de 01 (um) ano e 06 (seis) meses foi utilizado para oportunizar o contato inicial e para o desenvolvimento da pesquisa de campo, que se consistiu em algumas etapas:

- Observação do campo, em especial nos dias de domingos e feriados (quando a rua é fechada, a fim de propiciar o lazer), com o objetivo de me inserir no campo e conhecer melhor as rotinas das crianças que ali convivem.
- Construção da história da rua, a partir de depoimentos dos moradores antigos, para maior compreensão do espaço geográfico desta atualmente.
- Múltiplos encontros com essas crianças, tanto através de entrevistas coletivas e individuais, como para a obtenção de imagens representativas de leituras de “MUNDO-RUA”. Tais imagens foram obtidas por meio de máquina fotográfica digital. As fotografias foram

feitas pelas próprias crianças, junto com a pesquisadora, mas sem intervenção desta. A compreensão das imagens fotográficas exigiu situações de diálogos com as crianças, visando legitimar as compreensões de suas leituras de “mundo-rua”. Além disso, exigiu a formulação de critérios que justificassem entendimentos por parte da pesquisadora, baseados em bibliografia especializada, em especial, Bakhtin (1986 e 2003).

- C) Análise e discussão de dados: as orientações para a escrita das pesquisas, nesta abordagem, sugeriram que os dados coletados fossem associados a uma densa leitura teórica, de forma a produzirem novos conceitos que significassem avanços na construção do conhecimento (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Os sujeitos dessa pesquisa são 06 crianças (03 meninas e 03 meninos), entre 05 e 11 anos de idade, que brincam nessa rua, principalmente nos dias de fechamento: domingos e feriados, entre 8:00 e 18:00 horas.

O elevado número de crianças na rua e a grande rotatividade de suas famílias no bairro são compatíveis à alta densidade demográfica e pela condição de população flutuante do município a que pertence. Essas condições dificultaram a escolha dos sujeitos da pesquisa. Para resolução de tal situação, tornou-se necessário buscar nas observações de campo o caminho para a questão: a seleção teve como critério, aquelas crianças que faziam, constantemente, parte daquele lugar, ou seja, as que normalmente estavam brincando na rua.

1.3 Um desafio a enfrentar

Vivemos um momento de transições paradigmáticas (SANTOS, 1996) e, dentre essas mudanças, incluo o entendimento de infância que permeia o imaginário social, desde sua concepção a partir da modernidade (ARIÈS, 1979), e que permanece até hoje, embutida no cotidiano das sociedades.

Essa concepção também se envolve em novas questões, suscitadas por pistas geradas nestes novos tempos. A Antropologia, assim como a recente Sociologia da Infância, tem se preocupado com a quebra de antigos modos de ver as crianças e suas infâncias.

Segundo Silva et all (2002, p. 19):

[...] até então, perduravam conceitos evolucionistas que confundiam as etapas de maturidade biológica e o desenvolvimento social, considerando toda e qualquer atividade da criança como importantes apenas à medida que forneciam indicações sobre a sua futura participação e integração no mundo dos adultos. O modelo de desenvolvimento infantil construído por Jean Piaget a partir da década de 20 é crucial para entendermos a formulação dessas ideias, uma vez que as influenciou e, simultaneamente, foi influenciado por elas.

Esses autores, em sua afirmativa, revelam que essas teorias se baseiam no pressuposto de crescimento natural e em etapas, “evoluindo da simplicidade para a complexidade, do irracional para o racional”, delimitando a forma de desenvolvimento e atendendo ao modelo adultocêntrico (SILVA, 2002, p.19).

A Psicologia, como detentora de maior número de estudos sobre crianças, muito investigou sobre o imaginário infantil, principalmente, nas correntes Psicanalítica e Construtivista. Sarmiento (2002, p.2) afirma que:

[...] se para Freud o imaginário infantil corresponde à expressão do princípio do desejo sobre o princípio da realidade, sendo o jogo simbólico uma expressão do inconsciente, para Piaget, o jogo simbólico é a expressão do pensamento autístico das crianças, progressivamente eliminado pelo processo de desenvolvimento e construção do pensamento racional.

Considerando essa indicação, é possível acreditar que, apesar das diferenças essenciais entre os estudos dessa ciência, o imaginário infantil é concebido como a expressão de um *déficit* – as crianças *imaginam* o mundo porque carecem de um pensamento objetivo ou porque os seus laços racionais com a realidade são imperfeitos. Por isso a criança é: o que não apresenta condição de

fala (infans); o que não trabalha; o que não tem direitos políticos e outras tantas denominações, que sempre a caricaturizam como “INCAPAZ”.

Dessa forma, essas teorias modernas, baseadas no evolucionismo, forneciam suporte teórico às antigas percepções de infância que se propagaram e continuam se alastrando dentro de nossa sociedade. Porém, tais teorias não puderam colaborar para a diminuição de muitas mazelas que surgiram no cotidiano, como: o crescente número de crianças infratoras; exploração do trabalho e da prostituição infantil; o aumento da delinquência juvenil; a fome; a miséria e a desassistência das crianças.

A partir da década de setenta, esses problemas mobilizaram as atenções nacionais, promovendo pesquisas e transformando as questões da infância pobre em problemas jurídicos. Assim, deu-se o início da entrada das Ciências Sociais, em torno das questões relacionadas com a infância no país, reunindo os interesses de pesquisadores de várias áreas.

Este fato não foi exclusivo do Brasil. Como a ciência moderna não dava conta de responder àquelas questões, surgiu, principalmente na Inglaterra, Noruega e Dinamarca, a Antropologia da Criança e da Infância, que ganhou força na década de 90, do século XX, em suas tentativas de responder às questões ou de apontar propostas de enfrentamento a estas. Esse novo paradigma se contrapõe à ideia de que as crianças são receptoras passivas da ação dos adultos, no processo de socialização, buscando resgatar a autonomia da criança, através de seu discurso (DELGADO E MÜLLER, 2005). Neste sentido, Borba (2006, p.3) faz o alerta de que esses estudos:

[...] vêm fornecendo valiosa contribuição para um redirecionamento do olhar sociológico e antropológico sobre a infância, focalizando as crianças-vistas como grupo social e atores sociais que constroem formas específicas de compreender e agir sobre o mundo-, e não mais apenas nas instituições e nos adultos como agências socializadoras.

Com base nessas novas perspectivas, buscar entender com as crianças (como grupo social, formado por atores sociais) a importância do MUNDO-RUA (como espaço não institucional) é buscar compreender suas formas de agir sobre o

mundo, a partir das suas próprias vivências na rua. Para tanto, ouse dialogar com Dostoievski (2004, p. 16):

É muito fácil imaginar que pai e educador sairiam de tal homem. Sucedeu o inevitável: ele abandonou completamente o menino criado por Adelaide Ivânonvna, não porque tivesse raiva da criança ou por qualquer ressentimento de esposo ultrajado, mas simplesmente por ter esquecido sua existência...

O esquecimento da criança, pelo seu próprio pai Fiódor Pávlovitch, relatado no romance de Dostoievski, instiga pensar sobre a criança estudada pela ciência: aquela sem expressão e vontade, sem organização própria. Enfim, a criança sem voz que, durante muito tempo, apareceu nas pesquisas com perspectivas naturalistas. Entendendo que essa criança silenciada acabou esquecida, sem existência, considero que o silêncio aqui percebido carrega o som do “**silêncio Bakhtiniano**”, que segundo Amorim (2002, p.7), “... é um silêncio de vozes caladas...”

Assim como outros grupos também esquecidos, o da criança só pode ser escutado quando a ela é dado o direito de ser ouvido, visto que, a criança tutelada pelo adulto, dependerá sempre dele para reivindicar seus direitos. Mas para que isso aconteça, faz-se necessária sua compreensão a partir da Sociologia da Infância, acrescentando outras palavras no vocabulário da ciência a fim de que sejam usadas por toda a sociedade.

Por isso, ouvir a criança falar da rua com a fotografia significa oportunizar o ouvir as vozes delas. Compreendê-las não como indivíduos inacabados, e sim, implica entendê-las como quem lê e como quem busca entender o mundo no qual, com outras crianças, e também com adultos, se desenvolve e constrói formas de agir sobre, no e com o mundo.

Analisando esse novo paradigma, em que a criança é entendida como ator social, torna-se possível a compreensão de que existem as “*culturas da infância*”, que ocorrem principalmente na relação dessas com seus pares. Borba, (2006, p.3) afirma que:

(...) partilhando os mesmos espaços e tempos e o mesmo ordenamento social institucional, as crianças criam conjuntamente estratégias para lidar

com a complexidade dos valores, conhecimentos, hábitos, artefatos que lhe são impostos e, dessa forma, partilham formas próprias de compreensão e de ação sobre o mundo. Cria-se assim um sentimento de pertencimento a um grupo- o das crianças- e um mundo social e cultural por elas agenciados nas relações entre si.

Essa autora ainda acrescenta que “Esses estudos têm contribuído significativamente para revelar que as crianças, por meio das relações com seus pares, e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo” (BORBA, 2008, p. 78).

Sarmiento (2002 apud Delgado e Müller, 2005) apresenta quatro bases das culturas das infâncias:

- 1- Interação: As culturas das infâncias muito se aproximam das culturas populares, pois possui autoria coletiva. Todos os membros da comunidade participam.
- 2- Reinteração: Não há uma medida de controle do tempo para as crianças, considerando que o tempo sempre pode recomeçar.
- 3- Ludicidade: Mesmo que adultos e crianças brinquem, a diferença é que para a criança o brincar é coisa séria. Nessa seriedade a criança se adultiza.
- 4- Fantasia: O imaginário não é sinal de incompetência ou de incompletude, mas sim, uma condição para experimentar outras possibilidades de existência.

Vale ressaltar que, para Sarmiento (2002):

(...) *As culturas de infância* não são construídas apenas por crianças e seus pares, as *culturas para crianças* - aquelas construídas pelo adulto para a criança, sob a ótica adultocêntrica - também se encontram imbuídas no processo de significação e por isso se tornam responsáveis pela produção de culturas infantis.

Dessa forma, explicitando as diferentes concepções de infância deste momento atual, contextualizo a criança participante de minhas investigações durante essa pesquisa. Aquelas que cotidianamente me cercaram e entrelaçaram suas leituras de mundo, através da linguagem, construindo suas culturas de infância de forma extremamente intensa. São as crianças que brincam na rua, construindo um sentido coletivo daquele lugar junto com seus pares. Foerste et all (2008, p.1), afirmam que:

(...) a criança, em seu processo de formação e interação social, constrói paulatinamente conceitos a partir do complexo uso dos órgãos dos sentidos: no tato, apalpando, afagando, apertando (...); no paladar, degustando, rejeitando, provando (...); pelo olfato; pela audição e pela visão (e talvez ainda pelo sexto sentido). A música, o desenho, a história, o jogo, a brincadeira, o aconchego do colo, a troca de olhares, entre outras mediações semióticas, possibilitam as primeiras relações sistematizadas com a cultura a partir do contexto em que se encontra o sujeito.

Os materiais visuais, sonoros, gestuais estão presentes no cotidiano da criança. Como formas expressivas e comunicativas, favorecem o processo de socialização. Imagens são facilmente identificadas pelas crianças, expressões e gestos são rapidamente entendidos, ruídos são identificados.

A afirmação desses autores, somada aos estudos da Sociologia da Infância, transportam-me à teoria da Filosofia da Linguagem, desenvolvida por Mikhail Bakhtin, principalmente à importância dos signos, enquanto parte do processo interindividual do homem (Bakhtin, 1986). Este autor sustenta que “... trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural”⁵ no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se (*idem p.35*).

Este autor acrescenta ainda que, a existência do signo, nada mais é do que a materialização da comunicação social e que a significação é a expressão da relação do signo (enquanto realidade isolada), com uma outra realidade por ela substituível, representável e simbolizável. Logo, a função do signo é a significação. Neste ponto, vale destacar a importância da linguagem: “Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem”. (BAKHTIN, 1986, p.36).

Morato (2000, p.154) reforça que os sentidos são construídos através da linguagem, no compartilhar com o outro suas experiências, pois:

Se o mundo se nos apresenta simbolicamente, parece intuir Vigotski, não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínios do

⁵ A sociedade, evidentemente, é também uma parte da natureza, mas uma parte que é qualitativamente distinta e separada dela e possui seu próprio sistema de leis específicas. (Bakhtin 1986, p.35)

pensamento fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora dos processos interativos humanos.

Ainda segundo esta autora, tanto Vigotski quanto Bakhtin, não concebem a linguagem simplesmente como signo. Segundo ela, “eles a concebem como ‘trabalho’, como ‘atividade’, como ‘processo’, como ‘ação’ sobre o pensamento e sobre a cultura.” (MORATO, 2000, p.151). E acrescenta:

O que Vigotski traz com uma força intempestiva para a pesquisa atual é a ideia de continuidade (não apenas funcional ou estrutural, mas sónica) entre cognição e linguagem, entre linguagem e cultura, entre cultura e arte, entre arte e política. Essa espécie de continuidade, todavia, é solidária a um movimento descontínuo típico do domínio empírico que lhe dá continente e sustentação. Trata-se, pois, de uma descontinuidade advinda da natureza dinâmica, interativa e fluida da intersecção de vários movimentos de sentido e de diferentes objetos simbólicos (linguagem, sujeito, cognição, história), responsável pela relação de interpretância que o homem mantém com as referências do mundo social, ou com a história. (MORATO, 2000, p.155)

Considerando a linguagem como peça fundamental na construção social, pois é responsável pela interação dos signos entre indivíduos de mesmo grupo, os estudos de Bakhtin constituem aporte teórico para aqueles que querem estudar a criança como produtora de *culturas de infância* e como criatura autônoma a partir de seu discurso.

O caminho aqui percorrido, inclui o discurso da criança dentro da pesquisa, valorizando sua voz. O pesquisador deve considerar o texto como “(...) a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências) (...)” e como um “(...) conjunto coerente de signos (...)” que, enquanto objeto de pesquisa, são “pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos.” (BAHTIN, 2003, p. 307).

Assim, concordando com o alerta de Delalande (*apud* Borba 2006, p.6) de que não se exagere na diferenciação entre o grupo “*criança*” e o grupo “adulto”, como se fosse uma tribo à parte, a inserção plena do adulto pesquisador dentro desse grupo se faz necessária para a apreensão de significados, tal como afirma Delgado e Müller, (2005, p.3):

Quando trabalhamos com pesquisa etnográfica fazemos uma apreensão dos significados de um grupo, mais especificamente de um grupo de crianças, e isto nos convida a trabalhar com uma ciência irregular, plural (...) precisamos conviver com as incertezas nos estudos das crianças, agora não mais compreendidos como sujeitos passivos, na apreensão dos programas culturais de governo dos seus comportamentos. Elas são capazes de burlar algumas regras e normas dos adultos e criam entre elas verdadeiros sistemas culturais de apreensão de significados do mundo que ainda necessitamos estudar e compreender.

É a partir da compreensão e da importância da apreensão dos significados dados ao mundo pela criança que a etnografia se firma como interessante metodologia de pesquisa nos estudos com crianças.

Bakhtin (2003, p. 304), destacando a importância do gênero do discurso, aponta para a relevância dos estilos da linguagem para a mudança de paradigmas, argumentando:

[...] também em outros períodos em que se colocava a tarefa de destruir os estilos e concepções de mundo oficiais, que se haviam petrificado e tornado convencionais, os estilos familiares ganham uma grande importância na literatura. Além disso, a familiarização dos estilos abre acessos para a literatura às camadas da língua que até então estavam sob proibição do discurso.

Caminhando nesse novo paradigma, penso que essas informações parecem confirmar o que o estudioso aponta sobre as pesquisas em ciências humanas: "(...) Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo)." (BAKHTIN, 2003, p.309).

Em outro momento, acrescenta:

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc). (BAKHTIN, 1992, p. 334)

Percorrendo uma trajetória em que o homem é entendido como um ser histórico e social, que se constrói como sujeito nas relações dialéticas com o mundo, mediadas pela linguagem, Bakhtin (1988, p. 150) se preocupa com as ciências sociais, pois ao discutir epistemologia, esse autor acrescenta que as ciências naturais têm como objeto a natureza coisificada, enquanto que as ciências humanas têm como objeto a palavra do outro.

Ao encontrar o lugar, Rua Darci Vargas, com toda sua organização e relações entre pessoas, nas quais signos eram compartilhados entre aqueles que participavam das vivências do grupo, decidi, inicialmente, descrever a partir de documentos oficiais, a história do surgimento do lugar. Todavia, isso não foi possível acontecer, pois os registros oficiais encontrados, ainda no processo de produção, falavam sobre a história da cidade e do bairro, mas não deixavam claro o processo de desenvolvimento da rua, tornando-se necessário uma construção da história do lugar.

Procurei entender as negociações, o valor que cada um expressa sobre a rua onde vive, empreendendo uma busca de um caminho metodológico que me permitisse compreender os signos ali construídos, com o decorrer dos anos de experiências compartilhadas na rua, visto que “Quando estudamos o homem, buscamos e encontramos o signo em toda parte e devemos tentar compreender sua significação.” (BAKTIN, 1992, p. 334).

Dessa forma, as falas dos moradores mais antigos da Rua Darci Vargas colaboraram para a construção de parte da história do lugar. Esse procedimento está coerente com o que ensinam Fortunato e Ruscheinsky (2004), sobre o emprego da metodologia da História Oral ao indicá-la como adequada para os estudos sobre a espaço urbano e para compreender os significados da vida cotidiana. Esses autores ainda afirmam que “A riqueza da pesquisa com esta metodologia está na ênfase e importância atribuída ao sujeito da história, construtor de seu destino, entre possibilidades e limites”. (FORTUNATO; RUSCHEINSKY 2004, p. 25).

A História Oral, segundo Alberti (2004):

É um método-fonte-técnica de pesquisa que produz fontes de consulta sobre acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, a partir de sujeitos envolvidos com o objeto da pesquisa e não pretende um “resultado”, assim

como não apresenta receitas prontas sobre o seu fazer: é do campo que emergem seus "achados".

Por sua vez, Bom Meihy (2000, p.16) entende que:

História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Para Fortunato e Ruscheinsky (2004, p. 26), os fatos relevantes encontrados na memória, considerada subterrânea, podem estar à margem da História oficial. Segundo eles, essa "metodologia em análise prima em registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais" (FORTUNATO; RUSCHEINSKY 2004).

Tal como asseveram os autores, foi possível perceber essas emoções nas narrativas daqueles que vivem a Rua Darci Vargas. As nuances de intensidade emprestam um colorido diferente às falas daqueles que viram seu crescimento ou que, até mesmo cresceram com ela. Assim, sendo especialmente emocionadas e emocionantes quando emitidas por aqueles que, nasceram, cresceram e constituíram família no bairro, vivendo ali até hoje, fazendo parte daquela paisagem. É nesse contexto que esse tipo de metodologia se torna importante em investigações sobre o espaço urbano, pois:

Muitos dos relatos obtidos por fontes orais dizem respeito a fatos não registrados por outros tipos de documentos, a fatos cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulos diversos. A busca de dados através de narrativas, como parte imprescindível para a elaboração do documento de pesquisa, coloca uma importante questão: a veracidade das informações obtidas. Recorremos aos relatos orais como principal fonte de análise e reflexão para consolidar uma investigação no campo das ciências sociais, buscando, assim, demonstrar o importante papel por eles desempenhado na construção de uma cidade mais justa e democrática. (FORTUNATO e RUSCHEINSKY, 2004, p.25.)

Ao usar entrevistas não estruturadas como metodologia de produção de dados, optei por um estilo de expressão dos sujeitos da pesquisa que chamarei de narrativas. Neste sentido, vali-me do conceito de narrativa expresso por Alves (2005, p. 6) que assevera:

[...] as narrativas, originadas de “conversas”, “depoimentos” ou “escritos pessoais”, formando um tipo especial de texto, vêm permitindo desenvolver tanto as metodologias próprias da história oral e da história de vida, como uma história de biografias de pessoas comuns, acumulando dados de um caráter antropológico, etnográfico e sociológico, o que faz ressaltar a posição transdisciplinar da educação, bem como a importância dos dados assim obtidos para esse tipo de pesquisa.

Considerarei, da mesma forma, que não estando interessada em apenas descrever fatos e espaços, posso valer-me do respaldo dessa metodologia, conforme o dizer de Alves e Garcia (2002, p. 74-277):

Parece-nos necessário observar que a narratividade, a história narrada, não significa um retorno à “descrição” que marcou a historicidade na época clássica, pois, ao contrário dessa, não há na primeira a “obrigação” de se aproximar da “realidade”, mas sim de criar um espaço de ficção, aparentemente se subtraindo à conjuntura de dizer “era uma vez...”

Isso significa que as narrativas dos sujeitos pesquisados adquirem um valor que ultrapassa a frieza de dados colhidos em documentos legais, estatísticos e oficiais, resgatando as histórias da rua as quais me interessam pesquisar.

Assim, além dessas fundamentações, esta pesquisa resgata, nos conceitos geográficos: fundamentos para que as falas das crianças expressem em suas vivências; a importância da rua para os seus modos de ser criança em determinado lugar, e que os adultos narrem suas histórias de vida para além de uma mera descrição.

Consequentemente, compreendi que, de modo diverso do que fiz no ensaio, indo à escola para que as crianças me falassem sobre a rua, seria a própria o lugar ideal para o desenvolvimento da pesquisa. Foi então que, considerando a mudança

do Espírito Santo para o Rio de Janeiro, e a descoberta da possibilidade de um novo campo de pesquisa, a Rua Darci Vargas, no bairro Vila Rosali, em São João de Meriti - Rio de Janeiro foi escolhido como área para o desenvolvimento da investigação.

Além disso, a facilidade de possuir familiares, moradores daquela rua, contribuiu, e muito, no desenvolvimento da pesquisa, pois eles indicaram, não apenas, quais eram os moradores mais antigos e quais as crianças que moravam na rua. Também me apresentaram aos pais delas, os quais me reconheceram como alguém que, de alguma forma, possuía vínculos com os moradores da rua, autorizando-me, por conseguinte, a pesquisar com suas crianças. Esses moradores também contribuíram na construção escrita da história da rua, fornecendo-me fotos e documentos pessoais, revelando suas histórias de vida.

As experiências com desenhos feitos por crianças na escola e os entraves encontrados no uso de desenhos, que me impulsionaram a buscar novos referenciais teóricos, foram de grande valia, pois assim compreendi a importância do uso da fotografia como recurso metodológico para a compreensão da rua. Com as palavras de Kossoy (1989, p.22), considero que ela “(...) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos expectadores ausentes da cena (...)”.

Se no ensaio, a dificuldade era compreender como a rua se apresentava em seus aspectos físicos, mesmo com todo o significado das falas das crianças, a fotografia, por sua vez, permitiu-me a compreensão mais intensa de como as crianças vivem a rua, mesmo para quem estivesse ausente das cenas das ruas, porque estaria apoiada por imagens daquele espaço, uma vez que “As fotos fornecem um testemunho. Algo que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto.” (SONTAG, 2004, p. 16)

Segundo Kossoy (1989), “a fotografia é um corte no tempo e no espaço. Sua execução parece captar o tempo e o espaço, representando o que acontece num dado lugar e num dado tempo, conjugando-os numa imagem”. Assim, entendendo a criança enquanto sujeito da pesquisa e co-participante dela, compreendi que as fotografias deveriam ser realizadas pelas próprias crianças, que assim o fariam de seus lugares na rua.

A partir dessas concepções, inseri-me no campo e, depois de muitas observações, realizei uma entrevista coletiva para conversar com as crianças sobre

suas relações com a rua. Este momento foi propício para verificar suas habilidades com o artefato apresentado: a máquina fotográfica.

A entrada no campo, mesmo que considerando algumas facilidades, me estimulou a mais uma vez rever o trabalho pois, ao iniciar a realização de fotografias, a primeira criança, Vitória de 06 anos de idade, apresentou-me muitas outras formas de ver a rua, agora realmente pelo olhar da criança. O campo, com essa primeira criança, não desviou meu olhar geográfico sobre o espaço, mas ampliou as possibilidades de ver a rua.

Se no início da pesquisa, pensei em compreender a Rua Darci Vargas porque era fechada durante alguns momentos para atender ao lazer, essa criança me mostrou que, seu espaço de vivência ultrapassava os limites da rua fechada, apropriando-se dela quando também estava aberta e mais, percorrendo ruas vizinhas, parquinho e casa de colegas distantes.

Considerando essas afirmações, Vitória, primeira criança que participou da pesquisa fotografando, falou dos lugares que gostava na rua, encaminhando-me a um conceito prévio do que denominei “MUNDO-RUA”.

O MUNDO-RUA pode ser entendido como os lugares da rua, com suas informações, nos quais as crianças se envolvem e desenvolvem afetos que lhes permitem criar sua concepção de vida e de viver. Por entenderem o mundo a partir da rua, com limites estabelecidos por adultos que permitem ou não irem até onde desejam, estabelecem nele seus lugares de dominação e de parceria na vivência espacial com amigos e projetam limites para transgredir, ampliando seus espaços regionais determinados por adultos. O mundo-rua não se contém na materialidade, extrapola as dimensões reais para tamanhos e formas imaginários, concedendo às crianças uma infinitude para além de muros, esquinas, ladeiras, que tentam tornar invisível o que elas inventam e criam como um mundo maior...

Foi a partir desse primeiro campo que o conceito “MUNDO-RUA” foi construído previamente. Com base nele, a questão foi elaborada, já que compreendi que a rua transforma-se num “**mundo**” de informações captadas e resignificadas por crianças que, diariamente e diversificadamente, exploram esse espaço. O que realmente as crianças falavam com a fotografia sobre os lugares que mais gostavam e menos gostavam na rua, redirecionaram a pesquisa.

A reorganização do trabalho, nesse momento, também foi pensada considerando que em uma investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen

(1994), a preocupação é no modo como as pessoas dão sentido às suas vidas. Por isso, a forma como foi realizada a abordagem das crianças ao fotografarem foi modificada.

No ensaio, realizado na escola, solicitei à criança que me apresentasse a rua onde morava a partir dos desenhos. É possível afirmar que, naquele momento, minha preocupação central era com a rua (enquanto objeto de pesquisa) e não com a relação da criança com a rua, mesmo que isso tenha aparecido em seus desenhos. Por isso, optei por modificar a solicitação no ato da produção das fotografias, não mais focando a preocupação com a rua, enquanto objeto. Passei a focar a forma como a criança se relaciona com o espaço-rua. Assim, cada criança fez as fotografias em dois momentos:

A) No primeiro momento, a solicitação foi para fotografar os LUGARES da Rua que MAIS gostava e,

B) No segundo momento, a solicitação era para fotografar os LUGARES da Rua que MENOS gostava.

Assim, considerei a palavra GOSTAR como elo discursivo entre o conceito de lugar e a produção da fotografia, entendendo que a criança narraria, através das imagens produzidas da/na rua, suas experiências no lugar, a partir de suas vivências.

Neste contexto, a fotografia aparece como recurso de voz desses sujeitos - as crianças - concordando com o que afirma DUBOIS (1993, p. 15):

(...) com a fotografia não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. A foto não é apenas uma imagem (produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato incônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse "ato" não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente ditada imagem (o gesto da "tomada"), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. A fotografia, em suma, como inseparável de toda a sua enunciação, como experiência de imagem, como objeto totalmente pragmático. Vê-se com isso o quanto esse meio mecânico,

ótico-químico, pretensamente objetivo, do qual se disse tantas vezes no plano filosófico que ele se efetuava “na ausência do homem”, implica de fato ontologicamente do sujeito em processo.⁶

Penso que as formas como as crianças veem a rua e as formas como registraram essas suas vivências (incluindo aí as fotografias produzidas, assim como suas falas, silêncios, expressões...) representaram uma rica possibilidade de estudo sobre os lugares de crianças. Nesse fazer, considere o alerta de Amorin (2008, p.46): “(...) quão é significativo ampliar, entre os preocupados com a educação da infância, a discussão sobre os lugares da infância e a infância e seus lugares”.

Olhar o lugar “MUNDO-RUA” a partir dessas imagens, ainda que imensamente provocadoras, estimulam-me ainda mais a perseguir a experiência vivida por Rossoni (2004), com crianças do Movimento Sem Terra. Na pesquisa citada, a fotografia, além de se constituir no registro das leituras de mundo das crianças, serviu de instrumento para a intermediação em suas aprendizagens sobre o mesmo mundo, na busca de um outro – desejavelmente mais digno e mais justo. Ainda que a fotografia seja uma técnica que remonta ao século VI, ela foi difundida seiscentos anos depois, na Europa. Seu aprimoramento, a partir daí, ganhou diferentes momentos de intensidade, mas tem se caracterizado pela velocidade de avanço e sofisticação tecnológica nas últimas décadas, tornando-se, também, acessível, desejada e utilizada pela população de um modo geral.

Conforme Pontua Almeida (2004):

Ao examinar a história da fotografia, impressionou-me a inventividade de seus pioneiros, não apenas na criação do processo e da máquina, mas sobretudo na superação das limitações dos precários processos fotográficos do século XIX. Fascinou-me a capacidade de John Benjamin Dancer em arrumar meios para fotografar um documento, usando um microscópio em 1839, inventando a microfotografia e a microfilmagem.

Essas perspectivas da câmara fotográfica emprestam-lhe um poder de sedução que não pode deixar de ser aproveitada por quem quer enxergar o

⁶ Embora longa, a citação se faz necessária por considerar que contribui, e muito, para a compreensão do texto.

“MUNDO-RUA” por si mesmo (na pesquisa) e pelos olhos (câmaras coladas neles...) de outros sujeitos – em especial, de crianças.

A capacidade de reproduzir objetos, lugares, paisagens, pessoas e uma variedade imensa do mundo, na perspectiva de quem realiza a fotografia, recomenda-a como instrumento de registro e de documentação do espaço e do tempo em que é produzida. Daí, torna-se possível concordar com Flusser (2002), que considera as fotografias como conceitos transformados em imagens.

Ainda assim, a interpretação do real, passa pela perspectiva do fotógrafo. Entre seu olhar e a lente da câmera, atuam filtros culturais, profundamente ligados à história de vida do fotógrafo, amador ou profissional. Então, retomo Freitas et al (2006) para (re)definir o modo como se organiza a dinâmica deste encontro:

O lugar e o tempo do pesquisador, do membro do grupo de pesquisa e da câmera, marcam não apenas modos diversos do funcionamento do grupo, como também ajudam a selecionar, dirigir e registrar sentimentos, atitudes e comportamentos dos sujeitos na pesquisa.

Essa consideração é coerente com o que ensina Rossoni (2004, p. 108):

A fotografia como uma técnica de apresentação da realidade, apesar de, diferentemente da pintura, desenhar-se a si mesma, não dispensou a regência de um artista para comandar o processo de criação com o objetivo que tinha em mente, que é o de obter uma representação visual de fragmentos do mundo natural. Ela não dispensou o artista que transforma seus conceitos em imagens.

O registro fotográfico do MUNDO-RUA, por crianças, não apenas permite ler suas noções de espacialidade, mas favorece a percepção do seu sentimento de pertencer ao recorte temporal, que realiza na fotografia, embora não perceba explicitamente que assim o faz. Isso encaminha ao pensamento de Sontag (2004, p. 14): “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder”.

Então, os modos da criança “ver” a (s) rua(s) estarão colados aos modos como o MUNDO-RUA “faz” diferentes infâncias: a criança que “fabrica” recortes de imagens de rua, dentro de um carro particular, por certo, não o fará como uma

criança circulando em um ônibus a passeio ou como outra criança que trabalha lavando carros ou vendendo balas na rua. O sentimento de pertencimento ao espaço da rua, evidentemente, também será diferenciado por e entre elas. E suas narrativas complementarão as compreensões possíveis de serem associadas a essas aprendizagens, sendo responsáveis pelo entendimento da polifonia de memórias, que constituem a cultura e a história construídas pelas pessoas. (LEITE, 2006)... E as crianças precisam viver essas escolhas e compreensões, pois elas são os sujeitos mais capazes de, neste nosso tempo e naqueles que se seguirão, construir a partir do que viram e do que veem, do que fotografam em suas memórias, juntando e adaptando o material de lugares e tempos destroçados, transformando-se num futuro novo.

1.4 Os pequenos fotógrafos

A partir dessas concepções, e valendo-me do fascínio da fotografia para abordar crianças, realizei esta pesquisa de campo, na qual crianças registraram suas visões de “MUNDO-RUA”, propiciando-me suas leituras, através de suas falas, que foram aproveitadas e associadas aos seus registros fotográficos.

Assim que conheci a Rua Darci Vargas, e passada a surpresa de ver uma rua que se fechava para lazer, iniciei minhas pesquisas a partir de observações para compreender as pessoas que vivem ali.

Diferentemente de outros espaços de pesquisa, que necessitam de autorização para inserção no campo, a rua, por ser um espaço não institucionalizado, encontrava-se aberta, disponível para responder às perguntas que levei até ela. Todavia, isso foi facilitado pela minha apresentação aos adultos que estavam na rua, através de uma moradora antiga, membro de minha família.

A entrada no campo foi iniciada a partir de observações nos dias em que a rua estava fechada para lazer. Durante as primeiras observações, percebi uma grande rotatividade de crianças que brincavam nela, e a cada domingo ou feriado, era um recomeço de buscas por pistas.

Logo no primeiro dia de observação, fiquei muito impressionada com o número de crianças que brincavam na rua. Imaginei encontrar, na outra semana, as mesmas crianças. Para minha surpresa, isso não ocorreu e na semana posterior, eram outros frequentadores da rua que eu conhecia. Assim descobri que, além das crianças moradoras daquela rua, que não eram poucas, outras tantas, que ali brincavam, vinham de ruas vizinhas.

Após observações e depois de uma entrevista coletiva, foi-me possível encontrar alguns possíveis parceiros de pesquisa. Considerando o que afirma Monteiro (1998) ao lembrar que o sujeito da pesquisa deve concordar em ser pesquisado de forma consciente, procurei conversar com os responsáveis, juridicamente, pelas crianças. O estabelecimento final da parceria se deu após algumas negociações com as crianças e adultos.

Mas houve perdas, abandonos... Em determinado momento identifiquei uma criança que explorava o espaço da rua periodicamente, mas quando busquei estabelecer contato com ela, não se mostrou solícita à pesquisa. Ignorou minha presença.

Em outro momento, consegui conversar com mais duas crianças. Todavia, sempre estavam muito ocupadas com seus afazeres de brincar: nunca podiam me dar atenção, muito menos produzir fotografias comigo.

Porém, uma criança que julguei, a priori, não ser adequada à participação na pesquisa, pois era irmã de outra que já estava fazendo o campo, solicitou fotografar comigo, demonstrando muito interesse em uma parceria. Assim, compreendendo a importância do processo da pesquisa e não apenas nos dados finais dela, já que essa criança participou comigo, contribuindo- e muito- com a compreensão da rua.

Assim, algumas crianças que participaram da pesquisa, foram convidadas a colaborarem com a investigação, como no caso de LARISSA, VÍTOR e THIAGO. Todavia, outras como ALISSON, KETELIN e VITÓRIA, solicitaram-me a participar, demonstrando muito interesse em contribuir com o trabalho.

Dentre as seis crianças que participaram da pesquisa, três moravam apenas com avós e irmãos. Outra morava com mãe e avó;, e as outras duas, com pai, mãe e irmãos.

Por causa dessa nova organização de família, ora fora necessário solicitar autorização aos pais e ora fora solicitado aos avós, pois estes respondiam juridicamente pelos netos.

A fim de compreender melhor a vida dessas crianças, para além de suas vivências na rua, julguei necessário conversar com elas e com seus responsáveis em entrevistas individuais. Dessa forma, compreendi melhor a importância da rua para essas, que de forma complexa, vivem seus cotidianos.

A apresentação dessas crianças, nesse trabalho, foi realizada a partir das fotos que elas mesmas produziram de si, quando estavam em campo fotografando. Entendendo que fazem parte desse MUNDO-RUA, essas crianças, em alguns momentos, se fotografaram, e, em outros, solicitaram aos colegas que produzissem suas imagens.

Foi assim que, após perceber que cinco das seis crianças, que participaram da pesquisa, haviam de alguma forma se apresentado como parte dessa rua, optei por apresentá-las no trabalho com suas próprias fotografias e por isso, apenas uma criança não possui sua imagem posta em cena.

Não houve, durante o campo, a intenção de produzir imagens das crianças, pois considerando a característica da pesquisa qualitativa, aguardei que essas crianças me definissem o que apareceria em suas fotografias.

A ordem das fotografias segue a ordem da produção dos campos. Assim, Vitória foi a primeira criança a me falar da Rua Darci Vargas e a partir de suas falas, iniciei um conceito prévio de MUNDO-RUA.

Vitória é uma criança que não estava presente na primeira entrevista coletiva. Naquele momento, ela acabara de mudar, pois morava em outra rua do mesmo bairro, Vila Rosali.

Foi durante o mês de setembro que ela, assim como sua irmã Ketelin, apareceu na rua para compor o cenário de crianças que brincam naquele trecho ali. No dia em que realizou seu primeiro campo, acontecia um movimento diferente na rua. Percebi que os adultos se organizavam na calçada. Várias crianças estavam na rua. Então fui à casa buscar a máquina fotográfica, pois imaginei que aquele poderia ser um importante momento para registrar. Naquele dia, Vitória demonstrou interesse pela máquina fotográfica e perguntei se ela sabia manusear. Afirmou que sim, pois seu tio possuía uma e já havia produzido algumas imagens.

Assim, com a máquina em mãos, Vitória realizou o campo, percorrendo toda a rua onde mora, a rua onde brinca com as amigas, o parquinho e a rua onde morou.

Quando as crianças estavam com as máquinas em mão, não limitei a quantidade de fotos que deveriam ser produzidas. Deixei-as livres para produzirem o número de fotos que quisessem.

Dentre as imagens produzidas, Vitória fez diversas fotos de si própria. Virava a máquina, se fotografando e mostrando, com as imagens, a forma em que fazia parte dessa rua.



Fotografia 02 – Vitória, criança participante da pesquisa, 2009

Créditos: Vitória.

No mesmo dia em que Vitória fotografou, sua irmã Ketelin solicitou participar do trabalho. Algum tempo depois, ela produziu suas imagens e aquele momento foi registrado tanto em imagens, quanto em palavras, através da nota de campo:

Antes de fazer o campo com Ketelin, encontrei-a várias vezes na rua, e em todas fui abordada por ela, me perguntando quando iríamos fazer as fotos. Demonstrava ansiedade. (...)

Com essa criança o encontro foi diferente. Pela manhã, encontrei-a na rua e perguntei se ela queria/poderia fazer as fotos que tanto ela me solicitava, naquele dia. Foi quando me respondeu:

*“-Tia, assim que eu almoçar, minha avó já me chamou, poderemos sair para fotografar.
“Algum tempo depois, ela estava lá me esperando, e, quando cheguei à rua, acenou para mim, mostrando-se presente.”*

Enquanto produzia as fotografias, umas amigas passaram e produziram a imagem seguinte:



Fotografia 03 – Ketelin – Criança participante da pesquisa – 2009.

Alisson foi a terceira criança a falar sobre a rua com a fotografia. E demorei muito tempo para conseguir que ele produzisse as imagens. Aos 11 anos de idade, sempre estava muito ocupado e não podia me dar atenção para a produção das fotografias. Mesmo morando na Rua Antônio Alexandre de Oliveira, próximo à Darci Vargas, essa criança compartilha intensamente, com os amigos vizinhos, as vivências dessa rua e de outras tantas, pois tem total liberdade para brincar.

A liberdade para correr as ruas atrás de pipas, ou atrás de uma bola, é muito grande. Segundo ele, quando faz alguma coisa errada, o castigo é não poder brincar na rua. Ele afirma:

“___ *Fico nervoso quando não posso brincar na rua, pois gosto de brincar de pipa, futebol, bolinha de gude e pião.*”

Na primeira entrevista, realizada com um grupo de crianças, ele estava lá e, como se entendesse meu projeto de pesquisa, falava, denunciava e explicava os acontecimentos da rua. As brincadeiras apareceram em suas falas, tanto nas entrevistas quanto nas fotografias, como o mais interessante da rua. Não esqueço o dia em que, ainda na primeira entrevista, sua fala deu origem ao título desse trabalho: “... *Essa rua é a melhor do mundo.*”

A produção das fotografias do Alisson aconteceu no mesmo dia em que Ketelin fotografou os lugares da rua de que mais gostava. No momento em que encontramos com Alisson, ela terminava de fotografar a rua da escola em que estudava. Naquele momento, o encontramos pois vinha de uma partida de futebol (em uma rua distante) e ficou ali vendo, a amiga de brincadeiras na rua (e também é colega de classe na escola) terminar de fotografar.

Ele concordou em fazer as fotos para mim, algo que eu já vinha buscando desde o início do trabalho, mas ele nunca tinha tempo, sempre estava ocupado fazendo aquilo que, para ele, é o mais importante: estar sempre brincando.

É válido pautar que, assim como a Vitória e a Ketelin, ele também utilizou poucas palavras durante as fotos, e falou mais através das imagens que produziu. No primeiro dia, ele fez imagens dos lugares que mais gostava na rua, e assim como a Vitória e a Ketelin, percorremos e fotografamos outras ruas, como a que mora e o parquinho. Ficamos muito tempo fotografando, já estava entardecendo e perguntei a ele se poderia produzir mais imagens em outro dia, e assim, combinamos.

Num outro dia, quando ele chegava da escola, encontrei-o e perguntei se naquele dia poderia fazer outras fotografias para mim. Afirmou que sim, foi para casa almoçar e depois, conforme combinado, fomos produzir as fotos. Quando solicitei a ele que mostrasse nas fotografias os lugares que menos gostava, ele, com ar de decepção, afirmou:

_____ *Ah tia, não vou fotografar não! Eu gosto de todos os lugares desta rua.*

Por isso, agradei a atenção dele que saiu correndo para continuar suas brincadeiras, afirmando que iria em casa buscar a bola.

Certo dia, enquanto a Ketelin fazia as fotos de campo dentro da escola, o Alisson foi fotografado por ela:



Fotografia 04 – Alisson – Criança participante da pesquisa, 2009

Créditos: Ketelin.

A terceira criança que fotografou os lugares da rua foi a Larissa. Dentre todas as que fotografaram, ela foi a que menos falou através de palavras. Usou basicamente as imagens para relatar a rua.

Por ser uma criança extremamente tímida, aproveitei um domingo em que a rua estava fechada, e ela em frente da própria casa, para solicitar que fizesse algumas fotos mostrando-me o que mais gostava na rua.

Não pediu para fotografar outros lugares da rua que não fosse a frente de sua casa e afirmou que aquele era o melhor lugar da rua para ela. Depois, pegou a máquina e fotografou algumas crianças soltando pipas e brincando com outras. Ao final, fez uma pose e, a despeito de sua timidez, fez-se fotografar:



Fotografia 05 – Larissa – Criança participante da pesquisa, 2009

Créditos: Ketelin.

Lucas é uma criança que podia ser vista brincando na rua com certa facilidade. Apesar de morar fora do trecho em que a rua é fechada para lazer, possui amigos e brinca com certa frequência por ali. Sua entrada no campo foi solicitada por mim, e sua disponibilidade em produzir as imagens, facilitou todo o processo.

Após conhecer sua mãe e receber a autorização, encontrei-o, em outro dia, brincando na rua. Falei com ele, aguardei “acabar” a brincadeira e assim foi a quinta criança que produziu as imagens sobre a rua: todas em um mesmo dia, visto que, após fotografar os lugares que mais gostava, solicitei a ele que me falasse, com as imagens, sobre os lugares que menos gostava. Para minha surpresa, assim como Alisson e Larissa, essa criança afirmou gostar de todos os lugares da rua e que por isso, não poderia produzir as outras imagens. Ele foi a única criança que não possui imagem produzida pelos colegas e que também não produziu imagens de si mesmo.

A última criança que fotografou foi o Vítor. Suas contribuições, também, foram muito interessantes. Em princípio, sua mãe ficou um tanto receosa em autorizar que ele utilizasse a máquina fotográfica, alegando que ele só tinha cinco anos de idade e poderia deixá-la cair. Somente após longa conversa com essa mãe, me responsabilizando pela máquina, é que ela ficou mais tranquila, permitindo-o que ficasse à vontade para fotografar.

Assim que pegou a máquina, fez questão de treinar, fotografando a mãe. Continuou, e, rapidamente, aprendeu a manusear facilmente o artefato. Depois se fotografou:



Fotografia 06 – Vítor – Criança participante da pesquisa, 2009.

Créditos: Vítor.

Essa criança costuma brincar na rua com certa liberdade, pois a presença da mãe é constante para observar os filhos brincando (possui mais duas irmãs, na qual a de 02 anos de idade, brinca muito na rua).

No mesmo dia em que fotografou os lugares de que gostava, fotografou os de que menos gostava na rua, mostrando amigos, pessoas e brincadeiras que gostava

e denunciando o que o incomodava, falando assim, com as imagens, sobre o seu MUNDO-RUA.

Então, a partir dessas experiências faladas pelas crianças, usei o convite e o desafio de ver esse “MUNDO-RUA” pela lente da criança a partir da seguinte questão:

Que leituras de “MUNDO-RUA” aparecem nas fotografias realizadas por crianças?

Apesar de parecer ampla, essa questão tem seu limite espacial definido, pois é a Rua Darci Vargas, localizada no Município de São João de Meriti, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, como mostra o mapa seguinte:

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO: RUA DARCI VARGAS – SÃO JOÃO DE MERITI RIO-DE JANEIRO



Figura 01 – Mapa – Localização da Área em Estudo,
 Fontes de Pesquisas: CIDE-RJ; IPHB; 2010
 Organizado por Girard, G.; Ferreira, R. 2010.

Vale destacar que essa última questão não se inaugurou sozinha, nem se esgotou por si mesma, já que se ligou a uma rede de outras questões, cujos desdobramentos se relacionaram aos processos de aprendizagem, de espacialidade e de representação na/pela infância; aos processos de políticas voltadas para infância; aos acontecimentos sociais e culturais que se concretizam na rua, assim como sobre a rede de saberes e de fazeres do contexto sócio-político-cultural atual, que se traduzem nas formas de organização da rua, na cidade que se mostra, cada vez mais, educativa (sob diferentes concepções).

1.5 Uma intenção e alguns objetivos...

A intenção maior deste estudo nasceu e frutificou na concepção de que há muito que se aprender a partir do cotidiano de nossas vidas, desde que tomemos o nosso viver e o nosso fazer como objetos permanentes de estudo. Ao estudar o cotidiano, devolvemos a ele o que aprendemos, como Santos (1996) nos ensina, e, então, a ciência abandona a dimensão visitada apenas por especialistas e se torna próxima, como um anúncio de um novo tempo.

Usufruí dos elementos presentes no cotidiano para torná-los instrumentos de aprendizagem e pesquisa, tomando a rua como um espaço educativo, enfatizando a sua imagem como um objeto de estudo e a criança, como sujeito da pesquisa.

Tomei como objetivo geral deste estudo, **compreender as leituras de “MUNDO-RUA” realizadas por crianças e representadas por fotografias, visando entender a importância do lugar na infância e nos modos de ser criança no mundo atual.**

Com essa intenção, os objetivos deste trabalho puderam ser assim apresentados:

- a. Entender se e *como* espaços de vivência de crianças interferem na formação de suas infâncias.

- b. Investigar como crianças utilizam noções de espacialidade e de temporalidade na elaboração de imagens de “MUNDO-RUA”.
- c. Sistematizar aprendizagens sobre a importância do lugar na formação das infâncias e na educação das crianças, em contextos sócio-econômico-culturais atuais.
- d. Verificar influências das políticas relativas ao tratamento das infâncias por meio de imagens de “MUNDO-RUA”, elaboradas por crianças.

Embora estes objetivos não satisfizessem todas as possibilidades que o campo apresentou, recortaram interesses mais evidentes e favoreceram a coerência com o propósito e a dimensão do estudo, sem fechar outras possibilidades emergenciais que o campo permitiu, uma vez que sinalizaram pontos de partida para meu olhar sobre essa situação, e não amarras fechadas na vivência do campo.

2 “Também fazia barulho na nova vida que se iniciava...”

UMA RUA DO/NO MUNDO-RUA: A VIDA DO/NO LUGAR DE PESQUISA - A RUA DARCI VARGAS

“A verdade e o trocadilho! Os dicionários dizem: “Rua, do latim ruga, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia” (...) A obscuridade da gramática e da lei! Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopédias, manuseei in-folios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” (João do Rio, 1908, p.01)



Fotografia 07 – Evento organizado pelos moradores, maio de 2009 – Créditos:
Pesquisadora.

A rua estava cheia de pessoas que armavam um telão para assistir a final entre o Flamengo e o Botafogo (Campeonato Carioca de futebol- 2009). O churrasco estava organizado e a carne assando. As mesas no meio da rua mesclavam crianças e adultos. Numa dessas mesas, além de dois adultos, estavam duas crianças: Júlia e Vitória, que pintavam em folhas de papel A4 com lápis de cor. Eu acabava de chegar de casa: fui buscar a máquina, pois estava ansiosa pelo registro de tudo que presenciava. Esse foi o início do primeiro dia de campo com o uso da máquina fotográfica.

Antes que as crianças fotografassem, eu busquei captar e apresentar a rua onde se desenvolveu a pesquisa, num momento em que seus moradores, meus parceiros na pesquisa - crianças e adultos - se mostrassem juntos, no usufruto do espaço e do tempo do lugar. Essa foi minha primeira tentativa de revelar um pouco da alma da rua.

Depois de fotografar, intencionalmente, coloquei a máquina sobre a mesa onde as duas crianças pintavam. Júlia continuou desenhando, mas Vitória pediu para olhar a máquina. Começávamos ali a pesquisa...

(Nota de campo: maio de 2009)

Essa é uma prática comum, na Rua Darci Vargas: num dia ensolarado, moradores se reúnem para um momento de diversão, quase sagrado quando compartilham um mesmo hábito, um mesmo desejo: no caso, assistir futebol...

O telão montado, a churrasqueira assando a carne, as cadeiras espalhadas pelo local, as mesas com bebidas e comidas, pareciam-me especiais instrumentos de interações entre as pessoas, o tempo e o lugar.

Alguns meninos, desligados do futebol, mas envolvidos no evento, soltavam pipas por ali. Juntos, crianças e adultos, no mesmo tempo e no mesmo espaço, movimentam-se, porém, em dimensões de vivências que se tocam (nos momentos cruciais do jogo) e se afastam (quando o jogo infantil é a brincadeira, dispersa do jogo que criou o evento). Daí que, nem sempre compartilham emoções iguais, ainda que elas pululem entre eles: angústia, ansiedade, ódio, tristeza, alegria e dor, nascidas das interações no que se vive no espaço e no tempo da rua. A rua tem alma...

A máquina fotográfica, acessível às mãos de algumas das crianças que por ali brincavam, provocou conversas entre mim e elas. Algumas fotos permitiram que falassem por meio da imagem, mostrando seus cotidianos e o significado dos

lugares para suas vidas. Assim, o evento, partilhado por adultos e por crianças, revelou-se eficaz na apresentação da importância do outro nas práticas sociais daquele grupo, na rua. A rua mostrou sua alma...

A alma da rua ganha contornos visíveis nas fotografias. Para vê-los com a aura que revela a alma, contudo, é possível acionar outros instrumentos, entre eles as falas – intencionalmente provocadas em conversas, que, metodologicamente, podem ser chamadas de entrevistas. Por meio delas, com certa autonomia, as crianças não somente me apresentaram onde moravam, mas diziam como viviam naquele lugar.

No dia 25 de outubro de 2008, através da mediação de uma moradora antiga, Dona Edmar, foi possível realizar uma entrevista coletiva com 08 crianças que se dispuseram a conversar comigo naquele dia. Até aquela data, foi percebido, durante as observações de campo (que ocorriam aos domingos e feriados), a presença predominante de meninos ocupando a rua com as brincadeiras. Apenas algumas poucas meninas apareciam para brincar. No decorrer da pesquisa isso mudou, o que permitiu que 03(três) meninas participassem do trabalho.

Por causa da rotatividade de crianças que brincavam na rua, foi extremamente difícil organizar outros momentos de entrevista coletiva. E por isso, optei por conversas individuais, algumas simultâneas e outras posteriores às “andanças” para realização das fotografias.

Conhecer e compreender a rua a partir das imagens produzidas pelas crianças constituiu meu objetivo inicial de pesquisa. Contudo, as falas não puderam deixar de ser mais um canal de conhecimento, propiciando-me respostas que não se restringiram ao propósito desejado. As crianças não apenas me mostraram a Rua Darci Vargas, mas falaram-me, com voz, gestos, ações e com as imagens que também outras tantas ruas constituem parte de suas vivências.

Relembrando Lopes (2010), ao afirmar que “a criança sempre que pode transgride e subverte a ordem proposta pelo e no espaço criado”, algumas crianças, envolvidas nessa pesquisa, extrapolaram o limite da rua: elas não se restringiam ao limite físico da Rua Darci Vargas. Elas brincavam e exploravam ruas próximas, ladeiras, parquinhos... Elas me demonstraram que a ordem proposta pelo e no espaço criado, circunscrita por meio do limite imposto por seus responsáveis, não

coincidia com seu entendimento da rua liberada para o viver. Esse limite existia para o adulto que o determina e, às vezes, para a criança que o aceita como obediência, não como compreensão de limite.

“[...] eu acabava de chegar de outra rua, realizando o campo com uma criança que me solicitou ultrapassar os limites da Rua Darci Vargas.

Assim que cheguei, ouvi gritos que chamavam uma das crianças que participavam da minha pesquisa. De repente, a voz se dirigiu a mim, perguntando se eu tinha visto a Vitória. Lembrei-me das crianças que brincavam na rua fotografada, no lugar que acabávamos de chegar: Vitória estava por lá, brincando com as outras crianças.

Informei o fato à avó, que procurava a criança e esta encontrou-a, resmungando e prometendo repreendê-la. [...]”

(Nota de campo: julho de 2009)

Algumas crianças afirmaram que, mesmo quando a rua está fechada, brincam nela, assim como insistem em brincar, após sua abertura ao tráfego, ultrapassando o limite do horário permitido.

Rodrigo: *Davi é que adora ficar na rua...*

Pesquisadora: *Você gosta Davi? Da rua?*

Rodrigo: *Mesmo com a rua aberta ele continua...*

Outro: *Eu também continuo.*

Outro: *Eu também.*

Outro: *Eu também.*

Pesquisadora: *Vocês sabem que horas que a rua fecha?*

Coro: *Às 6 horas.*

Tiago: *Mais de seis horas. Sete e pouco.*

(Entrevista coletiva: outubro de 2008)

Neste pequeno trecho da entrevista, existem dois dados que necessitam de ênfase. O primeiro, diz respeito à resposta que me foi dada ao perguntar sobre o horário de fechamento da rua, pois as crianças me informaram que era às seis horas (18 horas). Percebi a partir de suas falas, que se referiam ao horário em que a rua se fechava para elas, crianças, e se abria para o trânsito.

A outra questão é que, naquele momento, falavam sobre suas existências na rua. Afinal, continuavam nela mesmo quando se fechava para eles e se abria para sua função de trânsito de veículos. Por isso a transgressão: a rua se fechava às seis horas, mas eles continuavam lá, até às “sete e pouco”. O que pude perceber através das observações, é que a rua era aberta por causa do tempo delimitado pelo adulto. Era sempre ele que lembrava: “(...) *Aproveita para andar logo de bicicleta porque a rua vai abrir daqui a dez minutos (...)*” - (recomendação comum de se ouvir na rua, como, por D. Zuleide, avó de Rodrigo).

Esse tempo de devir, característico da criança, é apontado por Khoan (2004), como o tempo “*Aion*”. A criança não vive apenas em nosso tempo “*Cronos*”. As brincadeiras acontecem de acordo com o seu tempo. Nada é cronometrado, muito menos planejado para acabar. O fim acontece, ou não, sem que entre eles combinem o tempo de terminar.

Mas o mundo fora dos limites de 100 metros destinados ao lazer daquelas crianças continuava. A vida segue e, como os espaços são coetâneos, a rua precisa retornar como espaço de passagem, pois é assim que as coisas funcionam, principalmente na cidade, onde em suas praças, os Cruzeiros deram lugar aos relógios, marcas da modernidade.

Acaso ou não, o mesmo não aconteceu na praça do centro da cidade de São João de Meriti, conhecida como Praça da Matriz, na qual se conseguiu conciliar na torre da Igreja, o relógio e o Cruzeiro.

As crianças me apresentaram ao MUNDO-RUA e à Rua Darci Vargas como parte deste mundo que elas vivenciavam cotidianamente. A RUA me foi apresentada como um LUGAR no MUNDO, na coerência com os estudos de Carlos (1996, p.20), que afirma:

O LUGAR é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante – identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local.

Nesse contexto, a rua é entendida como um LUGAR no qual a vida acontece. As pessoas, com seus diferentes modos de uso, vivenciam o espaço dela. O autor acrescenta, ainda:

Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é porção do espaço apropriável – apropriada através do corpo- dos sentidos-

dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua (...) (CARLOS, 1996, p.20)

Aqui, o MUNDO é entendido, conforme Santos (2008) elucida: “um conjunto de possibilidades.” O evento se apresenta como um veículo das possibilidades do mundo. Nessa leitura de mundo, o lugar, para a formação social, é o local final onde o evento estaciona e acontece, permitindo que as diferentes forças dessas possibilidades surjam.

Assim, os lugares são formas de manifestação atual de experiências e eventos. São expressões de ontem, de hoje e do amanhã (SANTOS, 2008).

2.1 O burburinho do LUGAR: uma rua do/no MUNDO-RUA

A rua é o espaço-tempo intervalar entre casa e escola, entre casa e igreja, entre casa e outra casa, entre o aqui e o ali... Apesar disso, ela é um lugar: eu a destaco como lugar de brincadeiras e de encontros (ainda) e de aprendizagens. É o lugar das mostras do comércio, das promessas de lazer, dos ruídos do trabalho, da violência, da liberdade e da prisão-solidão. Ela é uma exposição de “outros”, por outros, para os outros. Pode ser uma mostra do nosso “ver”, pela especificidade de nossas leituras dela, pois é um painel de imagens que suscitam perguntas e que frutificam aprendizagens.

Na rua, máquinas de transporte sofisticadas circulam em disposições viárias intrincadas, para se chegar a lugares, criando imagens e percepções diferentes para pedestres, para viajantes e para condutores... E para quem olha, apenas...

Na rua, até o que parece imóvel, transita na paisagem do tempo e dos acontecimentos: o homem-poste, vestido da armadura da propaganda que ostenta - não sai da calçada - mas expõe sua sombra em diferentes ângulos, de acordo com o passeio da luz solar ao longo do dia; o pedinte só troca de lado da rua para melhor usufruir do fluxo de pedestres, indo ou voltando do trabalho, do passeio, da andança; as lâmpadas se acendem e se apagam, fazendo fluírem, aparecerem e desaparecerem sombras, novos ângulos de árvores, de monumentos, de prédios...

Na rua, tudo acontece...

Por isso, é possível encontrar um modo diferente de convivência entre as pessoas na/com a rua. Isso me revelou outras diversas ações que o homem pode exercer sobre o *espaço público*, aqui definido por Oliveira (2004, p. 69), como:

O espaço da sociedade, do uso coletivo, do reencontro do homem com a natureza, da troca de valores das crianças e dos adultos de várias faixas etárias, raças, crenças, etnias, culturas e classes sociais, como da participação comunitária, de todos compartilhando um espaço comum e interagindo entre si, em clima alegre e despretenso.

Conhecer diferentes formas do uso da rua, - não restrito ao trânsito ou à separação entre casas, mas como vivência - sustenta a concepção de Carlos (2004, p.15), de que “A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam num território real e concreto (...)”.

A Rua Darci Vargas se materializa nas relações sociais que nela são usuais. Isso significa concordar com Carlos (2004, p. 15) “[...] que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço, enquanto prática socioespacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais.”

Para essa autora, isso é responsável pela produção dos lugares e, ainda acrescenta:

(...) esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. O homem se apropria do mundo enquanto apropriação do espaço- tempo determinado aquele de sua reprodução da sociedade. Assim se desloca o enfoque da localização das atividades no espaço, para à análise do conteúdo, da prática sócio-espacial, enquanto movimento de produção/ apropriação/reprodução da cidade. Tal fato torna o sucesso de produção do espaço indissociável do processo de reprodução da cidade- nesse contexto, a reprodução continuada da cidade se realiza enquanto aspecto fundamental da reprodução ininterrupta da vida. (CARLOS, 2004, p.15)

Observar a Rua Darci Vargas, durante alguns meses, possibilitou-me a compreensão de alguns movimentos do grupo, em sua produção ininterrupta da vida no espaço público. Em especial, durante os finais de semana e feriados, no horário entre 08:00 e 18:00 horas, quando a rua é fechada, no limite entre as Ruas José Cabral e Antônio Alexandre de Oliveira, com a finalidade de se tornar uma de área de lazer, por exemplo, crianças brincam livremente, sem os riscos do trânsito de veículos. O espaço público que ela representa é coletivo.



Fotografia 08 – Banner produzido pelos moradores com base na autorização da Prefeitura Municipal, abril de 2009 – Créditos: Pesquisadora.

Buscando entender melhor essas reflexões, valho-me de como Oliveira (2004, p. 74) conceitua a rua, problematizando-a como um “Espaço aberto, público e coletivo, lugar dinâmico onde todos se encontram, universo de múltiplos eventos e relações, enfim, é o elemento estruturador da cidade”. Porém, essa autora alerta, ainda, para o processo de afastamento das pessoas das ruas e nas ruas. Também destaca o reconhecimento da rua como algo negativo, como uma expressão pejorativa, onde poucas crianças brincam, pois:

As pessoas reinventaram o espaço público, fazem da rua um espaço básico de trabalho, transgressão, convivência, moradia ou sobrevivência. Tais atividades subvertem, em parte, a destinação igualitária da cidade, na medida em que criam uma espécie de fluente de apropriação privada do espaço público. Esse fato foi acentuado pelo fato de que boa parte dos grupos sociais, principalmente os de maior poder aquisitivo, foi gradativamente deixando de utilizar esses espaços para realizar suas relações sociais em locais de caráter mais privatizado. A rua foi-se tornando o espaço de degradação e de abandono. (OLIVEIRA, 2004, p. 77)

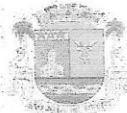
Segundo Leite (2004), a noção de vida “civilizada” grega, garantiu ao homem várias condições básicas para o princípio de cidadania, sendo base para a teoria liberal do Estado. Fazer parte da vida pública na *Pólis* era importante para o

exercício dessa cidadania. Contudo, conforme esse autor, no percurso da história, a sociedade moderna inverteu essa concepção e a esfera pública tornou-se associada à impessoalidade. Dessa forma, embora a rua possa propiciar encontros, ganha, cada vez mais o caráter impessoal de espaço de circulação, em especial, nas grandes metrópoles. Daí, que o abandono dos desassistidos se torne invisível, a violência que nelas cresce, ganha contornos do imponderável, mesmo quando vigiadas pelo sistema tecnológico de câmeras policiais, o público parece diluir-se no espaço de ninguém e, simultaneamente, de todos...


Por entre tantas similaridades e divergências, as vivências na Rua Darci Vargas e de algumas outras ruas de São João de Meriti, e de outros municípios do Rio de Janeiro, seguem na contramão do processo mundial de esvaziamento das ruas urbanas, principalmente. A cada dia, elas se transformam mais e mais em áreas de passagens, perdendo anteriores características que viabilizavam encontros entre pessoas, bem como, em relação às vivências sociais nelas, como espaços públicos de produção de sociabilidade. Elas se apresentam cada vez mais violentas, geradoras de medo e insegurança, visivelmente abandonadas, após o fluxo intenso do dia a dia.

Felizmente, persistem ruas com alma. Ruas onde se mantém o hábito de cadeiras nas calçadas, ruas onde pessoas se juntam para desfrutarem a condição de espaço público – de uso de todos.

Neste estudo, a rua assume o caráter de espaço de aprendizagens, a partir de trocas entre os indivíduos que a frequentam como lugar com espaço tornados lugar, nela acontecem encontros entre amigos e brincadeiras de crianças. Isso se acentua principalmente nos dias de feriados e aos domingos, como contaram as crianças durante a pesquisa. Neste caso, isso é potencializado pela autorização da Prefeitura Municipal de São João de Meriti: rua fechada para lazer.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO JOÃO DE MERITI
SECRETARIA MUNICIPAL DE SEGURANÇA



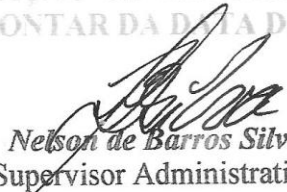
São João de Meriti, 03 de Julho de 2007.

AUTORIZAÇÃO

A Secretaria Municipal de Segurança da cidade de São João de Meriti, através de seu Secretário, concede a esta comunidade, na pessoa de **ZULEIDE PEREIRA DOS SANTOS**, organizador do evento, autorização para interditar a **Rua. Darci Vargas**, entre as ruas **Jose Cabral e Antonio Alexandre de Oliveira**, no bairro Vila Rosali, aos **Domingos e Feriados**, das **08:00 às 18:00h**, para realização de **ÁREA DE LAZER**.

Fica proibida a exploração do solo, bem como jogos de azar, sob pena de ser cancelada a autorização.

OBS: A AUTORIZAÇÃO SE FAZ PELO PERIODO DE 06 (SEIS) MESES, A CONTAR DA DATA DA CONCESSÃO.


Nelson de Barros Silva
 Supervisor Administrativo
 Mat. 1437

REFERENTE AO PROCESSO N.º 0015.531/2004. (Renovação)

AV. AUTOMOVEL CLUBE, 1785-PQ. JOSÉ BONIFÁCIO-SÃO JOÃO DE MERITI-CEP: 25525-580-TEL: 21.2751-1827
 E-mail: semsec_Meriti@hotmail.com RIO DE JANEIRO - BRASIL

Figura 02 – Autorização da Prefeitura de São João de Meriti para fechamento da rua
- 2008

Como fechar a rua em dias de domingo e feriados com a autorização da prefeitura não é exclusividade da Rua Darci Vargas, facilmente encontramos, em outras ruas, placas expostas nos postes de energia elétrica avisando sobre o fechamento daquelas ruas em determinados dias. Em outros casos, a rua é fechada sem nenhuma comunicação e até mesmo, sem autorização.

Esse movimento dos moradores mostra a cidade e a rua como espaços sociais, pois a autorização da prefeitura é emaranhada à uma história de organização da sociedade em torno de anseios comuns,

Nesta direção, a cidade pode ser entendida, dialeticamente, enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais, enquanto produtoras da vida humana, no sentido amplo da reprodução da sociedade. Aqui a cidade se reafirma enquanto espaço social, na medida em que se trata da realização do ser social ao longo do processo histórico. Deste modo, análise da cidade, em sua dimensão espacial, se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade. (CARLOS, 2004, p.15)

Efetuar essas análises implica em entender que, ao longo do processo histórico, o espaço vai se construindo como um espaço social, e que isso também nos constroi como humanos, pois nós, pessoas, não apenas estamos sobre o espaço, transitando-o. Nós **vivemos** o espaço, com a espacialidade das relações sociais, e com temporalidade dos eventos de nossas vidas, no contato com os outros. É nisso que nos constituímos como humanos. Conforme Vigotski (2000, p.24) afirma: “Através dos outros nos constituímos” e daí, tantas diversidades, multiplicidade e similaridades. Multiplicidade, portanto, é sinônimo de diferença e heterogeneidade, estando implícita na análise de MASSEY (2008, p. 33) “existência coetânea de pluralidade de trajetória, uma simultaneidade de estórias- até- agora”, ao fazer sua análise sobre o espaço. Assim, como as vivências ocorrem em vários espaços coetaneamente, é possível conceber diferentes formas de como a rua se apresenta e entender que, enquanto algumas ruas vivem um processo de afastamento de pessoas, outras se tornam ou se mantêm lugares de encontro, de vida.

A coetaneidade dos espaços também foi possível ser percebida na Rua Darci Vargas, pois mesmo próxima de dois parquinhos, com artefatos para crianças brincarem, quadras para adultos jogarem e várias mesas com diferentes tipos de jogos de tabuleiro, esta continua como importante espaço de lazer para adultos e crianças.

Com base nos registros de Massey (2008), é possível analisar esse fato a partir do princípio da heterogeneidade coexistente, inferindo que tal realidade da heterogeneidade é algo intrínseco do espaço.

Segundo a autora, isso se contrapõe a muito do que se tem falado sobre espaço, visto ao longo da história como “o morto, o estático, o fixo”, permitindo-me

afirmar que os dados sobre a rua, coletados a partir das crianças e adultos que convivem naquele espaço, apontam-no como “o vivo, o pulsante, o móvel”.

Dentre os novos estudos que apostam nessa perspectiva, vale destacar o trabalho de Lopes (2007, p.52), que aponta a importância do espaço na formação do sujeito:

[...] espaços são formadores de subjetividade. Não é possível constituirmo-nos como humanos se não estamos situados em espaços-tempos, de onde, dialeticamente vamos nos geografizando-nos. É um processo que se inicia com nossa entrada no mundo (no nascimento ou antes dele?), quando nos colocamos nos diferentes colos/lugares que nos são oferecidos, no seio da mãe, no colo da avó e do avô, de um amigo; quando engatinhamos pelos cantos da casa; quando exploramos o universo de uma escola, de uma rua, da cidade. Existe, portanto, um contínuo movimento entre espaço, sociedade e sujeitos, que faz com que nossa geografia esteja preta de espaços, de territórios e de lugares, que nos formaram e formam e que carregamos para o resto da vida

Nessa perspectiva, abandona-se a ideia do espaço como “palco”, tomando-o como extensão, como elemento da composição do humano.

Conceber o espaço como interação produtiva significa concebê-lo como intensidade e possibilidades, pois as crianças”, [afirmo que também os adultos] “não estão simplesmente passando pelo espaço, elas são o próprio espaço, pois se forjamos nossa humanidade numa dimensão cultural, o espaço também o é. (LOPES, 2009, p. 15)

Portanto, examinar a rua para além de sua finalidade como via de passagem, é compreender esse espaço como interação produtiva, de intensidade e possibilidades. O que é planejado em escritórios fechados por aqueles “[...] diferentes agentes produtores do espaço e destinadas para os seus diferentes ocupantes, são rabiscadas, recortadas e redesenhadas e novos planos de ocupação são abertos.” (LOPES, 2009, p. 11) O que resulta em novas funções para o espaço.

Dessa forma, ao fechar a Rua Darci Vargas, seus moradores estão a reconstruir infindavelmente seu espaço de vivência e dão novos sentidos e significados à vida, mesmo em dias e horários em que a rua não é fechada.

2.2 A Nova vida que se iniciava: um evento do/no MUNDO-RUA

Mediante o abrir e fechar da rua, ora para crianças e ora para carros, procurei compreender melhor o trâmite legal do processo de fechamento das ruas na cidade.

Busquei informações na própria Prefeitura Municipal de São João de Meriti sobre a lei que autoriza a segunda função da rua, que é o lazer, e encontrei muitas dificuldades.

Pesquisei em 04 (quatro) departamentos da prefeitura (Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Secretaria da Fazenda, Postura e Comunicação) e em cada um deles, afirmava-se não ser responsabilidade do mesmo, o processo referido. Somente ao chegar ao quinto departamento percorrido, Secretaria de Governo, encontrei algumas pistas sobre a origem dos processos de fechamento.

Segundo um dos funcionários da prefeitura, tudo começou a partir de um consenso entre políticos e moradores. De acordo com sua análise, a cidade cresceu muito e hoje possui alta densidade demográfica, sendo conhecida como “*Formigueiro das Américas*”. Ainda segundo o mesmo funcionário, a prefeitura, em um levantamento, constatou que em um mesmo lote, várias casas foram construídas, não deixando espaço para as crianças brincarem.

A partir das solicitações dos moradores, alguns governantes foram cedendo autorizações provisórias de fechamento, e até hoje, não há uma lei específica para isso. Há apenas consenso entre políticos e moradores, mas o processo de fechamento passa por 03 (três) secretarias: Obra, Segurança e Governo. Só depois de confirmar se a rua não é uma importante via de passagem de veículos e pessoas, a autorização é liberada, nominada a um responsável para a organização de eventos.

Segundo Fausto Roberto, o jovem que atualmente é reconhecido oficialmente pela prefeitura como o organizador dos eventos da Rua Darci Vargas, a busca pela legalização e criação do espaço-tempo de lazer na rua começou há cerca de 15 anos, por causa de um grupo de jovens, que jogava vôlei, aos domingos, na rua. Um dos jovens tinha um familiar que trabalhava na prefeitura, o qual informou sobre a possibilidade do fechamento da rua. O jovem Fausto narra:

“Não foi iniciativa da prefeitura, mas nossa! Passamos um abaixo-assinado e todos assinaram (...) a rua só é fechada por causa do nosso vôlei. No período da antiga geração, jogávamos até aos sábados (...). Esta é uma nova geração que brinca na rua.”

Entrevista, novembro de 2008.

A moradora Zuleide lembra e relata que, naquele momento de solicitação de autorização para o fechamento da rua, ninguém queria se responsabilizar. Como

tinha crianças em casa, interessou-se e foi a primeira moradora responsável como organizadora de eventos da rua.

Esta moradora ainda informa que entendia a importância de se fazer alguma coisa naquele momento. Relembra que, certa vez, quando ainda não tinham autorização para o fechamento da rua, os jovens e adolescentes montaram a rede de vôlei. Então, um motorista querendo passar, criou uma grande confusão: “*__ Deu briga e tudo! Daquele dia em diante ficou muito clara a importância de se fazer alguma coisa para o fechamento da rua.*”, afirmou a moradora.

Esses relatos podem ser associados à afirmação de Santos (2008, p. 82): “*A ação é o próprio do homem*”. No sentido dessa associação, considerando o escopo deste estudo, as ações resultam de situações, questões, necessidades, desejos naturais ou criados. Podem ser materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais e afetivas. Provocam ou conduzem às ações do homem, impulsionando-os às construções, desconstruções, transformações, invenções e promessas... O cotidiano das pessoas que vivenciam a Rua Darci Vargas é marcado por ações que produzem diferentes expressões do seu espaço de vivência.

Isso promove uma forma maleável da disposição dos objetos geográficos na dinâmica espacial e temporal: hora é possível ver a rede de vôlei disposta pelos adultos que brincam com outros adultos e outra hora é possível visualizar a rua fechada para a o jogo de queimada, na qual crianças, adolescentes, jovens e adultos compartilham o brincar sem a separação de faixa etária. Talvez o poder mágico de transformar adultos e jovens em crianças novamente, seja o maior trunfo da brincadeira coletiva.

Milton Santos (2008, p.147) mostra que “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição social e do físico. Um misto, um híbrido.” Assim, é importante destacar a continuidade da discussão do autor: “Nesse sentido toda teoria da ação é, também, uma teoria do evento e vice-versa. Essa assimilação da ideia de ação é fundamental para a construção de uma teoria geográfica”, visto que, “os eventos sociais resultam das ações humanas.” (SANTOS 2008, p. 147) e que tanto estas, quanto aquelas, acontecem num tempo e num determinado espaço.

Considerando assim, os objetos e seus significados são dependentes entre si e em relação ao “evento”, razão pela qual este pode ser entendido como uma categoria de análise do espaço geográfico.

Os eventos na rua não são fatos isolados e esporádicos, fazem parte do viver (n)aquela rua, como o brincar nela por falta de espaço em suas casas. Santos (2008, p.144), explica que “o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento”, afirmando que “quando consideramos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um “veículo”, um caminho dessas “possibilidades existentes numa formação social. Desta forma, mesmo quando falamos de um evento que já aconteceu, ele aconteceu em um determinado presente, um presente anterior, pois o presente não é o instantâneo”. (2008, p.145). Considerando essa discussão e o que acontece na Rua Darci Vargas, é possível concordar, são infinitas as possibilidades de formação social ocorridas ao fechar a rua, promovendo o evento, sendo o veículo no caminho a ser percorrido, para que a vida aconteça mais bonita, mais significativa, naquele determinado lugar, em diferentes momentos...

Essa minha convicção encontra eco em Santos (2008, p. 86), em seu anúncio de que “[...] uma geografia social deve encarar objetos e ações agindo em concerto”. As observações empreendidas na Rua Darci Vargas me provocavam a ver para além do prazer de viver ali. Elas me desafiavam na busca de compreender as ações do homem sobre a rua, nos movimentos promovidos pelos adultos, para além das brincadeiras aos domingos e feriados: nos dias de fechamento da rua, eles se organizam e montam toda infra-estrutura (alguém leva o fogão, outros levam mesas, cadeiras, guarda-sol, televisão, etc... e preparam as refeições coletivamente. Um dia fazem cozido de carne; em outro, fazem caldo de mocotó ou até mesmo um churrasco, como ocorreu no da decisão do Campeonato Carioca de Futebol, 2009 (FOTO 07).

Enquanto evento, as mudanças promovidas pelo fechamento da rua repercutem na vida dos moradores da Rua Darci Vargas e daqueles que transitam constantemente ou ocasionalmente pelo lugar. Isso pode ser constatado através das falas das crianças durante a entrevista coletiva:

Pesquisadora: Vocês sabem a que horas a rua abre?

Coro descontínuo: às 6 horas.

Thiago: Mais de seis horas. Sete e pouco.

Pesquisadora: Ah, eles abrem depois?

Rodrigo: Ele é que abre! (apontam).

Pesquisadora: Você é o responsável pela rua? Legal! Toma conta da rua. Por que você cuida da rua?

Thiago: Pra ninguém ficar passando lá pra baixo e pra cima. Pra deixar as crianças brincar e o carro não pegar.

Pesquisadora: E por que você gosta de abrir?

Thiago: Não, às vezes é eu, o Davi ou é ele, ele. (aponta para as outras crianças)

Outro: A gente quer ajudar.

Outro: Eu também.

Pesquisadora: Vocês deixam algum carro entrar aí?

Lucas: Não, só se for para garagem. Se for alguém que mora aqui.

Pesquisadora: E quando não é, o que vocês fazem?

Respostas: Aa gente manda dar volta.

outro: Eu tranco eles.

outro: A gente fala assim: dá a volta.

Pesquisadora: Eas pessoas, como é que ficam?

Outros: Ah, elas dão a volta.

Rodrigo: Eu tranco elas. Não deixo passar não.

(Entrevista coletiva, outubro de 2008)

Continuando a analisar o evento da perspectiva de Santos (2008) e concordando com ele, se o *evento* e a *materialidade* são tratados como categoria única e indissociável da categoria *objeto* e *ação*, também estas são compreendidas como categoria unitária. Dessa forma, a articulação entre as duas categorias híbridas cria uma relação entre o valor da ação e o valor do lugar na qual ela se realiza, pois “sem isso, todos os lugares teriam um mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história” (SANTOS, 2008, p. 145).

Esse valor especial, que é afetado pelo movimento da história, pode ser notado na fala dos moradores:

[...] Em seguida chegou outro vizinho (o Carlinhos que saiu de dentro de casa) e começou a conversar com ela (Zuleide). Resolvi me aproximar para conversar com eles, foi quando ela perguntou:

__ E aí, saiu a mega-sena acumulada?

Ele respondeu:

__ Sim, foi para um cara da Bahia.

__ Graças a Deus! As filas ficam insuportáveis e a gente trabalha feito louca.

Então perguntei se ela trabalhava em lotérica, pois demonstrava em sua fala uma certa familiaridade com as rotinas da loteria. Ela afirmou que sim, mas que estava de licença médica há alguns meses.

*Em seguida, o Carlinhos entrou com sua fala, dizendo que saberia o que fazer com tanto dinheiro se ele ganhasse um prêmio daquele: **iria reformar a rua e transformá-la em uma enorme área de lazer.** Perguntei o porquê e ele me respondeu:*

__ São 51 anos morando aqui. Adoro isso aqui e não quero sair daqui nunca.

(Nota de campo: 07 de setembro de 2008)

Compreender a importância do lugar para os moradores do local, agora adultos, mas que um dia foram crianças moradoras daquela rua, revela a dimensão prática do espaço, como discute Carlos (2004, p. 15):

Desse modo, podemos afirmar que, além de objetos, o sentido da noção da produção revela um processo real amplo e profundo enquanto um conjunto de relações, modelos de comportamento, sistemas de valores, formalizando e fixando as relações entre os membros da sociedade, e, nesse processo, produzindo um espaço em dimensão prática. Mas a produção se abre para a reprodução e, nesta direção, sinaliza o processo de desenvolvimento da sociedade humana, revelando a profunda dialética homem-natureza. Nesta perspectiva, a noção de produção se supera – sem ignorar – o plano do econômico, colocando a análise num outro patamar, na medida em que a cidade revela o processo de generalização da troca, da constituição e ampliação do mundo da mercadoria, da concretização da ordem distante, no lugar, iluminando outras categorias de análise como aquela do cotidiano, apontando no lugar, a realização da vida enquanto prática socioespacial.

Considerando com a autora que, uma análise baseada no cotidiano, aponta o lugar como espaço de realização da vida e, por conseguinte, o lugar como prática social, destaque na Rua Darci Vargas, as calçadas.

Jacob (2007), lembra que as ruas e as calçadas são os órgãos vitais da cidade e que as características urbanas dependem de como são suas ruas. Ela diz que avaliamos uma cidade pela forma como suas ruas se apresentam. Assim, se elas são interessantes, a cidade demonstrará também. A autora acrescenta que “A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas.” (Jacobs, 2007 p. 29).

Dessa forma, durante as observações de campo, foi possível identificar a calçada como lugar de encontros entre adultos e adultos, adultos e crianças, e entre crianças com outras crianças, através das brincadeiras que essas realizam ali. O que pode ser afirmado após as observações de campo, é que são exatamente nos outros usos desse espaço, e não no uso vital como calçada, que a Rua Darci Vargas se apresenta como interessante. Durante as noites, principalmente as de verão, em que as temperaturas são mais elevadas, os vizinhos se organizam nas calçadas e ficam a conversar até altas horas, aguardando a temperatura da casa baixar. Foi o que afirmou uma moradora antiga da rua (Dona Edmar), lembrando que a maioria das casas têm suas lajes expostas ao Sol durante todo o dia, o que torna as residências extremamente quentes.

A calçada é utilizada também durante o dia. Ou pelas crianças, na realização de suas brincadeiras, ou pelos adultos, que também fazem da calçada um lugar de lazer nas horas de folga. Basta observar na foto seguinte, realizada pela Vitória. Toda a organização do churrasco aconteceu na calçada.



Fotografia 09 – Evento organizado pelos moradores, maio de 2009 – Créditos: Vitória.

A Rua Darci Vargas, enquanto lugar, é “(...) também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 2008, p. 322)

2.3 Uma PAISAGEM do/no MUNDO-RUA: Estratos temporais

“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua criou todas as blagues todos, os lugares-comuns.” (João do Rio, 1908, p.2)

A estrutura organizacional da rua, no atual contexto de cidades, vilas ou quaisquer outros arranjos de moradia e de vivência de sociedades, pode ser bastante provocadora de leituras de mundo: out-doors, placas, faixas, letreiros e outros recursos incluem a criança no consumo de mercadorias e de serviços, assim como na informação sobre o projeto de vida, a cultura e sobre a organização social na qual ela vive.

O que era um inocente olhar sobre o trajeto escola-casa, solicitado pela professora, para uma descrição linear do espaço transitado, hoje se tornou um mirar curioso e autônomo sobre o mundo delimitado entre construções, pessoas e máquinas, que tornaram paisagens naturais em novas imagens transfiguradas. É como conceitua Carlos (1996, p. 85):

A paisagem é uma forma histórica específica, que se explica por meio da sociedade que a produz, um produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão, é específica de um determinado estágio do processo de trabalho vinculado à produção do capital [...].

Por isso, afirmar que as mudanças em determinadas áreas geográficas, são apenas fruto de mudanças locais, sem considerar que essas mudanças abarcam a sociedade total, isto é, o mundo, segundo Santos (2008), é um engano, pois essas mudanças são globais e estruturais, gerando aumento da população total, da população urbana e da produção industrial.

Considerando a totalidade, é importante lembrar que “O processo histórico é um processo de complexificação. Desse modo, a totalidade se vai fazendo mais densa, mais complexa.” (SANTOS, 2008, p. 117), pois para cada momento, as

necessidades, as ações, os desejos e invenções das sociedades são alterados, provocando um movimento constante do global em uníssono e em dissonância com o local, ambos se tocam, se expandem, se contorcem por si e com o outro. Assim os espaços são transformados no decorrer do tempo, configurando novas paisagens.

A paisagem considerada como “(...) a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão” (SANTOS, 2008, p.103), permite-nos ver diferenças temporais, nas quais objetos do passado convivem com objetos do presente, constituindo uma construção transversal e transtemporal feita por objetos *reais-concretos*. Assim:

A evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais marca, também, as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfológicamente, quanto do ponto de vista das funções e dos processos. É assim que as épocas se distinguem umas das outras. (SANTOS, 2008, p. 96)

Considerando ainda a importância da paisagem, pois revela a relação homem – natureza, esse autor expõe a paisagem como “*memória viva passível de análise*”, Todavia alerta que “*a paisagem permite apenas supor um passado (...)*” visto que através dela é possível buscar compreender o passado, mas não apenas isso, porque:

Se queremos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade escreveu de momento em momento. Assim, reconstituímos a história pretérita da paisagem, mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual. (SANTOS, 2008 p. 107)

Assim, na busca de compreender a paisagem atual da Vila Rosali, foi necessário compreender como essa paisagem se constituiu. Mesmo entendendo não ser possível uma compreensão em dimensão total, por meio das narrativas dos moradores, se buscou entender parte da história do lugar, que na verdade, é amarrada às histórias de seus moradores.

Os registros históricos da Rua Darci Vargas (antiga Operária) no bairro Vila Rosali, em São João de Meriti, Rio de Janeiro, foram feitos por lembranças de diversas memórias, por muitas vozes e várias mãos. Seria impossível essa construção sem a ajuda daqueles que nasceram nessa rua e sem as lembranças resgatadas nas memórias daqueles que viveram suas infâncias na mesma. Em cada

momento do relato dessa história, aconteceu um reviver de tempos que não voltariam mais e de brincadeiras de criança que não se brincam mais. Cada relato foi marcado por saudade expressas no “peso” de suas falas... Saudades, muitas saudades... :

“Antigamente era muito gostoso. Na rua, brincávamos de roda...”
(Entrevista com moradora Adely, 69 anos, Novembro de 2008).

O restrito número de informações exigiu-me uma busca incessante sobre a história da rua. Vários fragmentos sobre a história do bairro foram disponibilizados pelo Centro de Pesquisa Histórica da Baixada, por intermédio da gentil ajuda do professor historiador Guilherme Perez, que, inicialmente, fez questão de destacar que a história da rua está interligada à história de surgimento do bairro Vila Rosali e à história da própria Baixada Fluminense, sendo incluída nesse momento, à história do Município de São João de Meriti.

Segundo esse professor, que tem uma obra no prelo intitulada “A Vila Rosali”, antigamente, toda a área da atual Baixada Fluminense, era formada por fazendas. A Vila Rosali, local da presente pesquisa, foi uma fazenda chamada “Fazenda do Carrapato”. Esse nome ainda pode ser visto em alguns documentos dos moradores. Comprada por Rubens Campos Farrula, com o apoio de sua esposa D. Rosaly de Araújo Farrula, essa fazenda era espólio da família do comendador Tavares Guerra, proprietário e administrador do Porto da Pavuna⁷, na segunda metade do século XIX.

Ao adquirir a Fazenda do Carrapato, o Dr. Rubens Campos Farrula transformou-a em área de loteamento com o nome Vila Rosaly em homenagem à sua esposa e conseguiu, com sua influência, desviar a Estrada de Ferro Rio D’Ouro de seu leito original, para que passasse dentro de sua propriedade. Em 1929, inaugurou uma parada de trens, no local, com o nome do bairro. Até os dias atuais a “Estação Vila Rosali”, faz parte da paisagem do bairro. Dela partem e chegam trens transportando passageiros, sendo essa estação importante ponto no conjunto dos meios de transporte urbano na localidade.

⁷ Esse era um dos portos mais importantes, por onde escoava a produção agrícola como o milho, a mandioca, o feijão, o arroz, legumes, o açúcar e a aguardente e ao mesmo tempo recebia os produtos importados. Hoje o rio da Pavuna (local do antigo porto) não passa de um canal para escoamento de esgoto.

A ocupação da Vila Rosali foi diretamente relacionada à influência do Dr. Rubens de Campos Farrula, que não somente financiou os terrenos, por meio da “Sociedade Anônima Farrula”, como também anistiu muitas dívidas no período da recessão de 1929. Também se tornou benemérito da população local, colaborando com o financiamento de materiais de construção para algumas pessoas que, de certa forma, foram atingidas pela crise daquela época. Além disso, disponibilizou terrenos para áreas de lazer, como no caso da construção do antigo campo esportivo, onde treinava o Vila Rosaly Futebol Clube.

Dentre as vendas do loteamento realizado pela Sociedade Anônima Farrula, parecem estar as terras da atual Rua Darci Vargas, pois foi possível encontrar alguns documentos atuais, como IPTU e Registro de Imóveis, com a referência da fazenda do Carrapato.

CONTRIBUINTE		DADOS DO IMÓVEL		DISCRIMINAÇÃO DOS VALORES	
OSCAR ARAUJO		TIPO IMPOSTO	PREDIAL	I. P. T. U.	123,60
:		ÁREA DO TERRENO	200,00	TAXA APT. 192 - C. T. M.	45,00
IMÓVEL		VALOR M2 DO TERRENO	33,03		
AV. OPERARIA 00446		ÁREA CONSTRUÍDA	51,00		
FAZENDA CARRAPATO		VALOR M2 DA CONSTRUÇÃO	99,00		
SÃO JOÃO DO MERITI		VALOR VENAL	12.359,04		
25510-401		ALÍQUOTA	1,00%		
INSCRIÇÃO : 044684		ISENÇÃO	1		
C1		ZONA FISCAL	6		
				TOTAL	168,60

Figura 03 – IPTU Ano de 2006 - Imóvel pertencendo ao Morro do Carrapato.

Embora existam essas evidências, outras perspectivas são possíveis. Segundo o morador mais antigo da rua, Sr. José Miguel, mais conhecido como Sr. Juca, o loteamento da S.A. Farrula foi realizado em partes. Ele relata que, em 1948, adquiriu com o Dr. Farrula seu primeiro terreno na rua 1º de novembro (rua paralela à Darci Vargas e que teve o nome modificado para Rua José Alves da Costa), porém, que a casa onde mora atualmente (Rua Darcy Vargas nº 480) foi adquirida por intermédio de outra pessoa, Dona Eugênia, em 1946, por cinco milhões de réis. Assim, ele afirmou não saber ao certo se a área onde mora fez parte do loteamento da S.A. Farrula.

Segundo o Senhor Juca, a rua era predominantemente residencial. Só havia dois botequins e tudo o que fosse necessário para o consumo, deveria ser comprado no centro. Destaca, porém, que no final da Rua Darci Vargas, esquina com a Nossa Senhora das Graças, paralela à linha do trem, havia o armazém de secos e molhados do Sr. Manoel. Segundo o depoente, era um armazém onde se encontravam vários produtos para vender, desde feijão-armazenado em sacos de tecido grosso e quantificado em litros- até produtos farmacêuticos.

Apesar das marcas do tempo registradas pela idade, de 86 anos, o som da máquina a vapor não foi apagado da memória de seu Juca, segundo o que nos conta:

“A Maria Fumaça vinha de Francisco de Sá e ia até Belford Roxo e quando ia chegando, apitava fazendo fu,fu,fu... quando vim morar aqui, era o principal transporte e só passava em três horários... Depois é que veio o elétrico...”

(Entrevista – Novembro de 2008)

O morador antigo ainda (re)lembra o nome de algumas pessoas que eram suas vizinhas naquele período, como Dona Maria, doceira, que era cartomante e parteira⁸ (neste momento Sr. Juca demonstra dúvidas em relação à última habilidade de dona Maria).

Dona Adely, uma das moradoras mais antigas da rua, afirma que onde mora – casa que fica no terreno de esquina da Rua José Cabral com a Darci Vargas - havia uma pequena mercearia no tempo de sua mãe, e, lembra que em sua infância, havia um vizinho um tanto misterioso:

“(...) Seu João Cândido⁹ morava na casa de nº 460, ele já era de idade...nós não sabíamos que ele era importante... ele era muito calado...a área ao lado da minha casa, onde João Cândido morava, ficou abandonada, cheia de lixo e estava em inventário. Minha filha e meu neto entraram no terreno, pagaram os impostos atrasados e moram aí até hoje”.

(Entrevista – Novembro de 2008)

⁸ Mais informações foram buscadas sobre a verdadeira identidade da parteira da rua, mas nenhum daqueles que nasceram através de suas mãos souberam informar sobre essa mulher. No depoimento de dona Adely ouve-se: “... Não sabia quem era a parteira porque os adultos não conversavam abertamente com os filhos...”

⁹ O gaúcho João Cândido Felisberto liderou a chamada “Revolta da Chibata” buscando a dignidade humana na Marinha de Guerra do Brasil. Nesse período, era comum os castigos corporais, péssima qualidade na alimentação e os trabalhos pesados, como consequência, os marinheiros brasileiros se revoltaram na madrugada de 23 de novembro de 1910.

Por sua vez, Dona Deise, que mora no local, na Rua Darci Vargas, já faz 50 anos, relembra que os terrenos eram grandes:

“(...) Não sei de quem foi comprado. Só sei que era um único terreno com dois barracos e uma casa. O resto era para plantação... limeira, abacateiro, tangerineira etc. Era da minha sogra e foi passando de mão - em - mão: vieram os filhos e foram construindo no terreno e hoje são 07 famílias...”

(Entrevista – Novembro de 2008)

O Sr. Paulo nasceu na antiga Rua Operária, e assim como os outros moradores entrevistados, não sabe a origem do antigo nome da rua e nem do atual (modificado após pavimentação parcial). Ele afirma, em seu relato, que a ocupação da rua ocorreu através da compra de lotes e que, depois, à medida que as famílias iam crescendo, aumentava o número de casas no mesmo lote. Lembra ainda da ausência de água encanada, que fazia com que as pessoas tivessem poços d'água nos quintais. Por falta de um sistema de esgotos sanitários, abriram um valão para que o esgoto saísse.



Fotografia 10 – Localização do valão à esquerda da foto.

Arquivo pessoal do morador antigo, Sr. Kinga.

Ainda dentre tantos depoimentos dos moradores, vale ressaltar o do Sr. Carlos, que mora há 51 anos na rua. Lembra que, em sua infância, brincava de Garrafão, Pique-bandeira e Pique - esconde.

Naquela época, no terreno da família, havia apenas a casa dos pais. Posteriormente, um de seus irmãos construiu uma casa lá. Atualmente são seis famílias que moram no local. Com peso na fala, lembra que, quando era jovem, vivenciou momentos de violência na rua, com presença de drogas e tiroteio. Constata que a situação mudou quando o “*chefão*”¹⁰ morreu e o número de policiais aumentou no entorno do bairro, uma vez que alguns moradores passaram em concursos, sendo localizados para o exercício da profissão ali mesmo, assim como outros policiais chegavam para morar ali. Lembra:

“(...) Antigos donos da área morreram e com a chegada dos novos policiais, hoje isso aqui é um paraíso... tem quem fume e cheire? Sim! Mas são apenas viciados (...) Todos são trabalhadores e não mexem com os moradores. Nos dias mais quentes, ficamos até de madrugada na rua e não temos medo de assaltos (...) sabemos que a rua é tranquila.”

(Entrevista – Novembro de 2008)

Lentamente, as árvores frutíferas dos grandes quintais foram cedendo lugar às novas casas, ao lajeado de concreto de passeios, de garagens e de pequenos jardins modernos, que substituíam amplos espaços verdejantes de plantas. O espaço físico se tornava pequeno, dividido entre aqueles que, herdeiros dos grandes lotes, foram erguendo seus lares, e formando vilas¹¹. Assim lembra Carlos (2004, p.14):

(...) Expressão e significação da vida humana, a história da cidade revela-a como obra e produto que se realiza como realidade espacial concreta, cujo movimento é produto de um processo histórico cumulativo, revelando ações passadas ao mesmo tempo que o futuro se tece no presente e, nesta condição, revela nas possibilidades presentes a vida cotidiana. Assim, o sentido e a finalidade da cidade enquanto construção histórica se referem ao homem e a vida humana. Da mesma forma, se a construção da problemática urbana se realiza no plano teórico, a produção da cidade e do

¹⁰ Expressão utilizada pelo depoente, ao se referir ao chefe do tráfico na região. Tal expressão foi mantida para manutenção da fidelidade ao relato.

¹¹ As vilas são assim conhecidas, pois em apenas um lote existem inúmeras residências. Muitas vezes essas casas possuem como limite, entre uma e outra, apenas a parede da própria casa.

urbano se coloca no plano da prática socioespacial, revelando a vida na cidade. A sociedade constrói um mundo objetivo através da prática socioespacial, revelando em suas contradições, um movimento que aponta um processo em curso, - que tem sua base no processo de reprodução das relações sociais- que se realiza enquanto relação espaço-temporal.

Hoje, no trecho da rua em estudo, são passíveis de observação alguns elementos que compõem a paisagem, tornando-a singular: a presença de várias casas residenciais, com atendimento em forma de prestação de serviço, aos moradores. Além disso, existe o comércio ambulante regular e o esporádico, que visa suprir a necessidade daqueles que, por algum motivo, não apresentam facilidades de se dirigirem ao centro da cidade.

Dentre os estabelecimentos comerciais presentes na rua em estudo, alguns não foram fotografados pelas crianças e por isso não possuem imagens aqui representadas. Contudo, outros estão sendo apresentados pelas imagens, realizadas pelas próprias crianças, que participaram da pesquisa.

Como o botequim do Zé:



Fotografia 11 – Botequim do Zé. Autoria dos pequenos fotógrafos.
A banca de jornal, que funciona esporadicamente:



Fotografia 12 – Banca de jornal. A autoria dos pequenos fotógrafos.

O Lanche do Papal, que possui ao lado, um espaço para venda de cloro e desinfetante caseiro.



Fotografia 13 – Lanche do Papal (esquerda) e Xerox da Dona Claudina (direita) –
Créditos: Vítor.

Há também três oficinas mecânicas e uma padaria, que agrega diversos serviços tal como açougue, botequim, mercearia, banca de verdura, legumes e frutas, além de possuir no terraço, uma casa de festas que, aos domingos, acontece o “Pagode do Renato da Padaria”.

Considerando que a maior parte dos lotes é ocupada por várias residências, o espaço para garagem, para atender a todas as pessoas que nelas moram e que possuem carros, é praticamente inviável. Aproveitando isto, um dos moradores, o Sr. Paulo, organizou em um terreno que possui ao lado de sua residência, um estacionamento mensal, onde pessoas alugam uma vaga e guardam seus carros, evitando a exposição na rua.



Fotografia 14 – Estacionamento – Créditos: Lucas.

Como recurso para aumentar a renda familiar, várias residências se tornaram locais de vendas de produtos e de prestação de serviços. Exemplos: a casa de dona Claudina, faz o serviço de fotocopiar; a dona Fátima, faz pequenos remendos e ajustes em roupas.

Durante todos os dias da semana, funcionando até às 22h30min, no inverno e até à meia-noite no verão (quando as pessoas ficam até tarde nas calçadas, conversando) há um local que funciona como um “Pronto-socorro do lar”: é a casa de Adriana, uma moradora que, com a ajuda de seus dois filhos e do marido, vende

diversos produtos, tais como biscoitos de todos os tipos, ovos, refrigerantes, analgésicos e anti-térmicos, doces diversos e muitas outras coisas.



Fotografia 15 – Casa da Adriana (pronto socorro do lar) - Créditos: Lucas.

Uma das oficinas mecânicas possui outra função: durante as noites de finais de semana, funciona a mini-pizzaria de Dona Noemi, uma senhora idosa que, com a ajuda da nora e filhos, vende pizza e cachorro-quente, tendo fila de espera para o atendimento. Conforme depoimento de Alisson¹²:

“Esse é o lugar mais gostoso daqui... Ela é quem mais vende... o lanche dela é o melhor daqui.”

(Entrevista coletiva, outubro de 2008)

Os sons emitidos por diferentes vendedores ambulantes são constantemente ouvidos durante vários horários do dia. Ora é o vendedor de vassouras que, esporadicamente, visita a rua e grita: *olha o vassoureiro...* Ora é a visita, diária, do vendedor de aipim: *“é aipim de primeira, olha o carro do aipim...”*

¹² Criança que participa intensamente nas atividades da rua, apesar de não morar nela.

Além disso, não se deve ignorar a presença semanal dos carros da verdura e da fruta:



Fotografia 16 – Carro da verdura - Créditos: Vítor.

O vendedor de bolo e o de peixe, além do padeiro que, todos os dias pela manhã, chama a atenção tocando sua buzina e a do doceiro que, pela noite, também faz seu barulho.

Assim, a rua apresenta uma paisagem de uma rua que tem alma, na qual seus moradores cotidianamente não a entendem como um espaço de passagem, mas como espaço de vivência, na interação entre aqueles que ali compartilham experiências diárias, desde o olhar para seus filhos em atividades de brincadeira, como nos eventos realizados pelos próprios moradores.

3 “Que mundo seria esse que a aguardava?”

O MUNDO-RUA: LUGAR DE CRIANÇA

Oh! Sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos (...)

As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes (...). (João do Rio, 1908, p. 7 e 8)



“A rua estava compartimentada: os pequenos brincavam de motoca¹³, um grupo de meninos jogava futebol e os adultos estavam jogando vôlei.

Os meninos pararam com o jogo e pegaram a pipa. Enquanto soltavam-nas, (eram duas), elas agarraram nos fios e os adultos que jogavam vôlei largaram tudo e foram correndo tentar pegar. Foi um corre – corre. As crianças ficaram aparentemente desesperadas e brigavam com os adultos (a briga não parecia séria, tinha ar de brincadeira, ao menos por parte dos maiores¹⁴). Mais tarde, um desses tentou tirar uma das pipas que ainda estava no fio e entregou às crianças.

Quando os maiores deixaram o vôlei, as crianças pararam de brincar (...). ”

(Nota de campo: 14 de setembro de 2008)

Aos olhos de um observador, mesmo não muito atento, as brincadeiras sempre estiveram presentes no cotidiano da Rua Darci Vargas. Conforme relatei anteriormente, a causa da mobilização para seu fechamento-aos domingos e feriados-foram as brincadeiras de meninos e meninas, que há muito tempo, encontraram na rua um lugar de lazer. Assim, para essas crianças, bonecos viraram filhos, filhas, alunos e outras tantas possibilidades que a imaginação concedia. As bolinhas de gude rolaram sem o limite impresso pela rua e a bola de futebol dominou todos os cantos e locais possíveis de ser jogada, como na pelada, na queimada, na linha de passe e de outras tantas maneiras, elaboradas pela criatividade.

Essas vivências de crianças, que até os dias de hoje acontecem num bairro, fazendo parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, instigaram-me a pensar sobre a forma em que cotidianamente, as pessoas se apropriam do espaço.

Apesar de agora conhecer a existência de um processo legal de autorização da prefeitura para essa ocupação - que é temporária, com dias e horários certos para tal, e que legalmente, fica dependente de uma liberação pública - não é possível afirmar ao certo quem primeiro iniciou o processo “ocupação”¹⁵ da rua: foram os adultos, as crianças, ou os dois grupos simultaneamente? A questão permanece. Mesmo assim, é possível afirmar que as redes de significações sobre aquele espaço ali construídas, ao longo de determinado tempo, são importantes e compartilhadas entre os diferentes grupos geracionais. A rua não é compreendida

¹³ Artefato construído para brincadeiras de criança. Aqui no Rio de Janeiro é mais conhecido como triciclo.

¹⁴ Neste contexto estou categorizando jovens e adultos num mesmo grupo, apesar de reconhecer que existe diferença entre esses grupos geracionais.

¹⁵ Utilizo esse termo considerando que a partir da transformação urbana ocorrida no processo de industrialização e de consolidação do capitalismo, as ruas não se constituíram inicialmente como locais em que pessoas pudessem ficar em determinado tempo de sua vida, compartilhando momentos com outros, mas foi pensada como área de passagem: “entre o aqui e o ali”. Locais de trânsito e movimento, não de pausa.

apenas como espaço de transeuntes, mas como lugar de vivência, de pessoas que compartilham tempos/espaços de distração, de lazer, dentre outros. Considerando isso, vale lembrar as palavras de Carlos (2002, p.14):

Portanto, deixando de lado postulados e afirmações dogmáticas, podemos tomar como ponto de partida para o desenvolvimento capaz de produzir uma “leitura geográfica sobre a cidade”, a ideia da cidade enquanto construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza. (...)

Essa autora mostra também (1996), “que o lugar se constitui nas vivências das pessoas” e baseando-me nisso, afirmo que, nos eventos realizado pelos adultos, ou seja, através das brincadeiras de crianças, há um trecho da Rua Darci Vargas que se transforma em “*lugar*”. o que inverte a lógica inicial da origem das ruas na modernidade. Assim, as crianças:

(...) vivem o espaço em sua plenitude geográfica, estão presentes nas paisagens, deixando suas marcas e constroem/destroem suas formas, estabelecem lugares e territórios, vivem seus afetos, seus desejos, poderes, autorias e heteronomias. Inventam-nos, arquitetam e des - arquitetam, o aceitam, o negam, seja no campo da percepção ou da representação. Se a ciência geográfica desdobra o espaço com estratégias para a compreensão e interpretação, na criança todas essas dimensões se encontram, criando a condição geográfica de existência humana. (LOPES, 2010, p. 6)

Carlos (1996) afirma que “uma metrópole não é lugar, pois não pode ser vivida integralmente, apenas parcialmente, através dos bairros” e eu completaria, por outros movimentos cotidianos. Nos bairros, as pessoas compartilham experiências no espaço, através de seus corpos e nas relações cotidianas. Logo, é possível afirmar que esses locais são formas materializadas do lugar em uma metrópole.

Nesse sentido, o bairro, assim como a *rua*, é o espaço da metrópole onde as vivências são possíveis¹⁶, dando sentido a esse espaço e transformando-o em LUGAR, pois, assim se constitui:

[...] Como espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso conhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente

¹⁶ Reconheço que outros lugares nas metrópoles permitem essa sensação também, mas neste trabalho, estou focando essas duas construções geográficas: o bairro e, mais especificamente, a rua.

sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito ao seu cotidiano, ao seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando significado dado pelo uso. (CARLOS, 1996, p. 21)

Os espaços vão ganhando *sentido e significado*¹⁷ também pelos usos que o homem faz através de seu corpo, e por isso é válido lembrar que, para Tuan (1983, p. 14): “A percepção é uma atividade, um entender-se para o mundo”, permitindo assim, um sentido para os espaços.

Esse autor ainda afirma que é, no uso cotidiano do espaço, que ele vai se constituindo como lugar; e isso, ligado a um sentimento de apego, com base em certa afetividade pelo espaço. (TUAN, 1983, p. 204)

Considerando as palavras desses autores, as observações que realizei durante essa pesquisa foram diretas sobre o uso cotidiano do espaço. Os campos, em que as crianças saíam com a máquina fotográfica para registrar imagens dos lugares de que mais gostavam e os de que menos gostavam, também aconteciam nos momentos de vivências das pessoas naquela rua. Logo, o que foi pesquisado por mim, e pelas crianças com as fotografias, foram os processos de construção dos lugares, a partir das vivências das pessoas.

Foi assim que as falas das crianças, com as fotografias, transpuseram o limite da construção das noções espaciais da criança. Para além das palavras de Tuan (1983), as crianças mostraram que o espaço não vai ganhando sentido e significado pelos usos que elas fazem através de seus corpos; mas sim, através das interações sociais da criança com os maiores e com outras crianças que, por meio da brincadeira, os lugares vão se constituindo e o sentimento de apego ao lugar vai se desenvolvendo.

Dessa forma, o espaço geográfico não pode ser compreendido fora das interações sociais, visto que eles não são construídos em vácuos de espaços e

¹⁷ Utilizo esses conceitos de acordo com a linguística ao considerar que: “*sentido seja a resposta para a pergunta: “O que aquilo (uma palavra, um enunciado, uma enunciação, um signo não verbal) quer dizer?” Já a significação tentaria responder a uma outra questão: “Por quais meios ou processos um enunciado é produzido como tendo sentido?” As duas noções, assim, têm uma relação de reciprocidade.* (MORADO, 2000, P. 164)

tempos e o corpo não é uma mera estrutura constituída biologicamente, que se coloca aleatoriamente na superfície terrestre. É o que mostra o registro seguinte:

Assim que cheguei, vi algumas crianças na rua. As meninas pulavam corda, que um adulto e outras crianças batiam, outro grupo (meninos) jogava bola e os pequeninos, andavam de “motoca”.

Em determinado momento, um carro de moradores, os únicos que podem entrar na rua quando ela está fechada, parou e alguns jovens saíram do carro. Dois deles retiraram lá de dentro uma caixa de isopor (estavam chegando da praia). Em seguida, algumas pedras de gelo foram retiradas da caixa pelos jovens, que começaram a correr atrás das crianças, para colocarem as mesmas dentro das calças dos pequenos. Uma das crianças (chamarei aqui de João) ficou muito nervosa. Chorava e gritava muito. Pegou pedras (essas não eram de gelo!) e começou a jogar nos jovens, na tentativa de reagir à situação. Um deles falou:

– João, você é muito “marrento”. vai levar gelo!

É continuou a correria atrás da criança, que desesperada, se retirou para dentro de casa, enquanto a “avó” saiu aparentemente disposta a “tomar as dores” do neto, e ordenou que todos parassem com aquela brincadeira sem graça. Ela ficou no seu portão por um bom tempo, como se estivesse supervisionando o comportamento daqueles jovens [...].

(Nota de campo: 07 de setembro de 2008)

Os achados dessa pesquisa, realizada com as crianças que vivenciam momentos de lazer, na Rua Darci Vargas, mostram que a afetividade desenvolvida por um indivíduo, em determinado espaço, suas percepções e transformações de tais espaços em lugares, passa pelo encontro dessa criança com os outros, incluindo também os maiores, que constroem com ele as redes de significações e juntos, transformam o espaço físico, materializado, em um lugar cheio de sentidos.

Foi assim que, com a máquina nas mãos, captando as imagens de parte das histórias e das geografias de suas vidas, as crianças mostram a importância do outro para a construção dos sentidos e significações do espaço, no lugar de suas vivências.

3.1 MUNDO-RUA: *Lugar de encontro com os maiores*

[...] **Pesquisadora:** *E você A.? Conta pra mim, por que você fica tanto tempo na rua?*

A: *Eu gosto de brincar aqui com meu primo.*

Pesquisadora: *Estão todos em família. Tem mais algum parente aqui?*

R: *Eu sou primo do L.*

D: *Eu sou irmão do DL [...].*

(Entrevista coletiva outubro de 2008)

Ao solicitar que fotografassem os lugares da rua de que mais gostavam, essas crianças me falavam de seus vínculos com o outro, não apenas de seus amigos e familiares crianças, mas também de seus amigos/familiares maiores: mãe, pai, irmãos, primos, avós e tios.

Nem sempre esses familiares, principalmente os maiores, se apresentaram interessados em serem fotografados. Como sabiam que era um trabalho acadêmico, muitos falavam que não estavam arrumados para a fotografia e se recusavam a produzir a imagem. Mesmo assim, as crianças insistiam e por isso, em alguns momentos, os maiores aparecem sem mostrar o rosto ou até mesmo distraídos, pois qualquer descuido seria uma boa oportunidade para a criança realizar seu desejo de fotógrafo.

A ideia dos maiores de que precisavam ficar bonitos na foto era tão nítida, que mesmo depois de conversar com esses familiares - os quais me autorizavam sair com suas crianças para fotografar os lugares da rua - havia uma preocupação com a estética de seus pequenos: com a roupa, sandália, cabelo arrumado, e assim por diante.

Para conseguir sair com as crianças na rua, fotografando os lugares, havia necessidade de reafirmar que elas não seriam fotografadas por mim, e sim, os lugares seriam fotografados pelas crianças. Após muitas explicações, elas eram autorizadas a saírem da forma como estavam na rua, o que era interessante, pois se, de repente a própria criança se fotografasse, ou outra situação acontecesse, de tal forma que ela aparecesse na imagem, o momento ali captado mostraria a realidade de seu cotidiano, sem forjar uma situação artificial, na qual todos

estivessem limpinhos, pois é fácil entender que as brincadeiras na/da rua exigem o contato com o chão, com a calçada, com a areia, etc. Então, embora algumas crianças tenham o hábito de tomar banho antes de ir para a rua, manter-se limpo é difícil, tornando-se viável apenas se a criança ficasse sentada na calçada, assistindo as outras brincarem, o que é quase impossível naquele contexto.

Vários desses familiares foram fotografados pelas crianças que participaram da pesquisa, evidenciando a importância dos mesmos na formação daqueles que convivem no local.

Desta forma, as notas de campo e as imagens seguintes mostram parte das relações estabelecidas entre crianças/crianças e crianças/adultos, durante suas vivências na rua, confirmando Lopes (2010, p. 15):

No processo de humanização, as crianças utilizam o mundo que está disponível, aquele que é possível usar/estar. Elas se humanizam vivendo a experiência humana, nos encontros com os diversos outros carregados de histórias passadas, de espaços e artefatos culturais.

Assim foram fotografados:

- Primos:



Fotografia 17 – Foto dos outros: primos.
Autoria dos pequenos fotógrafos.¹⁸



Fotografia 18 – Foto dos outros: primos.
Autoria dos pequenos fotógrafos.

¹⁸ Em todo o corpo do trabalho, surgirão imagens que não terão os créditos referenciados com os nomes das crianças, visando garantir o anonimato dos autores, por isso, a autoria será identificada da seguinte forma: dos pequenos fotógrafos.



Fotografia 19 – Foto dos outros, primos.
Autoria dos pequenos fotógrafos.



Fotografia 20 – Foto dos outros: primos
Autoria dos pequenos fotógrafos.

- Irmãos:



Fotografia 21 – Foto dos outros: irmãos.
Autoria dos pequenos fotógrafos.



Fotografia 22 – Foto dos outros: irmãos.
Autoria dos pequenos fotógrafos.

- Pais, avós e tios:



Fotografia 23– Foto dos outros: pais, tios e avós. A autoria dos pequenos fotógrafos.



Fotografia 24– Foto dos outros, pais, tios e avós. A autoria: pequenos fotógrafos.



Fotografia 25– Foto dos outros, pais, tios e avós. A autoria: pequenos fotógrafos.



Fotografia 26– Foto dos outros, pais, tios e avós. A autoria: pequenos fotógrafos.

Essas crianças mostram que, os significados e sentidos, são dados ao espaço, não apenas pelos usos que fazem dele, através do corpo materializado, como também, pelas relações sociais estabelecidas. Então, é importante lembrar que para Vigotski (2007, 24):

(...) o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. Não vemos simplesmente algo redondo e preto com dois ponteiros; vemos um relógio e podemos distinguir um ponteiro do outro. (...) Essas observações sugerem que toda percepção humana consiste em percepções categorizadas em vez de isoladas.

Esse autor inclui em seus resultados de pesquisa, “que a percepção é uma função superior e que também constitui uma característica do processo de humanização de nossa espécie” (VIGOTSKI, LURIA, 1996). Mas acrescenta que essa função, assim como as demais tidas como superiores, são culturais, isto é, aprendidas e sistematizadas nos encontros com o outros.

Vigotski (1996) afirma que não vemos o mundo de forma isolada, mas em contextos culturais, nos quais fomos forjados, no sentido de que outras pessoas nos apresentam nas apropriações que fazemos de tudo isso.

Assim, o autor citado busca compreender o homem, não de forma segmentada, mas a partir do que convencionou chamar de planos genéticos do desenvolvimento. Situamos-nos na interface da filogênese (curso de todo o desenvolvimento humano), da sociogênese (história sociocultural), da ontogênese (curso de uma vida na espécie), de onde vamos nos singularizando, nos constituindo como únicos (microgênese).

A preocupação de Vigotski (1996, p.29) e de seu grupo de trabalho, era entender “de que modo a influência da cultura e as influências sociais modificam o estado das funções psicológicas, tais como percepção, memória, memória verbal e assim por diante.” Em suas buscas, compreenderam que todas essas categorias emergem das interações com o mundo social, e não simples maturações naturais, como as concepções predominantes da época costumavam apresentar, em suas palavras:

O comportamento do homem moderno cultural não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico. No processo do desenvolvimento da humanidade ocorreram mudanças e desenvolvimento não só nas relações externas entre as pessoas e no relacionamento do homem com a natureza: o próprio homem, sua natureza mesmo, mudou e desenvolveu-se. (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 95)

As pesquisas por eles desenvolvidas evidenciam que, nesse processo de tornar-se humano, a utilização de instrumentos e a prática social do trabalho são situações valiosas da nossa filogênese. O uso de ferramentas para a transformação do ambiente natural pelo trabalho, marca o surgimento do homem cultural, pois agregado a isso, vem o trabalho coletivo que permite “o desenvolvimento da fala

humana, e outros signos psicológicos usados pelo homem primitivo para obter controle sobre o comportamento”. (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 52).

Ao analisar os ganhos biológico-culturais adquiridos pela humanidade ao longo de sua história, Vigotski pensou nos três planos genéticos do desenvolvimento e foi assim que buscou, de forma integrada, compreender a condição humana e caracterizar os processos de internalização e subjetivação do humano, demonstrando que as funções se constroem num jogo dialético, na tensão sujeito/mundo. Um trecho de seu Manuscrito de 1929 reforça essa ideia, pois afirma que:

qualquer função psicológica superior foi externa- significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas. Meios de influência sobre si – inicialmente meio de influência sobre os outros e dos outros sobre a personalidade. (VIGOTSKI, 2000)

Retomando as concepções de Vygotsky, Pino (2005) busca compreender quando ocorreria o que chamou de “*marco zero*”, ou seja, o momento em que a criança sai do mundo biológico e penetra no cultural.

Para isso, retoma algumas questões importantes, sob o ponto de vista desse autor, principalmente no que se referem às mudanças de um simples ato biológico, em ato cultural. Pino relembra o exemplo dado por Vigotski do ato de apontar; segundo ele, o “movimento de apontar é o modelo explicativo da constituição cultural da criança” (PINO, 2005, p. 60).

Assim, a criança aponta para alguma coisa, que supostamente deseja, mas quem faz a significação disso é a mãe que oferece a ela aquilo que entende ser o desejado pela criança (Vigotski, Luria, 1996). Ele acrescenta:

A imitação constituiria, na linha deste raciocínio, num mecanismo que permitisse visualizar o processo progressivo, vivido pela criança, de deslocamento da realidade – uma exigência da condição humana do homem – e de deslocamento definitivo do eixo evolutivo do plano da mera sensoriedade / motricidade, comandado pelas “leis” da natureza ao plano do simbólico, comandado pelas leis da história (PINO, 2005,p. 63)

Pino reconhece, a partir de Vigotski, que a principal característica do homem e sua transformação em ser cultural é a possibilidade de “(...) conferir à matéria uma

forma simbólica e ao simbólico uma forma material” (PINO, 2005, p. 91), uma vez que:

(...) todas as produções humanas, ou seja, aquelas que reúnem as características que lhe conferem o sentido do humano, são produções culturais e se caracterizam por serem construídas por dois componentes: um material e um simbólico, um dado pela natureza e outro agregado pelo homem. (PINO, 2005.p.91)

Ainda, para esse autor, é necessário compreender que:

a cultura é materialidade, fabricada através da ação intencional de significação¹⁹ do homem sobre a natureza (como a ação do homem sobre a madeira e a produção de uma cadeira como significação de sua intenção), mas é ao mesmo tempo composta por ações simbólicas: ideias, diferentes tipos de linguagens e outros tantos exemplos de ações. (PINO, 2005, p. 92)

Assim, o meio cultural que constitui característica do humano, é:

(...) a totalidade das condições de existência criadas pelos homens ao longo da história de cada povo. Entre essas condições destaca-se, sem dúvida, a peculiaridade do sistema de relações sociais que define a convivência humana de cada povo em cada época histórica, uma vez que dessas relações depende, de maneira eminente, o futuro dessas comunidades e dos seus integrantes. Em termos mais restritos, o meio cultural entende-se o conjunto de condições reais de existência que cada grupo familiar – restrito ou ampliado – oferece aos seus membros. (PINO, 2005, p. 151-152)

Fichtner (2009, no prelo) ao analisar a dimensão do gesto, traz um exemplo dessas interações que estabelecem a condição humana no mundo. Afirma que o gesto apresenta dentro de si três dimensões: objetivação, subjetivação e comunicabilidade, e para demonstrar seu pensamento, aborda uma situação de caça, que transcrevo a seguir, longa citação que preferi deixar de forma integral:

(...) numa caça na savana alta, um caçador indica com seu gesto a um outro caçador, que está impedido de ver, onde está o animal a ser caçado. O primeiro caçador está transformando a sua percepção num processo motório - operativo: o de indicar com a sua mão. A estrutura desta operação deve ser construída de modo que resulte numa percepção semelhante à do segundo caçador. Deve-se, então, ser construída uma analogia entre o gesto próprio e a sua percepção pelo outro caçador, para que disto resulte uma comunicação extensível.

Neste contexto, o gesto significa um meio importantíssimo para vivenciar as distâncias simbolicamente, ou seja, o primeiro caçador olha o animal e em vez de correr para matá-lo, faz um gesto transformando o seu ato de percepção numa operação motora, criando, assim, uma distância entre si e o animal de presa. O caçador agora não vê o animal como se fosse o

¹⁹ Aqui o sentido de significação é dado como o uso e criação de signos (PINO, 2005, p.138).

caçador, mas ele o vê com os olhos dos outros, quer dizer, o caçador vê assim um objeto (o animal) como um objeto, nos seus aspectos objetivos. A base desta **objetivação** são as relações com as outras pessoas, numa atividade comum e conjunta. Os animais são incapazes, tanto de realizar uma distância simbólica, quanto de estabelecer uma relação mediada por signos ou instrumentos.

O caçador desta caçada pode ver-se a si mesmo como um sujeito desta atividade, isto é, a **subjetivação** de si mesmo através do gesto que comunica aos outros o que ele viu.

Esta operação do gesto tem um caráter de: repetível e disponível, no sentido de dizer que é um signo, portanto, um meio de **comunicação**, de colaboração e cooperação, tendo por sustento ou base um sistema social comum. Todas as três realizações e funções ficam possíveis somente com a base das relações sociais.

Nesse contexto, o espaço pode ser entendido como artefato cultural, e não como simples aparato para o corpo humano, pois é através da interação humana, de seus processos de significação, que o homem o constrói, enquanto meio cultural e é constituído por esses, ao dar-lhes condições de existência humana, criando o próprio humano.

Dessa forma, a dimensão geográfica do espaço considerada para essa pesquisa com crianças é o espaço enquanto possibilidade de vivências compartilhadas com o outro, o que é possível entender através das contribuições de Vigotski expostas anteriormente. O espaço possui uma significação para aqueles que ali estão compartilhando dessa construção simbólica, pois é cultura, é filogênese. É o espaço que somos e é o que somos no espaço, com seus artefatos, com seus outros.

Assim, Lopes (2009, p.3) afirma que:

A cultura de cada grupo é fundamental na construção de sua visão de mundo, é o elemento mediador entre o Eu-individual e o espaço que o cerca. A nossa relação com o espaço é, portanto, baseada numa mediação simbólica. Relacionamo-nos com ele através de símbolos, construídos e internalizados a partir do desenvolvimento de nossa história de vida, criamos imagens e com elas atuamos sobre o mundo, mediados pelo espaço-tempo- grupo social que ocupamos.

Nessa perspectiva, Lopes chega ao que hoje foi denominado por ele e por Vasconcellos (2005) como **Geografia da Infância**. Esse campo teórico²⁰ vem

²⁰ Jader Janer Moreira Lopes e Tânia de Vasconcellos não estão preocupados em dividir a Geografia em mais uma disciplina, como aconteceu no decorrer da história em que surgiu a fragmentação da Geografia humana, Geografia física e as demais "geografias". Porém, a preocupação é elucidar a necessidade de se discutir a criança e suas infâncias dentro desse novo campo teórico que eles chamam de Geografia da infância, onde o destaque maior são as questões da importância do espaço na construção da subjetividade humana. Aqui a

discutindo a criança enquanto ser social histórico e alerta para a formação da criança, também em sua condição geográfica, pois o “(...) argumento inicial é que a criança é ser sociocultural, histórico, como vem sendo alardeado nos discursos contemporâneos, contudo também é geográfico, assim como é geográfico seu processo de humanização” (LOPES, 2009, p.4). E ainda:

Apesar de presente em muitos textos e ter expandido sua permanência em estudos recentes sobre crianças, o espaço, como categoria interpretativa, muitas vezes tem sido deixado de lado ou relevado a planos secundários, compreendido apenas como arranjo físico ou, quando muito, processual, não desvelando toda extensão que o envolve na dinâmica de humanização, do ser criança, do produzir culturas (LOPES, 2009, p.4).

Considerando a importância do espaço na condição humana, a intenção desses estudos é:

(...) somar esforços às demais áreas de conhecimento, tais como a Sociologia da Infância, a Antropologia, a Psicologia do Desenvolvimento, entre outras que buscam constituir novas formas de ver e compreender as crianças nas suas relações estabelecidas com as diversas esferas sociais em que nos inserem diferentes espaços e tempo. (LOPES, 2009, p.5)

É inserido dentro do contexto da Geografia da Infância, que o estudo aqui realizado por mim entende a criança enquanto ser histórico, mas também geográfico. Assim, com voz polifônica afirmo junto à Lopes (2009, p.5), “São esses os argumentos em torno dos quais as palavras serão aqui escritas e as ideias desenvolvidas, pois para nós, torna-se impossível pensar as crianças, suas infâncias e seus tempos, fora de suas espacialidades.” Para Lopes e Vasconcellos (2005), “toda criança é criança de algum lugar onde constrói suas interações sociais, simbólicas e culturais”. Desta forma, é possível admitir que, se para o pesquisador Clifford Gueertz, (1989, p.56), “*cultura* é o conjunto de mecanismos de controle tais como planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento”, é possível afirmar que a RUA pode ser reconhecida como um LUGAR de produção de cultura, no qual as crianças se apropriam dele a partir da linguagem, por exemplo, na brincadeira.

Neste contexto, ao falar sobre os lugares da rua de que mais gosta, com fotografias que ela mesma realizou, a criança fala de sua forma de estar no mundo, de compreendê-lo e de experienciar com seus pares, o espaço. E tais falas descortinaram

que, através de sua relação com o outro, essas crianças dão a esse “espaço - rua”, novos sentidos transformando-o em LUGAR MUNDO-RUA.

3.2 MUNDO-RUA: Lugar de encontro com as outras crianças e com as brincadeiras.

Ao pesquisar a origem do fechamento da Rua Darcy Vargas e buscar na prefeitura a lei municipal que autorizava o fechamento da mesma, e com isso, ter que percorrer cinco departamentos dessa instituição, retomei os estudos de Amorim (2008), concordando com sua afirmação de que “até hoje, as crianças não são ouvidas em suas casas, na escola e muito menos pelo poder público”. A autora buscou mostrar a importância de se preocupar com os lugares de infância, pois é notório o descaso com as formas como a criança se coloca frente ao mundo.

Ao ouvir que não existe lei de fechamento das ruas, mas sim, um entendimento entre comunidade e políticos que autorizam tal ato, entendi que o direito dessas crianças, de se apropriarem livremente do espaço-rua para ampliarem as condições de construção do lugar MUNDO-RUA, está dependente de um frágil acordo, que pode ser revogado a qualquer momento, caso as autoridades resolvam que a rua, enquanto espaço de passagem, deve assim manter-se sempre aberta para os carros e fechada para as crianças.

Ao pesquisar e registrar as falas das crianças, compartilhar com elas suas fotografias, desvelou-se a partir de seus olhares, a rua como um “lugar de crianças”, onde compartilham a cultura de sua infância, principalmente através da brincadeira com seus pares e com os adultos. Logo, o lugar MUNDO-RUA faz parte da formação da condição humana das crianças.

O lugar MUNDO-RUA, enquanto “lugar de criança”, se apresentou como lugar de encontro entre crianças/adultos, crianças/crianças e crianças/ brincadeiras. Apresentando-se como um MUNDO, porque esse é entendido como *um conjunto de possibilidades* (SANTOS, 2008), para as crianças que constroem sua cultura infantil, através das convergências simbólicas. Elas manifestam sua cultura principalmente através da presença do outro e das brincadeiras.

É nesse sentido que faço minhas as palavras de Lopes (2009,p.7), quando afirma que “Nossas pesquisas mostram que as ações das crianças no espaço correm numa dimensão que temos chamado de interação produtiva, cujos processos culturais e a presença das formas, artefatos e demais pessoas estão sempre presentes.”

Desde o início da pesquisa, enquanto fazia o reconhecimento do campo e buscava conhecer as crianças, que vivenciavam aquele espaço, observei a importância das outras crianças e das brincadeiras em suas falas. Ao solicitar que me apresentassem a rua, ouvi:

Tiago: *Eu gosto de brincar na rua por que minha avó deixa, meus colegas tão aqui, meus primos... Meus colegas... O Alisson... Davi. E minha avó deixa eu brincar na rua... Quando eu chego, eu brinco.(...)*

(Entrevista coletiva outubro de 2008)

Assim como nas entrevistas, tanto coletiva como nas individuais, os campos em que as crianças, com a máquina em mãos, mostravam e falavam dos lugares da rua de que mais gostavam, indicavam que o vínculo com o espaço estava ligado à presença das outras crianças.

Logo que pegou a máquina fotográfica, Vitória, a primeira criança a fazer o campo com esse equipamento, fez a seguinte imagem:

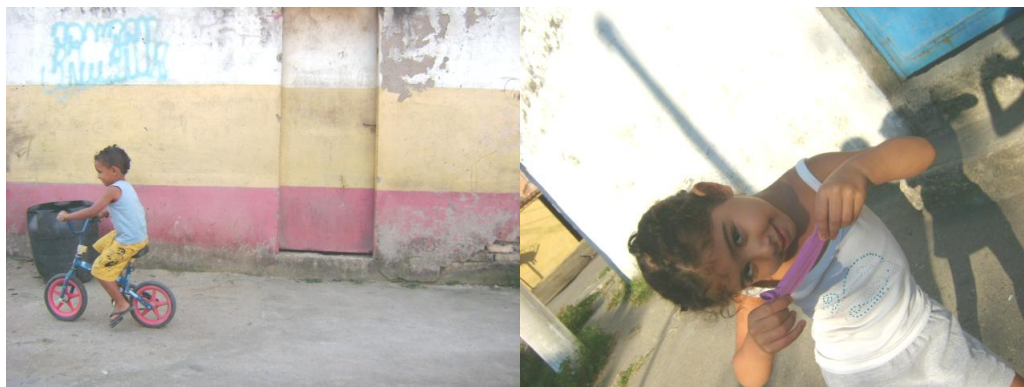


Fotografia 27– Encontro com os outros pequenos e com as brincadeiras. Créditos:
Vitória

Quando perguntei a ela porque fotografou aquele lugar, afirmou que seus amigos estavam ali e gostava do lugar por causa deles.

Assim, Vitória marca, através de sua fala com a fotografia, que os amigos e as brincadeiras fazem daquele espaço, um lugar interessante para ela. Estar e gostar do lugar para a criança, não está relacionado ao estético, à disposição dos objetos, ou aos artefatos e objetos do espaço que se encontram ali na rua. A ligação é explicitamente relatada pelo que mais lhe interessa no lugar: brincar com os amigos.

Ketelin também confirma a importância do espaço, baseada nas relações estabelecidas com as outras crianças. Ao solicitar que fotografasse os lugares de que mais gostava, ela registrou os amigos, alegando que gosta daqueles lugares por causa deles.



Fotografia 28 e 29 – Encontro com os outros pequenos e com as brincadeiras.

Créditos: Ketelin.

Utilizando poucas palavras, Larissa fotografou os colegas soltando pipas e afirmou que gostava da rua por causa dos amigos e das brincadeiras.



Fotografia 30 – Encontro com os outros pequenos e com as brincadeiras. Créditos:

Larissa.

Mais uma vez, Larissa fala dos colegas e das brincadeiras:



Fotografia 31 – Encontro com os outros pequenos e com as brincadeiras.

Créditos: Larissa.

Fotografia 32– Encontro com os outros pequenos e com as brincadeiras.

Créditos: Larissa.

Assim, o conceito de *alteridade*, discutido por Bakhtin, colabora com a compreensão da importância do espaço mediado pelo outro na construção da subjetividade, pois é “(...) no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me constituir (...)” (Faraco, 2007, p. 43), que “Essa alteridade é definida essencialmente na infância pelos usos das linguagens, entendemos aqui a brincadeira como legítima linguagem infantil de significação do mundo e as práticas de brincadeiras como práticas culturais infantis”. (Carvalho, 2008, p.3)

Não apenas através da fala com imagens, mas desde as primeiras entrevistas, as crianças apontam como significativa o trinômio: “*espaço – amigos - brincadeiras*”. As crianças que brincam na rua expõem suas formas de *(vi) verem* a rua:

Alisson: *Tia, a rua tem muita brincadeira: Pique pega, pique – esconde, pique-gelo.*

Pesquisadora: *Pique-gelo eu não conheço.*

Alisson: *É assim: Cê fica parado assim, aí se alguém colar, ele fica.*

[...] **Alisson:** *Pique-garrafa é assim: tem que se esconder e na hora de bater, tem que chutar a garrafa.*

Pesquisadora: *Ah, tem uma garrafa na brincadeira?*

Coletivo: *Tem um garrafão.*

Pesquisadora: *E é garrafa de quê?*

Outra criança: *Garrafa pet.*

Pesquisadora: *Existe mais alguma brincadeira?*

Alisson: *Pique- esconde, tem que encontrar e depois procurar...*

Outro: *Tem pique-parede.*

Lucas: *E também tia, tem mamãe na rua.*

Alisson: *É assim, mamãe na rua.*

Tumultos. *Todos mostram ao mesmo tempo.*

[...]

Alisson: *Tem muita brincadeira.*

Pesquisadora: *Muitas? Eu preciso saber quais são!*

Um após outro, com explicações simultâneas: *futebol, vôlei, queimada, futevôlei, handebol, é assim (explicações tumultuadas...)*

(Entrevista coletiva: 25 de outubro de 2008)

Naquela entrevista, explicar a brincadeira era reviver o momento de descontração. Mostravam como era o jogo e suas regras através da imitação, o que deixou o momento riquíssimo de expressões, mas também um tanto tumultuado, pois somente as crianças, envolvidas naquele contexto, entendiam o que as outras representavam. Marcamos novos encontros, mas agora com entrevistas individuais, pois a necessidade de entender as brincadeiras para mim continuava, mesmo que, em alguns momentos, tenha sido possível enxergá-las nas observações de campo e associá-las às entrevistas coletivas. Por isso busquei no Alisson, um grande parceiro de pesquisa, algumas dessas explicações.

3.2.1 Algumas brincadeiras que ocorrem no lugar.

“Boca de Forno... Forno!
E se seu mestre mandar?
Faremos todos!
E se não fizermos?
Levaremos um bolo!”

A brincadeira que mais chamou minha atenção, mas que na primeira entrevista coletiva eu não compreendi, foi a brincadeira “*mamãe na rua*”. Após a entrevista com o Alisson, ficou mais clara a sequência dessa brincadeira, que

começa com o grupo tirando “zerinho ou um”, para ver quem será o primeiro da cola. Depois de resolver essa questão, a criança da cola emite o comando do início da brincadeira com a seguinte pergunta: _ “*Pode ir?*”; os demais, se estiverem organizados, respondem autorizando o início do corre-corre. A principal diferença dessa brincadeira é que não basta correr para qualquer lado. O lugar da brincadeira é a parte central da rua: entre os dois lados da calçada. O objetivo da criança, nessa brincadeira, é atravessar a rua e chegar até o outro lado, pulando apenas com uma perna e sem deixar que o colado encoste a mão nela, pois quando isso acontece, surge aí a nova criança da cola, que dará continuidade ao corre-corre.

Certo dia, encontrei o Alisson fazendo maior sucesso na rua, pois possuía, dentre os amigos que brincavam com pipa, o maior carretel de linha. Pedi a ele duas fotografias para registrar seu momento de sucesso, e como quem erguendo um troféu, ele levanta a raia e depois o carretel, para mostrar um de seus principais divertimentos.



Fotografia 33 – Alisson apresentando a pipa e o carretel de linha. Créditos: Pesquisadora.



Fotografia 34 – Alisson apresentando o carretel de linha. Créditos: Pesquisadora.

Durante as observações de campo, foi possível perceber que bastava a presença do vento e um indicativo de tempo bom, isto significa dizer ausência de chuva imediata, que sempre havia no mínimo, uma criança soltando pipa na rua, mesmo que fosse durante a semana, o que é possível concluir que, para que a brincadeira acontecesse, não havia obrigatoriedade da rua estar fechada. As brincadeiras aconteciam também quando a rua estava aberta para o tráfego de carros.

[...]

Alisson: Tem a pipa e a raia.

Pesquisadora: Mas qual é a diferença?

Alisson: Pipa tem rabiola, a raia, a raia não.

Pesquisadora: E a gente solta do mesmo jeito?

Alisson: Não, é diferente. Na hora de levantar. A raia tem que ter alguém segurando.

[...]

(Entrevista coletiva, fevereiro de 2010)

Era comum, durante as observações de campo, ver que, de repente, várias crianças saíam correndo em direção a outras ruas para pegar a pipa que foi cortada, ou fugindo do vizinho, que com medo de ter o telhado quebrado, gritava com essas crianças, quando as marimbas²¹ caíam em suas casas.

Mas durante as observações, um fato alterou a lógica daquilo que estava previsto por mim. Imaginei que, durante as férias de dezembro, encontraria mais crianças na rua, pois o tempo livre das atividades escolares propiciaria um “bom tempo” de estar, brincar e viver a rua durante o dia. Porém, as observações mostraram que não era bem isso que acontecia. Ao contrário do imaginado por mim, o tempo de brincadeira era menor. Isso foi explicado pelos adultos quando, ao buscar informações sobre suas crianças, informaram-me que eles - os responsáveis - não autorizavam suas crianças irem à rua por causa do forte calor característico da estação de verão, que deixa o asfalto da rua quente e perigoso.

Logo, foi possível perceber que no período de verão, o horário de abertura e fechamento da rua não atende muito bem àquelas crianças, visto que, depois que o Sol se põe, ficam até tarde da noite na brincadeira e no outro dia estendem o horário do sono. Quando acordam, o calor já está intenso e seus responsáveis, preocupados com a saúde de suas crianças, não autorizam a brincadeira até que o Sol comece a se pôr, que a temperatura diminua; E aí sim a brincadeira poderá acontecer novamente.

Aqui é importante lembrar que, após as dezoito horas, em pleno horário de verão, a incidência dos raios solares ainda é forte, mas a rua tem que ser aberta para retomar sua condição de local de passagem. Quando o Sol se põe, a rua já está aberta com o fluxo normal de carros, o que muitas vezes atrapalha a brincadeira das crianças.

Esse fator, apesar de dificultar as brincadeiras livres na rua, durante o dia, nas férias de verão, não impede completamente que elas aconteçam, pois basta aparecer alguma sombra feita pelos muros, nos cantos da calçada, e ali surgem crianças criando e recriando situações de brincar.

²¹ Artefato feito normalmente por crianças. Para sua confecção, é utilizado um pedaço de madeira ou tijolo, ou qualquer outro tipo de material, que tenha certo peso e que pode ter amarrado em sua volta um grande pedaço de linha. Esse artefato é construído para retirar dos telhados, árvores, postes, ou qualquer outro lugar, as pipas cortadas durante a brincadeira. A marimba é utilizada através de um arremesso forte que a criança faz sobre o local onde a pipa caiu, no intuito de resgatá-la. Isso porque cortar uma pipa e ficar com ela é como um prêmio para aqueles que estão envolvidos na brincadeira.

Como a presença de Alisson é marcante na rua, pois sempre está por lá brincando, solicitei a ele que produzisse algumas fotografias comigo. E foram exatamente as brincadeiras que marcaram suas escolhas sobre os lugares da rua de que mais gostava.

Alisson mostra o lugar, em frente à oficina, em que ele e os colegas sempre brincam:



Fotografia 35 – Um Lugar de brincadeira com bolinha de gude. Créditos: Alisson.

Assim que ele terminou aquela fotografia, perguntei qual era a brincadeira que acontecia ali e me informou que aquele era o lugar em que brincavam de bolinha de gude. Baseando-me nas observações de campo, perguntei a ele se não existia outro local onde essa brincadeira também acontecesse. Foi quando atravessou para o outro lado da rua e fotografou a frente do estacionamento:



Fotografia 36 – Outro Lugar de brincadeira com bolinha de gude. Créditos: Alisson.

Perguntei a ele porque aqueles lugares eram bons para a brincadeira com bolinhas de gude. Alisson, em consonância com Garrocho (2008), afirmou que era por causa da areia que tinha por ali.

(...) as bolinhas de gude demandam o terreno seco, de poeira. A terra molhada se adere às bolinhas e impede seu livre curso. A terra seca, pelo contrário, solta pó de cada lance, sem aderir. Alguns jogam com buracos feitos com o calcanhar na terra. Nesse jogo, em que o objetivo é obter as bolinhas do adversário, demora-se num roteiro de regras complexas, de modo que o tempo se dilata e as habilidades se desenvolvem. (GARROCHO, 2008, p. 03)

Busquei informações para saber por que havia tanta areia na calçada em frente ao estacionamento. A informação da moradora, esposa do dono do estacionamento, foi a seguinte: durante uma pequena reforma que faziam na casa, compraram certa quantidade de areia que foi deixado pelo material de construção na calçada²². Após levá-los para dentro de seu quintal, intencionalmente seu filho (um jovem que foi uma criança que cresceu brincando naquela rua) deixou certa quantidade na calçada para que fosse um lugar de brincadeira de bolinha de gude, a pedido de algumas crianças que estavam por perto, na hora em que retirava o material da calçada.

²² Segundo o relato de um dos donos de materiais de construção do bairro, por causa do grande número de casas de vila e casa de fundo, os estabelecimentos que vendem materiais de construção, costumam deixar suas entregas nas calçadas, sendo de responsabilidade do cliente levá-la para dentro de seu quintal, onde a obra está se erguendo.

Assim, há em plena calçada daquela rua, um lugar que foi pensado pelas crianças, para se tornar um lugar de brincadeira. O espaço de brincadeira de bolinha de gude que o Alisson me apresentou, em frente à oficina, também surgiu da própria construção das crianças, mas não foi construída pela solicitação das mesmas, visto que, a areia ali acumulada, surgiu das chuvas.

Pude observar que, sempre que chovia, e a rua ficava alagada. A areia proveniente das outras ruas, que são áreas mais altas, descia e acumulava naquela parte mais baixa. Quando a água escoava e a rua fica seca, essa areia fica depositada às margens da rua e é utilizada pelas crianças para que a brincadeira com bolinha de gude aconteça. Lembrando o que afirma Lopes (2009, p. 10):

Foi assim que puderam se perceber determinadas parcelas do espaço urbano, existentes nas cidades pesquisadas, tornarem-se lugares de crianças; locais cujas funções originais não foram gestadas para elas, mas que sofreram apropriações e tornaram espaços de suas presentificações.

Outro ponto de encontro entre amigos é na escada de uma casa, na esquina da Rua Darci Vargas com a Rua José Cabral. Aqui o contato entre a casa, a rua e a brincadeira é direto, pois a varanda e a escada da casa se encontram sobre o que deveria ser a calçada da rua.

Alisson, Ketelin e Larissa mostraram a importância que tem esse lugar da rua, por causa da brincadeira e dos amigos:



Fotografia 37– Lugar de diversas brincadeiras. Créditos: Alisson.

Para Alisson, esse lugar é onde possui vários amigos e aponta como brincadeira principal os jogos de cartas, com destaque para o *jogo da memória* e o *bafo*.

Nessa entrevista, consegui conversar com alguns meninos que estavam se organizando para uma nova brincadeira. O Alisson também estava lá e perguntei a ele como era a brincadeira denominada de “bafo”. Respondeu-me que é uma brincadeira onde cada participante tem que possuir um jogo de cartas. Indaguei se utilizavam sempre cartas de baralho, e o colega (Chamarei de Maurício) respondeu-me que não, poderia ser figurinhas de biscoitos ou até mesmo umas que não foram feitas para a brincadeira de *bafo*, mas que “ *fingiam que era*” - essas eram compradas em lojas.

Antes de iniciar, eles fazem várias pilhas de cartas, onde aquelas tem que conter o número de cartas igual ao número de participantes, pois cada um deve colaborar com uma carta para compor cada pilha.

Assim que as pilhas estão prontas, tiram “zerinho ou um” para ver quem irá começar a brincadeira.

Após essa decisão, o que iniciar deve bater na pilha com a mão fechada, fazendo uma espécie de “concha”, na tentativa de pegar a carta. O jogo termina quando as

pilhas de carta acabam. Ganha o jogo quem tiver com mais cartas. Eles afirmaram que, normalmente, as cartas ficam para aqueles que conseguiram pegá-las. Não há devolução no final da brincadeira.

(Entrevista coletiva, março de 2010)

Para Vitória, aquele espaço da rua também se apresenta como lugar de amigos e brincadeiras, pois afirma que ali, moram suas amigas, que gostam de brincar de boneca e de casinha.



Fotografia 38– Lugar de diversas brincadeiras. Créditos: Vitória.

Larissa também registra a casa azul de esquina como um lugar que gosta por causa dos amigos. Ao fotografar, capta a imagem da colega que, ao longe, desce as escadas e reafirma que gosta dali por causa da amiga.



Fotografia 39– Lugar de diversas brincadeiras. Créditos: Larissa

A disposição da varanda e da escada da casa, que fica sobre a calçada da rua, é interessante para as crianças, pois enquanto brincam ali, seus familiares podem observá-las, mesmo que aqueles estejam do outro lado da calçada ou em outros cantos desta.

Além disso, a troca de brincadeira pode acontecer sem um grande deslocamento dessas crianças que, ao sentirem-se atraídas por outra brincadeira, que lhes parecia mais interessante, sai de um jogo e entra em outro, com muita facilidade de circulação entre os lugares e as brincadeiras.

Isso pôde ser notado quando, algumas crianças que brincavam na varanda dessa casa, viram outro grupo formado por crianças, adolescentes, jovens e adultos se organizando para a brincadeira de queimada. Rapidamente, notei que aqueles que estavam envolvidos na brincadeira da varanda, saíram do jogo para se envolverem na brincadeira de queimada, onde os grupos de diferentes faixas etárias brincavam²³.

Essa é uma das brincadeiras apontada pelo Alisson com posto de destaque naquela rua e, mostrando o local preferido:

²³ Nota de campo, maio de 2009.



Fotografia 40 – Lugar preferido para a queimada. Créditos: Alisson.

“[...] A queimada é assim:

A gente faz um campo dividindo em quatro partes: um para o nosso grupo, um do adversário e dois cemitérios, um para cada grupo. Aí tira “zerinho ou um” para ver quem vai começar. Depois a gente joga a bola para queimar os do outro time, se conseguir matar alguém, ele vai para o cemitério. Depois que o primeiro foi para lá ele recebe a bola daquele que ainda está vivo e, se conseguir “queimar alguém”, ressuscita e volta para o campo. Ganha o jogo quem consegue “matar” todos os do outro grupo.”[...]

Entrevista com Maurício, março de 2010.

Em uma das entrevistas individuais, com o Alisson, perguntei se ele sempre ia à rua brincar, mas para minha surpresa, afirmou que não. Fiquei intrigada, e perguntei quando isso acontecia. A entrevista seguinte mostrará dados interessantes:

Alisson: [...] Quando faço alguma coisa errada, o castigo é não poder ir pra rua brincar.

Pesquisadora: E o que você fica fazendo em casa?

Alisson: Fico assistindo televisão.

Pesquisadora: Qual canal que assiste?

Discovery Kids, Cine Pipoca... Também fico brincando de pipa de lápis.

Pesquisadora: Pipa de Lápis? Como é isso?

Chama o irmão, pede-me dois lápis e inicia a demonstração:

_ É assim, ó.

Faz gestos imaginários como se o lápis fosse uma pipa com a rabiola. Com outro gesto, fala:

_ Vou cortar a pipa dele.

Pergunto como ele vai cortar a pipa, se não pode ver a linha. Ele responde:

_ É só imaginar!

Assim, na impossibilidade de ir para rua de forma real, essa criança traz a rua para sua casa, através das brincadeiras de imaginação.

Essa forma de brincar apareceu não só na fala do Alisson, como também na de Vitória, que mostrou, em dois momentos diferentes, as possibilidades desse tipo de brincadeira na rua. A primeira possibilidade foi apresentada na varanda da casa azul, onde brinca de boneca e de casinha com as amigas. E a segunda, foi apresentada por ela, ao fotografar uma parte da calçada, na qual afirmou também brincar de boneca com as amigas:



Fotografia 41– Lugar de brincadeiras com bonecas. Créditos: Vitória

[...] __ *Na hora de brincar de casinha, a gente “finge” que a boneca é nossa filha. A gente brinca de mamãe e filha, de comidinha...*

(Entrevista individual com Vitória, março de 2010)

Brincar de *boneca e casinha* ou brincar de *pipa de lápis* faz parte do jogo imaginário, que segundo Góes (2000, p. 8):

É, portanto, uma instância em que a criança maneja, por assim dizer, imagens de si e de outros membros da cultura. Nesse processo, a relação eu - outro refina-se. Isso se dá não apenas porque as crianças aprendem a negociar com parceiros (os outros presentes) e com eles compor a orquestração das ações da “história”, conforme é frequentemente lembrado nas análises do brincar. É igualmente ou mais significativo o fato de que existem os personagens encenados e imaginados, com seus papéis correspondentes.

Na observação de situações imaginárias criadas, chama a atenção o fato de que, na encenação dos acontecimentos derivados do cotidiano, expandem-se, para a criança, as possibilidades de se deslocar de um papel para outro, de transitar por temas e tramas diversas. Ela brinca daquilo que já vivencia (filha); daquilo que ainda não pode ser (mãe, médica, professora); daquilo que o código social censura (ladrão, bêbado, seqüestrador); daquilo que aspira ser (pai, mecânico, astronauta); e assim por diante.”

Brincar de “mamãe na rua”, “pipas”, bolinhas de gude, queimadas e brincadeiras de imaginário fazem parte do cotidiano daquelas crianças e me remetem a uma inquietação: brincadeiras de imaginário? Imaginação? Será que o termo é esse mesmo? Uma vez, já que essas atividades são extremamente “reais” para as crianças, sinto que ainda nos faltam palavras a serem criadas e forjadas para entender a lógica do pensamento e do agir das crianças. Porém na falta de uma outra expressão e como mais a frente farei um diálogo teórico a partir de tal termo, ainda o usarei nessa pesquisa.

3.2.2 O Brincar, as Crianças, a Rua e o MUNDO-RUA.

“A galinha do vizinho bota ovo amarelinho, bota um, bota dois, bota três...”

Sobre as brincadeiras e suas interações com a condição humana, retomaremos os estudos de Vigotski (2007). Faz-se necessário lembrar que suas pesquisas buscavam romper com as teorias e explicações existentes até o momento, ao tecer as críticas que consideravam pertinentes sobre determinados fenômenos ligados ao desenvolvimento humano; expunha seu ponto de vista e a partir daí, traçava novos caminhos para se compreender o processo de humanização.

Nessa perspectiva, para ele:

O brincar não está ligado diretamente ao prazer, como reduziam as teorias da época, pois existem algumas outras atividades que dão mais prazer à criança do que o brinquedo, como por exemplo, chupar chupeta, além disso, explicita que em alguns jogos, as atividades não são tão agradáveis assim, como no caso dos jogos em que só há prazer se os resultados finais forem favoráveis. (VIGOTISKI, 2007, P.107).

Esse autor afirma que não se podem ignorar as necessidades da criança nem os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação, pois todo avanço de estágio de desenvolvimento a outro está ligado às motivações, tendências e incentivos. Ele ainda afirma que:

A maturação das necessidades é um tópico predominante nessa discussão, pois é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo. Se não entendermos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade. (VIGOTISKI, 2008, p. 108)

Para Vigotski, uma criança muito pequena tende a satisfazer seus desejos rapidamente, em curto intervalo de tempo. Ele afirma que “Certamente ninguém jamais encontrou uma criança com menos de três anos de idade, que quisesse fazer alguma coisa dali a alguns dias, no futuro” (VIGOTSKI, 2007, p.109). Todavia, na idade pré-escolar, vários desses desejos que surgem, não podem ser realizados imediatamente, mas a característica do estágio anterior, o desejo de realizá-lo imediatamente, promove uma mudança de comportamento. É nesse momento que, para resolver a tensão, a criança nessa situação:

(...) envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais. Como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação. O velho adágio de que o brincar da criança é imaginação deve ser invertido; podemos dizer que imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação. (VIGOTSKI 2007, p. 109)

A situação imaginária é construída no brinquedo. E essa é uma característica definidora do mesmo, pois a não realização do desejo satisfeito é a motivação da construção das situações imaginária e os elementos dessa situação constituem parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo.

Assim, para Vigotski (2007, p. 122):

(...) o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas - tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível do desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade do brinquedo. Somente nesse sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança.

O autor relata que vários estudiosos concluíram que o brinquedo que envolve a situação imaginária é aquele que se baseia em regras, mas ele vai para além dessa conclusão, afirmando que não existem brinquedos sem regras:

A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori. A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve estabelecer as regras do comportamento maternal. (VIGOTSKI 2007, p. 110)

Dessa forma, o que passa despercebido pela criança na vida real, no brinquedo, isso é uma regra. Não vale brincar de mãe e filha sem assumir na brincadeira, as regras reais de comportamento de uma mãe e de uma filha.

Sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras, não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas as que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta. (VIGOTSKI 2007, p.111)

Vigotski (2007, p. 112) afirma que todo jogo com regras possui uma situação imaginária, pois “O mais simples jogo com regras transforma-se imediatamente

numa situação imaginária, no sentido de que, assim que o jogo é regulamentado por certas regras, várias possibilidades de ação são eliminadas.”

Todas essas dimensões, são para Vigotski, fundamentais no desenvolvimento da criança, pois quando ainda é muito pequena, ela não consegue separar o campo do significado do campo da percepção visual, por causa da fusão íntima entre o significado e o que é visto. Assim, “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva” (VIGOTSKI, 2007 ,p.113). Logo:

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias, e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. (VIGOTSKI, 2007)

Para ele, a criação de uma situação imaginária, é uma manifestação da emancipação da criança, em relação às restrições situacionais: “É um estágio entre as restrições puramente situacionais da primeira infância e o pensamento adulto, que pode ser totalmente desvinculado de situações reais.” (VIGOTSKI 2007, p.117)

Considerando isso, esse autor afirma que o brinquedo promove o desenvolvimento da criança, pois permite nela uma Zona de Desenvolvimento Proximal, visto que esta, diante do brinquedo, se comporta para além do comportamento diário de sua idade.

Mas o que Vigotski entende por *Zona de Desenvolvimento Proximal*²⁴?

Para explicar tal conceito, ele afirma que a criança apresenta um Nível de Desenvolvimento Real, que se define pelas funções que já atingiram um grau de amadurecimento, e um Nível de Desenvolvimento Potencial, que é “(...) determinado através da solução de problemas, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.” (VIGOTSKI, 2007, p. 97)

Assim:

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário.

²⁴ No livro *Pensamento e linguagem*, escrito por Vigotski e traduzido por Paulo Bezerra (2001), este faz uma crítica à tradução desse termo, alegando que no sentido original proposto pelo autor, a terminologia mais adequada seria Zona de Desenvolvimento Imediato. Todavia, mesmo reconhecendo a existência da crítica a essa expressão, eu a utilizei nesse trabalho, respeitando a fonte de origem das citações bibliográficas.

Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto, a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VIGOTSKI, 2007, p. 98)

Então, o lugar MUNDO-RUA é de extrema importância para a criança, pois, no momento da brincadeira, ela está em contato com o outro, inclusive com os maiores, que compartilham esses momentos, propiciando o desenvolvimento, pois quando brinca, é como se a criança fosse maior do que ela é realmente. Para Vigotski (2007, p. 122), isso ocorre porque “Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.”.

Por isso, o autor citado (2007, p. 99), alerta que, para se compreender amplamente o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, é necessário uma reavaliação da importância do papel da imitação no aprendizado, pois, para Vigotski (2009, p.100): “(...) O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam.”

Desta forma, se as brincadeiras na rua promovem o desenvolvimento da criança, é possível afirmar que tais brincadeiras permitem o desenvolvimento humano (ontogênese/microgênese) situados em sua filogênese/sociogênese, visto que, continuando com o autor citado (2007, p. 62), “O desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie (...)”.

Há, então, uma importância no aprendizado, que obtemos a partir da relação com o outro, nas brincadeiras no MUNDO-RUA, pois:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (...) O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas

culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VIGOTSKI, 2009, p. 100)

Para concluir, Vigotski (2007, p. 134) faz uma afirmação extremamente interessante sobre o brinquedo:

Na nossa opinião, essa é uma conclusão extraordinariamente importante; ela indica que a representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente à linguagem escrita.

Assim, compreender a importância do brincar e suas interações com o processo humano é fundamental, já que promove aprendizagem e conseqüentemente, o desenvolvimento da criança. E no caso da rua, onde ocorre a pesquisa, é entender a importância do fechamento desta nos dias de domingos e feriados. É aceitar a rua, não como espaço de passagem, mas aceitar a necessidade de se compreender melhor a rua, como lugar de vivências, de trocas de experiências e de desenvolvimento humano. Eis aí a importância do espaço, como afirma Lopes (2010, p. 6):

Por isso a experiência espacial é sempre uma experiência mediada, o contato com os artefatos e objetos nele presentes, é um contato que permite vivenciar a filogênese humana, na sua própria ontogênese, não para repeti-la ou recapitulá-la, mas para possibilitar a emancipação humana e a condição de humanização.

Vasconcellos (2005, p.107-108) também mostra a importância da brincadeira para o desenvolvimento humano em uma sociedade que, é cada vez mais preocupada com a produção, no sentido econômico dessa palavra. Para isso, essa autora aponta cinco características do brincar: 1- é algo sério, e oposto do real; 2- não é uma atividade e sim uma atitude; 3- não é produtivo; 4- é flexível; 5- é eletivo.

Vasconcellos afirma que “Brincar é romper com a realidade e instaurar um novo domínio: o da brincadeira”. Por isso, as características do brincar não se apresentam aleatoriamente, mas engajadas umas nas outras, se constituindo durante esse processo.

Para valorizar o brincar, é necessário compreender esse domínio e, a primeira característica do brincar, como algo sério e oposto ao real, é apresentada por Vasconcellos, sendo de difícil entendimento pelos adultos, mas claramente expresso pelas crianças, que sabem distinguir quando a própria brincadeira apresenta um sentido real, inclusive de perda dos brinquedos para outras crianças. A autora ainda lembra:

Há uma fórmula no jogo infantil que indaga, ao definir as regras de um jogo: “é à vera ou à brinca?”. Se for “à brinca”, ou seja, de brincadeira, joga-se, perde-se, ganha-se e, ao final, todos voltam para casa com o mesmo número de brinquedos que tinham antes (bolas de gude, figurinhas etc.). Mas se for “à vera”, ou seja, de verdade, ao final retornarão apenas com os brinquedos que conquistaram com suas performances. Poderão ganhar ou perder de verdade. (VASCONCELLOS, 2005, p. 107)

(...)

Pesquisadora: Vocês já ouviram falar quando estão brincando, naquela frase: “É à vera ou à brinca?”

Maurício: Já. Quando é vera, agente fica com a coisa do colega. Quando é “brinca”, tem que devolver. Carta, bolinha de gude.

Alisson: é!

(...)

(Entrevista coletiva, março de 2010)

Considerar a brincadeira como algo sério e oposto ao real, leva a outra característica do brincar, que é reconhecê-lo como atitude. Assim, Vasconcellos (2005, p.107) afirma que “A brincadeira não se caracteriza por uma atividade. A brincadeira se caracteriza por uma atitude. A atitude é transformadora da atividade. (...)”

Considerando isso, uma atividade conhecida como brincadeira pode se tornar em algo real, como na brincadeira de bolinha de gude em que Maurício afirma ter que entregar realmente a bolinha ao outro. Há então, a necessidade de um resultado, um produto apresentado ao final da atividade. Por outro lado, a priori a brincadeira se apresenta ausente dessas atividades produtivas.

Essa ausência de produtividade é outra característica da brincadeira e inclusive, que a difere do trabalho. Essa ausência de produtividade permite a flexibilidade da brincadeira e encaminha o caráter eletivo desta, visto que:

Outro aspecto importante da brincadeira é o seu caráter não-produtivo. Brincar não produz! O que não significa que não exista produção de linguagem, conhecimento, subjetividade na brincadeira. O que não existe é a obrigatoriedade com a produção e é o que a difere profundamente do trabalho. Brinca-se para brincar, simplesmente. E, como não existe um resultado a ser atingido, a brincadeira se caracteriza por sua flexibilidade. Todas as fórmulas de brincar podem ser consensualmente transformadas no sentido de atender às necessidades dos sujeitos que brincam. Dessa característica deduz-se a próxima, o brincar é eletivo. Ninguém pode obrigar ninguém a brincar. É um processo que só tem lugar se for de livre-escolha e se puder ser exercido sob o controle dos próprios sujeitos. (VASCONCELLOS, 2005, p.107-108)

Como para Vasconcellos (2005), o oposto da brincadeira não é o sério, e sim, o real. Vou descrever como percebi que as crianças, que participaram da minha pesquisa, transportaram algumas dessas características para o ato de fotografar.

Uma das maiores dificuldades que encontrei ao realizar o campo, para a produção de imagens feitas pelas crianças, foi a disponibilidade delas para produzirem as fotografias e ainda, conseguir tempo, para que depois conversassem comigo sobre as imagens. Era difícil, pois quando encontrava essas crianças na rua, elas estavam sempre muito “ocupadas”... brincando.

Assim, inserir-me no campo, com a máquina, seria um desafio, pois reconhecendo a seriedade da brincadeira, entendi que deixar as brincadeiras para produzir as imagens solicitadas por mim, seria uma troca para elas pouco interessante.

Por causa disso, no primeiro campo, enquanto duas crianças brincavam, coloquei a máquina sobre a mesa, sem um diálogo anterior com a Vitória. Não mostrar a ela meu objetivo num primeiro contato, foi intencional, pois isso poderia se tornar algo real, visto que haveria a necessidade de um produto final a ser apresentado para mim: no caso, as fotografias. Assim, a curiosidade pela máquina fotográfica foi maior do que a brincadeira que estava em andamento naquela mesa.

Essa criança sentiu-se atraída para a promessa da possibilidade de um novo jogo: fotografar.

Foi assim que a máquina fotográfica entrou, durante o período das brincadeiras das outras crianças, que também começaram a ver aquele artefato como um possível momento de estar, quem sabe brincar, com um objeto de difícil acesso, a máquina digital.

Nesse sentido, são importantes as palavras de Vasconcellos (2005, p.108) ao dizer que “(...) o brincar é o contexto da infância. O ato de brincar é de domínio infantil. Não por que seja exclusividade das criancinhas. Mas porque é a conduta criativa que possibilita ao homem reinaugurar-se infinitamente.”

E é reinaugurando-se infinitamente, através dos outros adultos e crianças, que essas crianças vão significando o espaço, pois conviver no lugar MUNDO-RUA, com amigos, através das brincadeiras, permitem novas leituras de mundo e aprendizagens de regras de convivência com o outro.

As regras estabelecidas entre pessoas, que convivem em um mesmo lugar, estão impregnadas de significados, construídos ao longo do tempo. Assim, foi possível captar, durante as entrevistas coletivas e nas observações de campo, algumas situações em que elas demonstram compreender as regras do grupo de sua vivência na rua, como mostram os trechos a seguir:

João: _ Ah tia, a rua tá fechando, porque na época eles não iam mais fechar. Porque não assinaram o papel (...) aí, alguém da rua: fechava, não fechava? (...) Aí a tia... A vó do Antônio, falava assim: não é pra fechar mais a rua porque não assinaram lá (no... nome do lugar?!)

Outros: _ Na prefeitura!

João: _Aí ficamos mó tempão sem... É... Brincar. (...) Aí, ficamos assim brincando sem a rua fechar... Aí na outra época, a rua começou ficar (...), abrindo aí falaram que (...) rua... Já assinaram.

(Entrevista coletiva, 25 outubro de 2008)

Nesse trecho, fica claro que as crianças sabem que a brincadeira só é permitida livremente, em alguns dias e horários determinados, mas isso não as impedem de brincar. Elas declararam que, quando estavam sem a autorização, se

apropriavam da rua, mesmo em dias e horários que se encontrava aberta, pois, como a própria criança afirma, ficavam brincando sem a rua fechar.

(...) Na hora em que algum carro vinha passando, o Carlinhos avisava as crianças para tomarem cuidado e pararem com a brincadeira, pois estava vindo carro.

(Nota de campo: dezembro de 2008)

Durante as observações, foi possível ver a presença dos adultos, zelando pela segurança das crianças, o que, mesmo quando a rua estava aberta, facilitava a brincadeira.

Pesquisadora: *Quando que é melhor brincar: quando fecha ou a deixa aberta?*

Alisson e outros mais: *fechada. Eu prefiro fechada.*

Pesquisadora: *Por quê?*

Nicolas: *Menos risco de morrer ou de ser atropelado e ser machucado. (Risos)*

(Entrevista coletiva, 25 outubro de 2008)

Também afirmaram que reconhecem os riscos de brincar, quando a rua está aberta, pois é mais perigoso. Demonstram que, quando ela está fechada, sentem-se mais seguros, como mostraram as palavras de Nicolas.

Também na rua aprendem as regras do grupo:

Pesquisadora: *Ah! Eles colocam a rede ali?*

Lucas: *antes deles jogarem.*

Pesquisadora: *Conta uma coisa, é antes deles jogarem, por quê?*

D: *Não, quando eles colocam. Quando eles não tão jogando ainda.*

João: *Eles jogam, depois a gente joga.*

Lucas: *:Peraí, quando eles não tão jogando ainda, a gente para e aí eles começam a jogar.*

Pesquisadora: *E quando vocês estão lá jogando e eles chegam, como é isso?*

Outro: *Aí agente saí para eles “jogar”.*

Pesquisadora: *Vocês gostam de entregar a bola a eles?*

Vários: *A bola é deles!*

Pesquisadora: *E se vocês tivessem uma bola para jogar? Aí se tivesse uma rede a gente continuaria.*

Logo nas primeiras observações de campo, vi que algumas crianças brincavam na rede de Vôlei, mas assim que os jovens chegavam, elas saíram. No primeiro instante, embora as crianças não reclamassem, e sem diálogo algum com elas, imaginei que se sentiam expropriadas da quadra, quando aquilo acontecia.

Somente na entrevista coletiva, para minha surpresa, é que essas crianças me mostram, através de suas falas, que entendiam os acordos, os combinados implícitos no ato de chegada dos adultos, que montavam a rede mais cedo, assim que a rua fechava, e deixando as crianças brincando. Quando chegavam, elas cediam o lugar para os adultos, como algo normal. Não era expulsão de crianças que brincavam na quadra de Vôlei, como inicialmente imaginei. Era um acordo naturalmente pré-estabelecido entre eles. Essas crianças conheciam a regra e por isso a aceitavam, diferentemente de mim.

Em outro momento registrei:

(...) Havia também um grupo andando de bicicletas e percebi que um deles estava correndo muito e quase atropelava os pequeninos. Nicolas chamou a atenção dele pedindo que andasse mais devagar, pois poderia machucá-las, em especial as que brincavam de motoca no final da rua.

Naquela hora, dona Teça afirmou de que não gostava quando aquele menino vinha brincar ali na rua, pois ele não morava lá e é muito desobediente.

(nota de campo: setembro de 2008)

Ao chamar a atenção de outra criança, Nicolas demonstra que há um acordo implícito na hora de brincar de bicicleta na rua: não pode correr, pois poderá machucar as outras crianças menores. A fala de dona Teça demonstra que a aceitação de outra criança, que seja desobediente, não é muito grande naquela rua, ao menos para ela.

Por isso, brincar na rua significa conviver com regras acordadas entre o grupo e que devem ser respeitadas. Quem vem de fora, também deve respeitar as mesmas regras, caso contrário, pode não ser muito bem aceito entre os que ali convivem.

Nesse sentido, brincar com determinado grupo de um lugar, não é apenas brincar de qualquer jeito; mesmo que considere o brincar como flexível, há limites de flexibilidade quanto ao comportamento esperado entre aqueles que ali estão, pois, como afirma Lopes (2007-a, p. 8) “A experiência sensório motora, a percepção ambiental não pode ser compreendidas apenas como um conjunto de maturações e ações, mas sim, em planos culturalmente construídos, em que o processo de mediação está sempre presente”, como mostraram as crianças e os adultos da Rua Darci Vargas.

Logo, como afirmam Lopes e Vasconcellos (2005, p.104), é clara a importância do espaço nessas relações, pois é necessário:

(...) Compreender como cada grupo social, ao estabelecer relações entre seus membros com o espaço que ocupa e com outros grupos e espaços diferenciados, estabelecem um lugar para as suas crianças, construindo uma subjetividade infantil, possível de ser aceita e vivida na subjetividade coletiva do grupo, inclusive como categoria psicológica.

Os estudos realizados por Lopes (2009), mostram que a criança ao se apropriar do espaço, através das brincadeiras, ultrapassam a ideia de espaço como superfície, onde as relações sociais acontecem. O espaço ganha a dimensão da própria relação estabelecida. Esse processo de produção de espacialidades implica nas interações sociais e assim promove a interação produtiva. Nesse sentido, o autor alerta:

Aqui, torna-se fundamental uma outra distinção, de fundo epistemológico na perspectiva espacial das crianças e em seus processos culturais: na interação produtiva, as crianças não estão construindo outros espaços dentro do espaço, elas estão produzindo uma espacialidade não existente. Nesse processo elas experimentam a sensação de lugares, de territórios. Sejam espaços dados, vedados ou “entre”, o que as crianças vivenciam em suas interações com outras são as multiplicidades de possibilidades do uso desse espaço. (LOPES, 2009, p. 14)

Nesse contexto, vale destacar ainda que Lopes investigou as paisagens urbanas e a presença de crianças nestas, afirmando:

Fácil constatar que as crianças não vivem o espaço na perspectiva de superfície, ou na concepção de um palco previamente organizado, onde formas pré-existentes garantem processos de desenvolvimento e humanização. E a sua ausência na produção inicial das paisagens de infância não significa que as crianças sejam omissas e não participativas dos eventos cotidianos. Tais processos ocorrem a todo momento e se fazem numa outra perspectiva espacial. (LOPES, 2007-a, p. 11)

É nesse sentido que o lugar MUNDO-RUA é entendido a partir da interação produtiva, não como extensão, mas como intensidade, possibilidade. Nesse sentido, as palavras de Lopes (2010, p. 15-16) são necessárias, pois:

Conceber o espaço como interação produtiva, significa concebê-lo como intensidade e possibilidades, pois as crianças não estão simplesmente passando pelo espaço, elas são o próprio espaço, pois se forjamos nossa humanidade numa dimensão cultural, o espaço também o é. Nosso processo de desenvolvimento humano não ocorre sobre espaço como forma de um viajante solitário, como uma trajetória, o que faz com que o espaço não se constitua em meros níveis a serem alçados no processo de desenvolvimento, como superfície a ser percorrida na trajetória da humanização, que se alarga na medida que alarga nossas possibilidades de agir, como se não houvesse histórias e geografias antes de nossa história pessoal .

Assim, no centro, nas bordas, nos cantos do MUNDO-RUA estão as crianças, mas não sozinhas. Estão com as outras crianças e com os maiores, realizando experiências constantes de humanização, que têm como dimensão maior o ato humano do brincar.

4 “O processo de formação dessa criança transporia as fronteiras do convívio de seu lar...”

MUNDO-RUA: LUGAR DE FRONTEIRAS

Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação — idéias gerais — até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, idéias particulares. Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir para a rua! Ainda não fala e já a assustam: se você for para a rua encontra o bicho! Se você sair apanha palmadas! Qual! Não há nada! É pilhar um portão aberto que o petiz não se lembra mais de bichos nem de pancadas!

Sair só é a única preocupação das crianças até uma certa idade. Depois continuar a sair só. E quando já para nós esse prazer se usou, a rua é a nossa própria existência. Nela se fazem negócios, nela se fala mal do próximo, nela mudam as idéias e as convicções, nela surgem as dores e os desgostos, nela sente o homem a maior emoção. (JOÃO DO RIO. 8 e 9)



(...)

_ *Tia, só pode tirar foto dessa rua?*
 _ *Não! Por quê? Quer ir para outra?*
 _ *Sim!*

(...)

(Campo com Vitória)

Iniciei minha pesquisa na Rua Darci Vargas imaginando que o campo de pesquisa fosse restrito aos limites estabelecidos pela rua fechada aos domingos e feriados, quando as crianças fechavam-na.

Também imaginei que os horários de observação e o campo em que as crianças produziram imagens, utilizando a máquina fotográfica, ficariam restringidos àqueles em que a autorização permite à rua ficar fechada.

Todavia, enquanto realizava as observações de campo, deparei-me com algumas situações que me obrigaram transpor os limites estabelecidos para a pesquisa e que, inicialmente, foram pensados por mim.

As situações eram apresentadas quando, por exemplo, os moradores, durante o dia, não apareciam na rua, mas ao anoitecer, colocavam cadeiras nas calçadas, e por causa do calor no interior de suas casas, ficavam até muito tarde conversando, o que me obrigava a uma mudança nos horários de observação. Também em alguns dias de verão, a rua era fechada pelas próprias crianças. Por causa do mesmo calor, elas não apareciam na rua para brincar, só o fazendo à noite, quando formavam grupos que estabeleciam diferentes tipos de brincadeiras, em diversos cantos e calçadas. Dessa forma, por muitas vezes, em várias ocasiões, situações múltiplas me fizeram reavaliar dias e horários estabelecidos para a pesquisa.

Contudo, a alteração que mais me surpreendeu e, que me fez mergulhar em uma análise inesperada, foi quando as crianças ultrapassaram o limite do espaço físico estabelecido como universo da pesquisa, ou seja, aquele fio demarcatório simbolizado pelos cones e cordas amarradas aos postes, que marcava o impedimento de passagem de veículos para a Rua Darci Vargas. As mesmas crianças que acorda(va)m cedo, para determinar que naquele trecho da rua não é possível o trânsito de veículos, em determinados dias e horários da semana,

(eram)são as mesmas que me solicita(ra)m fotografar outros lugares – justificando seu desejo com argumentos variados.

Foi assim que Vitória, logo no primeiro campo, com a máquina fotográfica em mãos, pergunta-me sobre a possibilidade de fotografar outras ruas, onde brinca com os amigos. Acreditando que a criança pesquisava comigo e não era objeto de minha pesquisa, logo a segui, caminhando por outras ruas, indo até o parquinho e visitando os lugares nos quais possuía amigos, conquistados quando ela morou fora do limite inicial da pesquisa, quando já havia morado nas adjacências por onde íamos.

Assim como a Vitória, outras crianças também fizeram a mesma solicitação. A cada uma que desejava fotografar outras ruas, eu perguntava o motivo que a instigava a produzir as imagens, para além dos limites inicialmente estabelecidos por mim. Foi interessante perceber as semelhanças entre as respostas: alegavam que também gostavam dos lugares daquelas outras ruas, pois possuíam amigos e ali brincavam.

Dentre as seis crianças que participaram da pesquisa fotografando, quatro delas, após produzirem as imagens dos lugares de que mais gostavam da Rua Darci Vargas, solicitaram-me fotografar outros lugares, de outras ruas.

Na medida em que cada criança me falava de outras ruas por onde andavam, era possível retomar ao conceito de “MUNDO-RUA”, entendendo que não apenas a rua onde moravam, mas também outras tantas ruas, que faziam parte de seu *mondo de possibilidades* infantis.

Assim, foi possível perceber que algumas crianças compartilhavam outros espaços-rua comuns. Com seus pares, construíam um significado para tais espaços, principalmente através das brincadeiras, transformando-os em *lugares de crianças*: lugar MUNDO-RUA.

A liberdade que algumas delas têm para se locomover no bairro, assim como o fato de outrora terem morado em locais próximos à Rua Darci Vargas, resulta em grande número de amigos e conhecidos, em outras tantas ruas ou espaços de lazer, bem como, por isso, exercitarem maiores possibilidades de brincadeiras.

Ainda surpresa com esta nova perspectiva, apontada na pesquisa pelas próprias crianças, que, ao brincarem, realizavam, e continuam realizando, interações sociais que necessitam de apropriações de outros espaços, para além do trecho fechado da Rua Darci Vargas, remeti-me a outro conceito clássico da Geografia: o de fronteiras.

Quando delimitar no projeto de pesquisa o trecho a ser estudado, estabeleci fronteiras de acordo com a concepção moderna desta palavra, e que, classicamente, tornou-se usuária no cotidiano: a sua noção como um espaço, com limites físicos precisos, claramente estabelecidos e demarcados.

Assim, baseando-me nesse conceito de fronteira, estabeleci as minhas próprias para a pesquisa e programei as observações com horários certos e delimitar às fotografias, no trecho que possui autorização para fechamento.

Porém, essas crianças me transportaram para além, pois para elas, os demais espaços de interações sociais também são importantes. Ao me solicitarem para saírem da Rua Darci Vargas, era como se me perguntassem: por que apenas aquela rua estava sendo fotografada como um lugar, se elas também gostavam de outros lugares, de outras ruas nas quais estabeleciam interações sociais?

Nesse contexto, mesmo que eu tenha realizado algumas intervenções como pesquisadora, as fronteiras da pesquisa foram construídas materialmente pelas crianças, que me apresentaram o MUNDO-RUA bem maior do que o esperado inicialmente: um lugar em que as fronteiras inexistem e são muito mais do que limites, já que são encontros constantes no espaço. São trocas, construções de culturas próprias da infância: por isso, as brincadeiras e os amigos ampliaram os espaços, a serem representados pela fotografia.

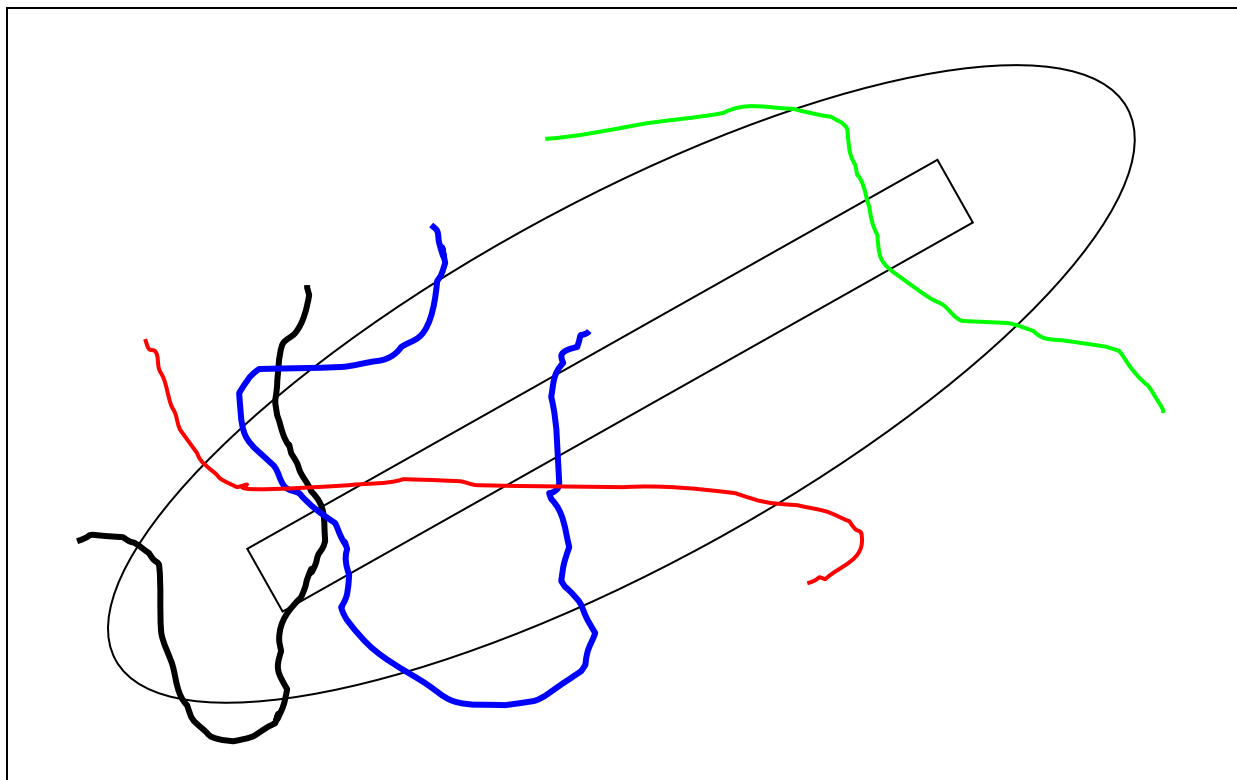
Essa outra forma de vivenciar o espaço, trazido pelas crianças, entra em concordância com Valladares, pois essa autora utiliza o termo “zonas de fronteiras”, como forma de se compreender a formação constante a que nós, seres humanos, estamos submetidos, uma vez que a fronteira, muito mais do que local de separação, são lugares de “trocas de conhecimentos, propiciando frequentes mudanças nos indivíduos e nos grupos, sendo por isso, propícia a novos rumos a seguir, por seus transeuntes”. (VALLADARES, 2009, p.106)

Desta forma as crianças da Rua Darci Vargas, fotografaram as outras ruas, o parquinho, a escola onde estudava, mostrando a amplitude de suas interações sociais, onde a ideia de fronteira, compartilha com a possibilidade de um espaço de comunhão e fontes de desenvolvimento humano. Logo, de mudanças nos sujeitos.

Assim, esses territórios marcados “oficialmente” pelo mundo adulto, seja pelo fechamento das ruas, seja pela proposta da pesquisadora em delimitar os horários e o local, não suportaram a vivência humana no espaço: os limites e as fronteiras bem como o tempo inicial da pesquisa. Não cabem ser e estar dessas crianças, que

constroem novos mapas, além de nossa lógica adultocêntrica.

Mapas difíceis de serem representados, uma vez que a cartografia clássica eliminou de suas legendas, os movimentos já que estão presentes apenas na forma de fluxos lineares, circulares e poucos dinâmicos. Como seria um mapa dessa situação? Arrisco-me a tentar traçar...



Legenda:




Símbolo	Significado
	Rua e suas fronteiras delimitadas oficialmente
	Fronteira Temporal delimitada pelos horários de fechamento
	Ações das Crianças no Espaço (vão além do espaço tempo fixo/presença do movimento)

Figura 04 – Esquema representando os movimentos das crianças no MUNDO-RUA.

Mas talvez o desenho de outra criança sobre o mundo tenha mais valor e encontros que todas essas palavras...

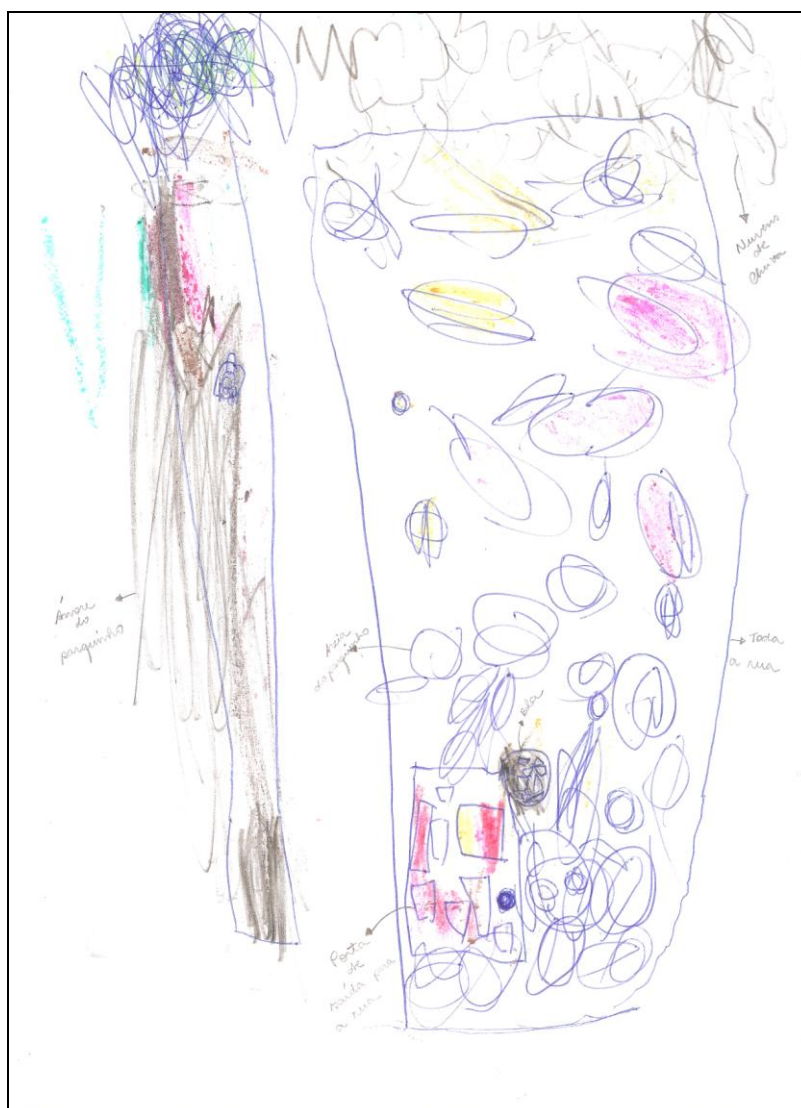


Figura 05 – Desenho representando a rua e tudo o que há nela. Realizado por Júlia, criança de quatro anos de idade. Arquivo pessoal da autora.

4.1 Abrindo as fronteiras materializadas

Em um grandioso processo de parceria, as crianças fotografaram, falaram com a fotografia, contaram-me como brincavam, e também brincaram enquanto me contavam sobre as brincadeiras. Fizem-me andar, e, digo de passagem, deixaram-me muito cansada, pois não havia energia que bastasse para acompanhar o ritmo tocado por aquelas crianças, ao percorrerem as ruas em que brincavam; ao me

levarem ao parquinho, ao subirem e descerem os morros da escola e dos lugares onde moraram um dia.

Foi assim que essas crianças me apresentaram para além dos limites da Rua Darci Vargas, as seguintes categorias: seus Lugares de Vivência e as Zonas de Fronteiras, constituindo o MUNDO-RUA e os Espaços Periféricos.

Os motivos que levaram as crianças produzirem as fotografias permaneceram: o outro (crianças e maiores) e as brincadeiras. Por isso entrelaçando essas duas categorias, essas crianças fotografaram para além da fronteira tradicionalmente conhecida, mostrando-me uma área onde as trocas acontecem, os fluxos estão presentes e as aprendizagens, a partir das brincadeiras com o outro, são possíveis.

Considerando isso, entendo que as crianças, ao me solicitarem fotografar outros lugares, que também constituíam seus espaços de vivências, mostraram-me **“zonas de fronteiras”**, pois são lugares de entrecruzamento de populações e culturas infantis vizinhas.

Assim como os grupos de crianças, denominadas de trocinhas de Bom Retiro, estudadas por Florestan Fernandes (2004), mostraram que, nas diferentes ruas daquele bairro de São Paulo, havia diferentes grupos de crianças, que desenvolviam suas culturas infantis (FERNANDES, 2004). Assim, as crianças que participaram da pesquisa na Vila Rosali, mostraram que também possuíam grupos desenvolvendo suas culturas de infância, nas ruas desse bairro.

Mostraram também, através de suas falas com a fotografia, que as interações entre as crianças de diferentes ruas acontecem com frequência e que, por isso, um processo de trocas de culturas também ocorre com complexidade e intensidade, entre elas, por diferentes motivos.

Ketelin, ao fotografar a rua onde morava antigamente, registrou os lugares de que mais gostava de brincar com as amigas e reforçou que a brincadeira “Meus pintinhos venham cá” foi aprendida com uma senhora que morava ali perto.

Meus pintinhos venham cá

Segundo Ketelin, nessa brincadeira, uma criança será a raposa que ficará no meio da rua afastada de todos. Outra, que será a galinha, ficará de um lado da calçada, enquanto as demais crianças, que serão os pintinhos, estarão na outra calçada, do outro lado da rua. Estes ficarão atentos ao chamado da mãe, que de forma ritmada, chama:

_ *Meus pintinhos venham cá.*

Todas as crianças (pintinhos) respondem juntas:

_ *Tenho medo da raposa.*

Mãe:

_ *A raposa já morreu.*

Filhos:

_ *É mentira da senhora.*

Mãe:

_ *Quer arroz?*

Filhos:

_ *Não.*

Mãe:

_ *Quer feijão?*

Filhos:

_ *Não.*

A mãe continuará perguntando se os pintinhos querem outros grãos, até o momento em que resolver perguntar se querem “milho”. Essa última pergunta funciona como um comando para que a raposa comece a correr atrás de todos os pintinhos. Quem for pego por ela, será a próxima raposa.

Ketelin me asseverou ir sempre que pode até às casas das amigas daquela rua, para brincar. Também mostrou que, após mudar de residência, brinca com as colegas da rua onde mora, mas teve que ensinar a brincadeira, que era nova para as meninas dali.

Na entrevista, realizada em fevereiro de 2010, quando perguntei ao Alisson se ele poderia me explicar melhor a brincadeira “mamãe na rua”, fez questão de reafirmar: “[...]essa brincadeira aprendi com as crianças da Rua Darci Vargas.” Já a brincadeira com pipa, ele mostra que, dependendo da rua, as crianças podem brincar de diferentes formas, e às vezes, brincam mais de um jeito, do que de outro.

Ketelin mostrou que uma brincadeira pode ganhar mais espaço, passando a ser compartilhada por diferentes grupos infantis, ao ser divulgada – por exemplo, no caso citado, por causa de uma mudança de endereço de uma das crianças, que compartilhavam de vivências da rua nas quais a brincadeira predominava.

Alisson mostrou, por outro lado, que nas zonas de fronteiras do MUNDO-RUA, é possível que essas trocas aconteçam, a partir do movimento que essas crianças fazem em seus percursos e deslocamentos rotineiros, imprimindo a esses lugares, a característica de *espaço - tempos* de aprendizagens.

Esses dados são indícios de que um mesmo brinquedo, pode ser jogado de diferentes formas, dependendo do grupo de crianças que está envolvido nele. Assim mostram que as interações entre as crianças de diferentes ruas existem.

A presença dessas crianças nos Lugares de Vivências da rua e nas **Zonas de Fronteiras**, pode depender da rua em que a criança mora e participa das atividades, confirmando assim o que Florestan Fernandes (2004) identificou como necessário para a existência das trocinhas: a brincadeira e a proximidade espacial (a vizinhança). Porém, indo além de Florestan e tentando colaborar com os estudos da Geografia da Infância, podemos afirmar pelos dados existentes aqui, que na Cultura de Pares e nas suas interações com os demais grupos da sociedade, as crianças também estabelecem uma rede no espaço, fazendo-na usando (no caso da pesquisa em questão) o brincar. Temos assim, mais uma característica da linguagem espacial construída pelas crianças.

É possível considerar que a entrada de uma criança nas brincadeiras, que estão acontecendo em outras ruas, inaugura essas zonas de fronteiras, percorridas por essas crianças e que tais zonas de fronteiras são constituídas por espaços apropriados para elas. Assim, essas zonas de fronteiras localizam-se entre lugares de brincar e outros lugares, nos quais isso não é possível, por diferentes razões as que impeçam o estabelecimento das interações sociais.

Considerando que outras ruas, portanto, se incluem nas **zonas de fronteiras** do lugar MUNDO-RUA dessas crianças, foram fotografados nessas **zonas de fronteiras**, os lugares que as crianças mais gostavam e os de que menos gostavam.

Como todo processo de escolhas promove exclusões, quando as crianças me solicitaram fotografar algumas ruas, elas excluíram outras. Para compreender esse processo de exclusão, foi necessário recorrer às suas falas. Logo, quando me afirmaram que gostariam de realizar as fotografias nas outras ruas, por causa dos amigos e das brincadeiras que ali aconteciam, estabeleceram o critério para fotografar, que excluiu tantas outras ruas, nas quais as interações sociais com os amigos, através das brincadeiras, não eram possíveis. Além disso, percorreram ruas em que apontaram exclusivamente o que não gostavam, sem se referir, em momento algum, ao que gostavam.

Nesse caso, há nas **zonas de fronteiras**, espaços de vivências (onde moram ou não, espaços onde brincam). Bordejando as zonas de fronteiras, em periferias que se expandem além delas ou que se infiltram outros espaços - que chamarei de espaços “*periféricos*”, porque ainda não fazem parte das vivências dessas crianças, o que justifica não serem fotografados por elas. Ao nomeá-los “*periféricos*”, não estarei considerando a linearidade ou a contiguidade das zonas de fronteiras, tão fluídas que estas são. Estes espaços podem estar bordejando o exterior, como “ilhas”, ou ainda estarem bordejando interiores, como cápsulas, das **zonas de fronteiras**.

Ali não há a forte presença do outro (adulto ou criança) como seu parceiro amigo e nem mesmo há a brincadeira - as duas categorias (amigos e brincadeiras) mais importantes para a criança em seu convívio nos espaços além de serem condições básicas para se transformar em “*lugar de criança*”. Isso implica dizer que esses “espaços periféricos” não fazem parte do MUNDO-RUA das crianças que participaram dessa pesquisa temporal, geográfica e provisoriamente delimitada.

Esse fato de a pesquisa estar temporalmente e geograficamente delimitada implica sua provisoriedade, o que permite afirmar que esses lugares “*periféricos*”, no momento do desenvolvimento daquela pesquisa, ainda não faziam parte do MUNDO-RUA das crianças citadas. Todavia, é possível pensar que mudanças na história e geografia dessas crianças, como uma possível mudança de moradia, pode possibilitar um encontro de vivência nesse novo espaço, até então desconhecido ou

inexplorado socialmente, e torná-lo um lugar MUNDO-RUA para ela. Então, a partir dessas novas experiências, poderá ampliar seu MUNDO-RUA, pois além de novas vivências no novo lugar, novas *zonas fronteiras* do MUNDO-RUA poderão surgir.

Então, um diálogo²⁵ com Valladares, torna-se importante, já que o lugar MUNDO-RUA apresenta ***zonas de fronteiras*** que:

“(...) São lugares,(ruas e outros espaços), onde presenciamos propostas de movimentos (há sempre novas possibilidades de brincadeira com o outro) que nos arrastam de um lugar para outro (entram e saem das ruas quando assim se sentem atraídos). Zonas de fronteiras são espaçostempos nos quais nos transformamos em moradores (pois vivem o espaço rua como intensidade), em estrangeiros (pois podem mudar de endereço e chegarem a outras ruas) , em nômades, (podem não ter uma trocinha fixa) em transeuntes (possui uma trocinha fixa, mas percorre outras). Nelas nos permitimos pertencer ora a um lado, ora a outro. (essas crianças, apesar de possuírem seus espaços de vivências, transitam nas zonas de fronteiras do MUNDO-RUA)” .(VALLADARES, 2010, p. 105).

Saindo de sua rua, onde constrói grande parte de sua vivência, e circulando ainda nas zonas de fronteiras, essas crianças realizam um *movimento de circulação entre os lugares*: saem de sua rua de origem, realizam interações sociais em outros lugares e depois retornam à rua de sua vivência maior. Entre o ir e vir, o que está no centro dos interesses não é outra busca, senão aquela pelas condições de estar com o outro, mediado principalmente pela brincadeira.

Ao considerar que essas crianças realizam um movimento migratório diário, recorro aos estudos realizados por Lopes (2005) com crianças migrantes e mudantes (nova categoria encontrada por ele), no qual as crianças mostram que não compreendem o espaço como linearidade. Elas se deslocam por cima dos limites entre estados e municípios e “(...) constroem diferentes percepções dessas dimensões. Suas falas e desenhos dividem-se entre os diversos pontos por onde passaram, poucas referências fixas atadas a apenas um local.” (LOPES 2005, p.153).

²⁵ Neste diálogo com Valladares usarei fonte itálica para marcar seu texto e, entre parênteses, usarei fonte normal para minhas inserções.

Essas crianças mostram que:

(...) se o horizonte de espacialidade da criança se expande, à medida que ela cresce, isso não significa uma linearidade em direção a uma escala maior, pois as interações com o espaço são elaboradas através de vivências significativas, onde o contato com o outro se faz presente e não apenas como um conjunto de etapas a serem vencidas (...) e é esse outro que acaba por definir a direção e a escolha dos lugares de mudança. (LOPES, 2005, p. 155 - 156)

Assim, ao realizarem suas experiências nas **zonas de fronteiras**, essas crianças constroem novos lugares de crianças que são “*pontos fixos atados ao local*” – em que não se considera a extensão espacial percorrida, ultrapassando os limites que não podem ser reconhecidos por elas, por exemplo, o limite da rua fechada para as brincadeiras.

“*É esse outro*”, criança ou adulto, quem constrói as condições de passagem do limite da rua fechada para as novas possibilidades de vivências nas zonas de fronteiras, criando assim, as novas escolhas dos novos lugares de interações sociais.

Por isso, as crianças fotografaram os lugares de que mais gostavam das **zonas de fronteiras**, como outras ruas, a escola, o parquinho dentre outros. Enfim, os lugares que interligados pela presença do outro e pela brincadeira, constituem o MUNDO-RUA dessas crianças.

Mais uma vez, elas mostram através de suas falas com a fotografia, que a afetividade pelo espaço não está ligada diretamente pelo percorrer de seu corpo simplesmente e suas noções espaciais; não estão amarradas ao seu desenvolvimento biológico dividido em etapas, mas por suas interações sociais estabelecidas com o outro, através principalmente da brincadeira como mostram os dados que se seguem.

4.1.1 MUNDO-RUA: Na zona de fronteira, lugar de encontro com amigos e brincadeiras de outras ruas.

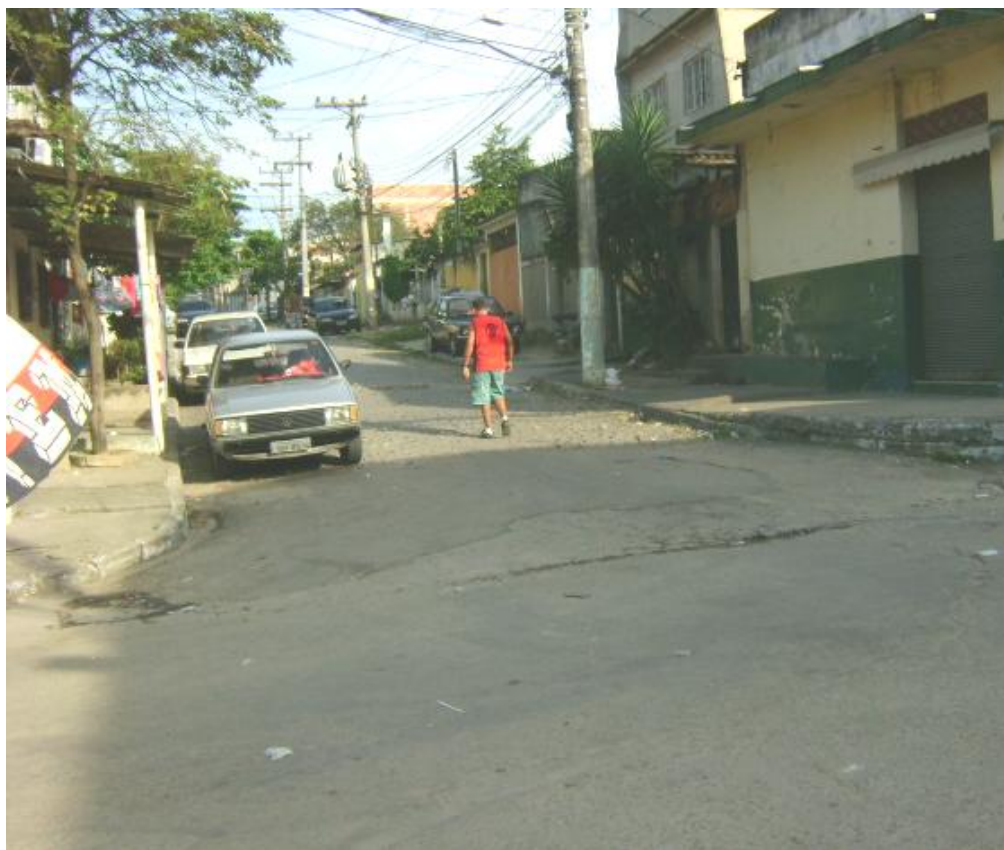
Quando acabaram de fotografar a Rua Darci Vargas, Vitória, Ketelin e Alisson me solicitaram realizar imagens de outros espaços; em outras ruas que, para eles, eram importantes, pois lá encontrariam com os amigos e com as brincadeiras.

Inicialmente, imaginei que ficaríamos apenas no entorno da Rua Darci Vargas, em ruas perpendiculares a ela, mas essas crianças foram mais longe, duas retornaram à rua onde está localizada a casa que um dia moraram. Outra ainda foi até à escola onde estudava.

Para melhor visualização da localização dos lugares percorridos pelas crianças (ruas, parquinho e escola), considero válido um retorno ao mapa da página 66.

4.1.1.1 Vitória: Nas zonas de fronteiras, brincadeiras com os amigos das Ruas José Cabral e Waldir Correia Leal.

Após produzir as imagens da Rua Darci Vargas, Vitória solicitou-me ir para outras ruas, outros lugares de vivências: caminhar pelas zonas de fronteiras. Assim que caminhou até o trecho em que a rua estava fechada, fez a solicitação, transpôs o limite pré-estabelecido por mim e produziu a imagem seguinte:



Fotografia 42–Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória

Nesse trecho, Vitória afirmou que gostava desse lugar, porque nessa rua possuía algumas amigas, e por isso gostava de brincar. Após realizar essa imagem, ela retornou à Rua Darci Vargas, encontrou os familiares, produziu outras fotografias, e solicitou ir ao parquinho.

(...) Após fotografar o parquinho, ela pediu para subirmos, pela Rua Antônio Alexandre de Oliveira, até chegar à rua onde gostava de brincar com algumas amigas. Fui com ela, seguindo o caminho que sugeriu. Na subida, não fez nenhum registro, mas de repente, começou a correr muito. Fiquei sem entender o que estava acontecendo e percebi que ela ficou frustrada, porque o portão havia se fechado, sem que ela conseguisse entrar. Em seguida, me pediu para entrar naquela casa afim de fotografar. Perguntei o porquê e ela afirmou que gostava muito daquele lugar, porque havia morado lá com sua mãe.

(Nota de campo com Vitória: Maio de 2008)



Fotografia 43– Entrada da casa onde morou. Créditos: Vitória.

A solicitação para fotografar o lugar em que já havia morado, estava vinculada à presença do outro, não apenas pelo momento atual em que, esporadicamente, com sua avó, visita as amigas daquela rua, mas pelas vivências de momentos anteriores, quando ainda morava com a mãe.

Após fazer algumas imagens do portão da casa onde morou, fez imagens da casa das três amigas as quais até hoje, sempre que possível, brincam juntas. Perguntei quais eram as brincadeiras e ela me respondeu: de casinha, boneca, mamãe e filha.



Fotografia 44 – Rua Waldir Correia Leal, como Zonas de Fronteira. Créditos: Vitória

Saiu da Rua Waldir Correia Leal, onde morava, e entrou na Rua José Cabral. Fez fotos que mostra(va)m os lugares daquela rua, não apenas em sua extensão, mas em sua intensidade, representando-os a partir de suas vivências: onde brincava e as casas das amigas.



Fotografia 45- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória.

No decorrer do percurso, em que descia a Rua José Cabral, Vitória produziu uma imagem onde, em primeiro plano, aparecia um carro parado, mas para minha surpresa, ao me falar dos lugares da rua com a fotografia, afirmou que tem algumas colegas que moram naquela casa, demonstrando que não estava preocupada em fotografar o carro, e sim, o muro da casa em que outras crianças, suas amigas, moravam.



Fotografia 46- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória

Naquele mesmo trecho fez duas fotos em diferentes ângulos (uma do alto para baixo e outra da parte mais baixa, visualizando a parte mais alta do morro) na intenção de mostrar o lugar daquela rua em que brincava com os amigos.



Fotografia 47- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória.



Fotografia 48- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória.

Depois fotografou a casa de outra colega:



Fotografia 49- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória.

Ao descer a Rua José Cabral, Vitória passa pelo Cruzamento entre essa e a João Cândido. Vira-se para ela e faz uma imagem, alegando que gostava muito de brincar com as amigas de lá.



Fotografia 50- Rua João Cândido como Zona de fronteiras. Créditos: Vitória.

O caminho realizado no retorno à Rua Darci Vargas foi diferente do percurso da ida para a rua onde morava. Vitória demonstrou que optou seguir guiando-se pelos lugares em que brincava com os colegas, quando ainda morava na Rua Waldir Correia Leal.

4.1.1.2 Ketelin: Nas zonas de fronteiras, brincadeiras com os amigos das Ruas José Cabral e Waldir Correia Leal.

Assim que ultrapassou o limite da rua fechada, Ketelin entrou na Rua José Cabral e os vários amigos a encontraram com a máquina em mãos, o que tornou o momento como um evento à parte, daquele que já acontecia na rua fechada. Assim, a máquina e os momentos das poses, foram negociados entre eles, o que permitiu uma grande quantidade de imagens produzidas por Ketelin e seus amigos.



Fotografia 51- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Ketelin.

Enquanto realizavam as imagens, um vendedor ambulante passou anunciando pirulitos de açúcar em formato de “guarda-chuva”, enrolados em papel-vegetal. Então foi um corre-corre: primeiro, para comprá-los e depois, para a retirada do papel, pois para que esse saísse, o doce deveria ser molhado. Como estavam todos na rua, sem água disponível, havia necessidade de algum colega, levar o pirulito para dentro de casa; molhá-lo, para depois ser consumido. Então, enquanto Ketelin fotografava, eu presenciava e participava de um momento de vivência daquelas crianças em uma zona de fronteira.



Fotografia 52- Rua José Cabral como Zona de Fronteira. Créditos: Ketelin.

Subindo a Rua José Cabral, Ketelin também me solicitou seguir para a Rua Waldir Correia Leal e a primeira fotografia realizada por ela, naquela rua, foi a do portão da casa onde morou. Quando encontrou os amigos, solicitou um registro daquele momento em que reviu os amigos que moravam com ela, no mesmo quintal.



Fotografia 53 – Rua Waldir Correia Leal, como Zona de Fronteira. Créditos: Vitória.

Ao passar pela rua onde morava fotografou o lugar da rua onde uma “Senhora” brincava com ela e suas amigas.



Fotografia 54 – Rua Waldir Correia Leal, como Zona de Fronteira. Créditos: Ketelin.

Ao retornar, desceu pela Rua Antônio Alexander de Oliveira sem registrar outros lugares. Antes de terminar a descida do morro ela me pediu para ir ao

parquinho fotografar, pois gostava muito de brincar lá. Atendendo ao seu pedido, seguimos.

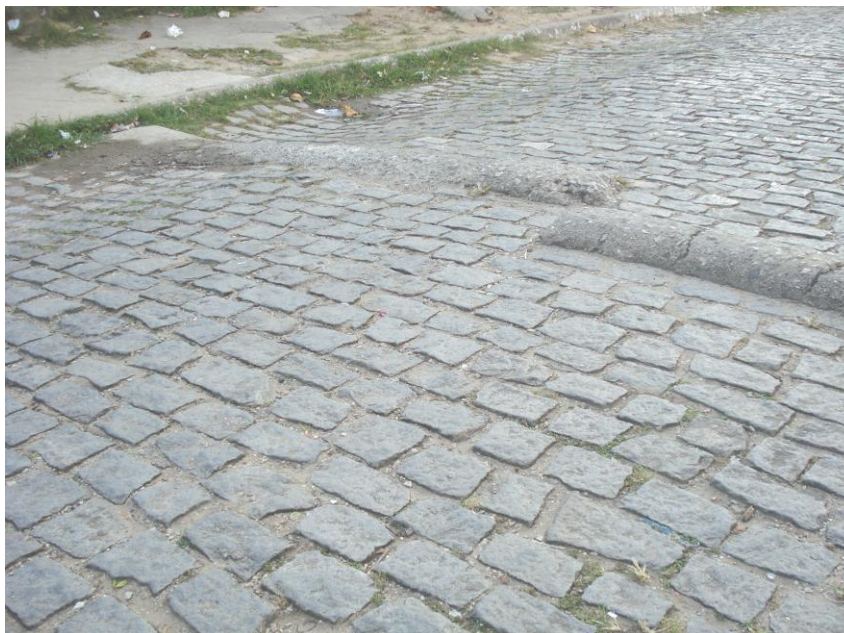
4.1.1.3 Alisson: Nas zonas de fronteiras, brincadeiras com os amigos das Ruas José Cabral e Antônio Alexandre de Oliveira.

Alisson, ao pegar a máquina, fotografou a Rua Darci Vargas e em seguida entrou na Rua José Cabral. Sem falar muito, mostrou o lugar em que brinca com seus colegas, de pique-garrafa. Assim que ele terminou de fazer a imagem, perguntei por que gostava dali; respondeu que era por causa da brincadeira e dos amigos.



Fotografia 55- Rua José Cabral como Zonas de Fronteira. Créditos: Alisson.

Então, como não conhecia a brincadeira, tornei a indagá-lo se era na calçada a realização desta. Foi quando me respondeu que não, e logo refez a fotografia, para mostrar o local de forma mais precisa:



Fotografia 56- Rua José Cabral como Zonas de Fronteira. Créditos: Alisson.

Algum tempo depois, em entrevista individual, solicitei esclarecimentos sobre a brincadeira e prontamente, me concedeu uma entrevista, que resultou nos registros seguintes:

(...) Ele fala para explicar a brincadeira e ao mesmo tempo a encena. Em alguns momentos, fica explícito, em sua fala: “*finje que você está na cola...*”, para os momentos em que desejava me colocar em sua encenação.

Segundo Alisson, o jogo deve ser iniciado com o grupo de crianças tirando, através do “par ou ímpar”, quem será o primeiro que ficará na cola.

Depois uma criança faz um círculo no chão da rua, no meio dele, será posto uma garrafa vazia. Aquele que ficou na cola, isto é, aquele que será o primeiro a procurar as demais crianças, no início do jogo, ficará de costas para a garrafa, enquanto uma outra criança a chutará com muita força, jogando-a para bem longe. O chute na garrafa marca o início da partida em que todos os participantes correrão para se esconder.

Enquanto as crianças se escondem, aquele que ficou na cola deverá, andando de costas, chegar até a garrafa, pegá-la, e só depois de colocá-la novamente no círculo, correrá, na tentativa de encontrar os colegas escondidos. Simultaneamente, a criança que está na cola deverá vigiar a garrafa, para que nenhuma outra que estava escondida, a chute. À medida em que as crianças são encontradas e ficam esperando - normalmente sentadas - as demais serem achadas, até que todos

terminem suas participações. Aquele que primeiro foi achado, será o próximo da cola.

(Entrevista individual: fevereiro de 2010)

Após fotografar a Rua José Cabral, Alisson seguiu em direção à Rua Antônio Alexandre de Oliveira e fotografou o muro, onde segundo ele, joga futebol. Para o menino a brincadeira consiste em fazer do muro uma trave, na qual uma criança fica no gol e as demais chutam a bola, na tentativa de acertar o muro, o que significaria ponto para aquela que assim “fez o gol”.



Fotografia 57- Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos: Alisson.

Seguiu mais e encontrou os amigos jogando bola. Então organizaram uma festa onde os jogadores realizaram várias ações, registradas a seguir.

-Exibem-se:



Fotografia 58- Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos:
Alisson.



Fotografia 59 - Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos:
Alisson.



Fotografia 60 - Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos:
Alisson.

-Fazem poses:



Fotografia 61- Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos:
Alisson.

-Mostram a bola:



Fotografia 62 - Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Créditos: Alisson.

Alisson fotografou a todos, afirmando que brinca com eles, pois são seus amigos daquela rua, onde mora.

Após a produção dessas imagens, ele me pediu para ir ao parquinho para fotografar os lugares de que mais gostava, porque ali brincava com seus amigos. Assim, seguimos rumo ao lugar desejado.

4.1.2 MUNDO-RUA: na *zona de fronteira*, lugar de encontro com outras crianças e brincadeiras no parquinho.

Dentre as seis crianças que participaram da pesquisa, falando da rua com fotografias, três me solicitaram produzir imagens para além da Rua Darci Vargas, bem como a ida até ao parquinho. As outras três, em momento algum, cogitaram essa possibilidade.

Para aquelas crianças que foram ao parquinho fotografar, suas falas com as produções de imagens mostraram que brincar com os amigos faz daquele espaço um lugar especial. Apresentaram os artefatos que compõem o parquinho e os amigos que ali se encontram para a brincadeira.



Fotografia 63 - Parquinho como Zona de Fronteira: Vista parcial dos brinquedos.
Créditos: Ketelin.



Fotografia 64 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem da gangorra.
Créditos: Vitória.



Fotografia 65 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do escorregador.

Créditos: Vitória.

Tanto Ketelin quanto Vitória apontaram o “balanço” como o brinquedo de que mais gostavam.



Fotografia 66 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do balanço. Créditos:

Ketelin.



Fotografia 67 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do balanço e parte da gangorra. Créditos: Vitória.

Além dos brinquedos, as crianças buscaram apresentar os amigos e as brincadeiras, que aconteciam também na quadra grande.



Fotografia 68 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem dos amigos na quadra grande. Créditos: Vitória.



Fotografia 69 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do amigos na quadra grande. Créditos: Vitória.



Fotografia 70 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem do amigos na quadra grande. Créditos: Alisson.



Fotografia 71 - Parquinho como Zona de Fronteira: Imagem da quadra pequena. Créditos: Vitória.

Outro espaço do parquinho que apareceu na fala do Alisson foi a areia, que segundo ele, é muito boa para jogar bolinha de gude (brincadeira que também apareceu na Rua Darci Vargas).



Fotografia 72 - Parquinho como Zona de Fronteira: Lugar de jogar bolinha de gude.
Créditos: Alisson.

4.1.3 MUNDO-RUA: nas zonas de fronteiras, lugar de encontro com outras crianças e brincadeiras na escola.

Ketelin, ao terminar de fotografar o parquinho, perguntou-me se poderíamos subir a Rua Senador Tarcísio Meira em direção à escola em que estudava. Seguimos o novo caminho e assim que chegamos, ela fotografou a área externa:



Fotografia 73 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos.
Créditos: Ketelen.



Fotografia 74 – Escola como Zona de Fronteira: Muro da Escola. Créditos: Ketelin.

Em seguida, perguntou se não poderíamos fazer fotos lá dentro em outro dia, pois era domingo e a escola estava fechada. Perguntei por que gostaria de fotografar a parte interna da escola. Ela me afirmou que gostava das pessoas de lá, citando inclusive os nomes de alguns funcionários. Foi assim que saí em busca de uma possibilidade de produzir imagens da/na parte interna da escola.

Após algumas visitas à escola, estabelecendo uma parceria de trabalho com a direção escolar, marcamos o dia dos registros fotográficos de Ketelin.

Assim que cheguei e comuniquei à direção, levaram-me à sala em que a Ketelin estava, pois naquele dia, por questões de saúde, a professora de Ketelin teve que se ausentar de suas atividades. Por isso duas turmas estavam juntas numa única sala.

Quando cheguei, a Ketelin me viu e ansiosa, já foi levantando. Solicitei licença à professora. Expliquei o que estava acontecendo e perguntei se, caso a Ketelin tivesse interesse, ela poderia fotografar a sala de aula. Prontamente, a professora autorizou (...). Vale ressaltar que apesar de estar com alunos de outras turmas, ela priorizou os colegas que pertenciam à sua turma original. (...)

(Nota de campo, Julho de 2009)

As imagens produzidas por Ketelin na escola continuam desvelando a importância do espaço a partir das interações sociais, visto que, assim que chegou, fotografou:

- Os amigos pequenos que ali se encontravam:



Fotografia 75 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos.
Créditos: Ketelin.



Fotografia 76 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos.
Créditos: Ketelin.



Fotografia 77 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos.
Créditos: Ketelin.



Fotografia 78 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos.
Créditos: Ketelin.

- Os amigos maiores:



Fotografia 79 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos maiores. Créditos: Ketelin.



Fotografia 80 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos maiores. Créditos: Ketelin.



Fotografia 81 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos maiores. Créditos: Ketelin.



Fotografia 82 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos maiores. Créditos: Ketelin.

Ao passar em frente à sua sala de aula, Ketelin me perguntou se poderia fotografá-la

Dirigiu-se a um canto da sala e produziu a seguinte imagem:



Fotografia 83 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos na sala de aula. Créditos: Ketelin.

Perguntei por que escolheu aquele lugar para fotografar e afirmou que sentava ali naquela cadeira, e ao lado, sempre ficava uma mesma colega. Logo depois, fotografou a sala:



Fotografia 84 – Escola como Zona de Fronteira: Lugar de encontro com os amigos na sala de aula. Créditos: Ketelin.

4.2 Para além das fronteiras materializadas: os desafetos.

(...) Apenas virou-se, pediu para ajudá-la a colocar o ZOOM da máquina e clicou, fotografando. Perguntei o motivo de fazer aquela imagem e por que ela não gosta daquele lugar. Como resposta afirmou que “... **o homem, dono dali, é chato. Ele briga muito com a gente**”. (...)

(...) Após fotografar a rua, perguntou se poderíamos ir ao parquinho. Indaguei se ali era um lugar de que não gostava, visto que, em outro momento, fotografou como o lugar de que mais gostava. Então, respondeu-me que tinha uma coisa no parquinho que não gostava. Perguntei o quê e respondeu que não gostava do campinho, porque tinha muitas bactérias na areia, já que sua avó brigava com seu irmão, quando chegava todo sujo daquela areia, provavelmente contaminada.

(...) Pediu para caminharmos mais um pouco afim de fotografarmos a próxima esquina, **porque tinha uma menina ali que “implicava” com ela e por isso, detestava aquele lugar..**

(Nota de campo, agosto de 2009)

Ao solicitar que as crianças fotografassem os lugares da rua que menos gostavam, três das seis crianças que participaram da pesquisa de campo, com a máquina fotográfica, alegaram que gostavam de todos os lugares da rua e por isso, não poderiam fotografar. Semelhante ao que ocorreu no primeiro campo, em que as crianças fotografaram os lugares da rua de que mais gostavam, duas crianças desejaram ir para além da Rua Darci Vargas (*lugar de vivências*) e caminharam em direção à outras ruas (*zonas de fronteiras e espaços periféricos*). Apenas uma dessas crianças, ao produzir as imagens dos lugares de que não gostava, restringiu-se a fotografar apenas a Rua Darci Vargas (seu lugar de vivência).

Essas crianças falaram, com a fotografia de forma crítica, sobre aquilo que as incomoda(va) na/s Rua/s, e que torna(va) esses lugares menos quistos por elas, deixando cada vez mais clara a relação entre criança e o espaço, sempre mediado pelo outro. Aqui, essas crianças sempre relacionavam o não gostar do lugar com as vivências, a partir de trocas de experiências, ocorridas naquele espaço com o outro, repudiando não apenas os elementos dos lugares de que elas não gostavam, como também os atos das pessoas que não colaboravam para que a rua ficasse melhor ao menos para elas.

4.2.1 Os Desafetos nos Lugares de Vivência.

Basta observar as imagens seguintes para compreender que além de lugares, os atos também merecem destaques em suas falas/imagens relacionados:

1- Ao carro que sempre está na rua, exatamente no trecho em que brincam, visto que o dono do carro é morador da rua e pode, mesmo nos dias da rua fechada, manter o carro sempre naquele mesmo lugar, o que segundo essas crianças, atrapalha as brincadeiras.



Fotografia 85 - Os desafetos nos lugares de vivência. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 2- Ao lugar em frente ao portão, que não podem brincar, por causa do “moço” que deixa os carros na rua e por isso não podem brincar ali. Vale destacar que as três crianças que produziram imagens, nesse segundo campo, produziram fotografias sobre esse lugar, alegando a dificuldade em brincar nele.



Fotografia 86 - Os desafetos nos lugares de vivência. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.



Fotografia 87 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.



Fotografia 88 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

3- Aos lixos acumulados:



Fotografia 89 - Os desafetos nos lugares de vivência. A autoria dos Pequenos Fotógrafos



Fotografia 90 - Os desafetos nos lugares de vivência. A autoria dos Pequenos Fotógrafos

- 4- Ao portão de uma casa, localizada na Rua Darci Vargas que, de acordo com uma criança, está todo enferrujado e isso deixa a rua mais feia:



Fotografia 91 - Os desafetos nos lugares de vivência. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 5- Ao outro portão de que não gosta, porque também precisava, segundo elas ser pintado:



Fotografia 92 - Os desafetos nos lugares de vivência. A autoria dos Pequenos Fotógrafos

- 6- Aos fios emaranhados entre os postes e as casas, deixam o lugar mais feio...
(neste local, duas imagens foram produzidas por uma mesma criança):



Fotografia 93 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

A criança deu um zoom para mostrar os fios mais de perto:



Fotografia 94 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 7- À banca de jornal, que sempre está fechada, mantendo-se aberta apenas pela manhã e no resto do dia. “Se alguém quer comprar jornal, não pode”, afirmou a criança.



Fotografia 95 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos

- 8- Ao bar da esquina, em que várias pessoas têm acesso às bebidas alcoólicas:



Fotografia 96 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

9- À casa, que até hoje continua feia:



Fotografia 97 - Os desafetos nos lugares de vivência. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

4.2.2 Os Desafetos nas Zonas de Fronteiras.

Ultrapassando o limite da Rua Darci Vargas, algumas dessas crianças fotografaram outros lugares de seu MUNDO-RUA que ultrapassavam os limites daquela rua e apontaram também a relação entre o lugar e as pessoas:

1- A Rua Antônio Alexandre de Oliveira constitui o fim da Rua Darci Vargas. Nesse ponto de encontro entre essas duas ruas, há um morro onde as crianças afirmam que os carros descem com muita velocidade e isso faz com que elas não gostem daquele lugar, pois também põe em risco a integridade física das mesmas. Duas crianças fotografaram esse lugar:



Fotografia 98 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.



Fotografia 99 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 2- Ainda no cruzamento entre essas duas ruas, uma das crianças afirma que sempre há um caminhão na calçada, que atrapalha não somente as brincadeiras, como também a passagem dos pedestres pela calçada:



Fotografia 100 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

3- A Rua José Cabral, próximo ao lugar onde brincam: “[...] tem um moço que não gosta de crianças por aqui e sempre implica com a gente [...]”



Fotografia 101 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

Embora o parquinho tenha sido apontado pelas crianças como um lugar da zona de fronteira de que elas gostam, elas me solicitaram ir até lá. Como ato de denúncia, mostrando que não gostam e reclamam da falta de cuidado com aquele lugar, pois:

- 4- O balanço do parquinho estava quebrado. Isso deixa uma das crianças muito triste:



Fotografia 102 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras-Parquinho. Imagem do balanço quebrado. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

Mais imagens do balanço quebrado:



Fotografia 103 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras-Parquinho. Imagem do balanço quebrado. Autoria dos Pequenos Fotógrafos

5- Segundo essas crianças (duas, entre as três que fotografaram o parquinho nesse campo), as areias das quadras, andam muito sujas, “cheias de bactérias”, para usar a fala literal de uma dessas crianças:



Fotografia 104 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras-Parquinho – Quadra Grande. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.



Fotografia 105 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras-Parquinho – Quadra Pequena. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 6- Além da areia suja das quadras, uma das crianças apontou-a novamente, onde brinca(va) com os brinquedos do parquinho e com os amigos, cheia de lixo. Fotografa:



Fotografia 106 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras - Parquinho – Sujeira na Areia. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.



Fotografia 107 - Os desafetos nas Zonas de Fronteiras - Parquinho – Sujeira na Areia. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

4.2.3 Os Desafetos nos Espaços Periféricos.

- 1- O perigo da Rua José Alves da Costa, conhecida como a “Rua do Viaduto”, que segue em direção aos cemitérios, onde, segundo as crianças, os carros passam correndo muito, e ameaçando a integridade física das pessoas. Um dos pequenos fotógrafos sugeriu a construção de uma passarela para pedestres:



Fotografia 108 - Os desafetos nos Espaços Periféricos. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.



Fotografia 109 - Os desafetos nos Espaços Periféricos. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 2- Uma casa de esquina desta mesma rua, na qual uma das crianças afirma não gostar por causa de uma colega, que sempre brigava com ela, na escola:



Fotografia 110 - Os desafetos nos Espaços Periféricos. A autoria dos Pequenos Fotógrafos.

- 3- O cruzamento da Rua Pedro Telles com a Rua Darci Vargas também é apresentada pelas crianças como um lugar onde o perigo da alta velocidade dos carros é uma ameaça. Uma das crianças sugere a construção de um semáforo:



Fotografia 111 - Os desafetos nos Espaços Periféricos. A autoria dos Pequenos Fotógrafos



Fotografia 112 - Os desafetos nos Espaços Periféricos. Autoria dos Pequenos Fotógrafos.

Mesmo que eu não tenha solicitado, ao realizarem seus percursos, fotografando os lugares de que não gostavam, as crianças apresentaram soluções para os problemas urbanos, identificados por elas. Isso é um exemplo da importância de dar voz às crianças na participação urbana!

“Os nove meses de espera se passaram e aquele pequeno ser fez sua chegada ao mundo...”

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTANDO UM REINÍCIO

Quatro anos após a chegada ao mundo do tão esperado pequeno ser, ele continua seu percurso imbricado nesse mundo, esparramando-se pelos lugares, falando, correndo, pulando, gritando e brincando: de *pique – esconde*, tentando pegar e correr com outras crianças e adultos; de casinha, fazendo “*compras e comidinha de mentirinha*”; de *bonecas*, que viram filhas; e de *Meus pintinhos venham cá*, pois também brinca na rua. Foi lá, com as outras crianças, que essa brincadeira foi aprendida.

Sobre o mundo, agora essa criança faz leituras, afirmando que “*O mundo é um labirinto*”, e faz desenhos que o representa. Pergunto por que o mundo é um labirinto, e ela responde:

- Por que tem um mundo lá em cima...
- Que mundo tem lá em cima? Pergunto. E ela responde:
- O planeta, que é o mundo...

(Arquivo pessoal da autora- 2010)

As crianças que participaram dessa pesquisa me revelaram, através da fotografia, como compreendem o mundo e como o veem. As lentes das máquinas emprestaram-me os olhos desses pequenos, para que eu pudesse enxergar o que, durante anos, não consegui ver sozinha: o mundo pelo olhar da criança.

Tomando a fotografia como fala não-textual e também como um texto imagético, tornou-se possível uma compreensão das realidades das crianças, aqui entendidas como atores sociais, destacando o prisma infantil do que apresentaram, com uma potente redução da ótica adultocêntrica.

Dessa forma, é possível afiançar a fotografia como um excelente recurso auxiliar às falas das crianças, oportunizando, inclusive, uma relativa facilidade na socialização de suas compreensões, atuando de uma maneira mais concreta, por serem representações imagéticas.

Entender como as crianças conseguem fazer de suas ruas, uma extensão ampliada do espaço de brincar. Outrora desdobrando das casas para os quintais,

provocando a reflexão de que, visceralmente, as crianças expandem o que foi comprimido pelos novos modos de morar nas sociedades atuais, na complexidade da invenção do espaço urbano. Às crianças do nosso século, pouco restou de varandas espaçosas e ensolaradas e de quintais cheios de sombras de árvores e de recantos floridos... Para crianças de pequenas cidades ou de espaços rurais, ainda sobrevivem quintais – mas não foi com aquelas que encetei meu trabalho. Pesquisei com crianças urbanas.

Como espaço de vivência dessas, sobraram alguns parquinhos, com brinquedos que se repetem no estilo e na permanente decadência de desleixo do serviço público – salvo raras exceções. Para crianças urbanas, em situações de mais conforto no morar, fabricou-se parquinhos particulares de condomínios residenciais. Entre parquinhos e ruas, como caricatas possibilidades de ver o mundo, restaram janelas: com grades, com telas, com um “lá fora”, oferecido como derivativo de contato com um mundo que atrai e assusta. Outras janelas, a mostrar o mundo, são virtuais: a televisão, o jogo eletrônico, a rede internet no computador... As janelas só apareceram neste trabalho, como ângulos de visão das primeiras crianças, que apontaram para mim, por meio do desenho, pistas iniciais do que passei a pesquisar. Assim elas ficaram como promessas de futuras pesquisas. Entretanto, em quaisquer situações, assanham portas abertas, controladas ou não para a saída; convidam à rua, espaço novo que a criação infantil não dispensa como lugar de brincar. Porém, a rua não é como extensão dos quintais, pois estes já quase não existem mais. Há crianças que, desconhecendo-os, nunca deles desfrutaram o prazer em brincadeiras sem buzinas ou perigo de carros. A rua é, para muitas crianças, a materialidade de possibilidade de brincadeiras. Ela é o quintal de hoje.

A alta densidade demográfica do lugar em estudo contribuiu para a necessidade da rua fechada e, como no quintal, na rua fechada também não há carros de desconhecidos transitando, o que segundo as crianças, é mais seguro durante as brincadeiras.

Compreendi que a rua é, para essas crianças, a complementação dos espaços que faltam em suas casas. Os adultos, ao colocarem cadeiras nas calçadas e promoverem eventos, também demonstram possuir essa mesma concepção. Assim, todos compartilham, além do momento de lazer, de uma mesma necessidade: espaço. Neste caso, o espaço em sua dimensão, meramente física, se

metamorfoseou em lugar, preche de relações afetivas, de memórias permanentemente resgatadas e de futuros, em permanente promessa de construção...

O conceito de lugar aqui utilizado, em consonância com os trabalhos de Carlos (1996, 2000 e 2004), Santos (1989 e 2008) e Tuan (1983), permite-me afirmar que a rua é um espaço, onde vivências compartilhadas dão-lhes sentido como lugar. Porém, para além da concepção de lugar, como espaço de extensão territorial, as crianças mostraram, através de suas falas com as fotografias, que o valor por elas, dado ao lugar, vincula-se às interações sociais estabelecidas. Logo, em concordância com Lopes (2005, 2009, 2010), e em colaboração com a Geografia da Infância, o lugar para as crianças, não é visto como extensão, mas como intensidade.

Os vínculos afetivos com o espaço, não estão ligados à questão de sua estética, mas pelo sentido construído com o outro, tanto adultos (maiores) quanto outras crianças (os pequenos). Nesse contexto, para a criança, a rua é um lugar de brincadeira com os amigos e de encontro com os outros maiores.

As crianças declararam a importância dos lugares para a sua formação humana, permitindo-me estreita relação entre o que dizem e o que afiançam Vigotski e Bakhtin: se para o primeiro, nos constituímos através do outros, para o segundo, não basta colocar dois *homo - sapiens* frente a frente para que o signo se constitua. Eles dizem algo mais...

Assim, ousou subtrair de ambos, um entendimento que torno conjugado em uníssono, a partir de seus / meus estudos: a interação social é importante, em determinado contexto. No caso, a rua com os amigos e as brincadeiras.

A rua, nesse sentido, então, como lugar de vivência, proporciona, provoca e permite o desenvolvimento cultural, pois essas crianças encontram-se inseridas numa dada cultura, da qual compartilham vivências, experiências, aprendizagens e invenções entre si. É através do outro e das brincadeiras possíveis, que elas constroem suas concepções de mundo. E dizem delas em suas brincadeiras, em suas falas, no seu fotografar, traduzido pela câmara e produzido por seus olhares...

Acompanhando as crianças da Rua Darci Vargas, compreendi que o brincar rompe com a realidade para arrebeitar a crueza com que tal pretensão de real aprisiona o seu mundo imediato. Daí que no burburinho do que parece ser realidade, elas instauram o domínio da brincadeira, (Vasconcellos 2005 e 2008) que para Vigotski

(2007), é a possibilidade de desenvolvimento humano. Logo, se para a criança, o mais importante na rua são as brincadeiras, esta, nesse contexto, também é um lugar onde há possibilidades desse desenvolvimento. Então, a rua merece uma atenção especial, de quem quer educar crianças.

Se a falta de espaço em casa não impede a brincadeira, pois essa acontece na rua de suas casas, também o limite da rua, impresso pela Prefeitura Municipal, ao determinar horários e trecho da Rua Darci Vargas, delimitado para o laser, também não o faz. As crianças não apenas escamoteiam tal limite e transgridem, mas também expandindo fronteiras, criando novos espaços, mostrando que ultrapassam essa delimitação espaço-temporal e estabelecem interações sociais com seus pares, em diferentes *espaços-tempos de brincar*, construídos por elas.

Na busca para responder a questão dessa pesquisa (*Que leituras de “mundo-rua” aparecem nas fotografias realizadas por crianças?*), as crianças não apenas fotografaram o que gostavam dentro do limite da rua, como também empurraram esse limite até lugares em que vive(ra)m, outras interações sociais e onde o outro e as brincadeiras eram/são possíveis. Dentre os lugares abertos, limites rompidos e fronteiras esparramadas, para o MUNDO-RUA por elas apresentados, destacaram-se outras ruas (que não a Rua Darci Vargas, mas ruas periféricas à esta escolhida como campo), a escola e o parquinho. Assim, ao fotografar tais lugares, me apresentaram em suas leituras o MUNDO-RUA, que não apenas é formado pela rua como Lugar de Vivência, como também é constituído pelas Zonas de Fronteiras.

E foi a partir desses achados que o conceito de fronteira foi repensado, e baseando-me nos estudos de Valladares (2008), ele pôde ser entendido por mim como outros lugares de trocas de experiências, esparramados no entorno dos limites pré-estabelecidos, indo até onde o fato acontece, o desejo alcança. Mais uma vez as crianças apontaram que, assim como nos Lugares de Vivências, a brincadeira com o outro é o mais importante fator de trocas.

Quando essas crianças fotografaram o que não gostavam nos lugares, fizeram denúncias, mostrando que esse desafeto está vinculado, principalmente, a dois fatores: o descuido com o lugar e a presença do outro. Assim, se no lugar há pessoas de que elas não gostam, aquele também ficará preterido. Novamente a interação com o outro forja o lugar e o define na categoria do MUNDO-RUA da criança...

As crianças enfatizaram o desejo por melhorias, tanto no parquinho quanto na rua, apontando as soluções para o espaço urbano. Desejaram falar sobre isso. Porém, a concepção de criança como ser incompleto, com palavras descredibilizadas, foi percebido em todos os espaços percorridos durante a pesquisa. O conceito da infância como mera passagem, como tempo de se fazer ser, se estica no cotidiano e cala a voz da criança, até mesmo quando o que ela sente, pensa, vive e deseja, é o objeto da interrogação...

Isso impediu e continua impedindo que, diariamente, as crianças possam opinar sobre as mudanças nos lugares, principalmente naqueles que são coletivos e para aqueles responsáveis pelas políticas públicas do Município.

Certamente, muitas mudanças as crianças fariam nos espaços urbanos, se a elas fosse dado o direito de falar e caso essas falas se transformassem em melhorias para aqueles que vivenciam aquele lugar.

Embora algumas das questões, que me inquietavam no início dessa pesquisa tenham sido explicadas pelas crianças, outras tantas surgiram, o que me permitiu compreender que as considerações finais apontam para a necessidade de um recomeço, um reinício de busca para novas descobertas...

Considerando isso, o meu olhar para o horizonte – linha dividida entre o aqui e o além, entre o agora e o depois – me aponta a necessidade de compreender como as noções espaciais são construídas pelas crianças, através da mediação com o outro, bem como entender a forma que as crianças concebem os *lugares periféricos*, visto que não convivem neles. Na janela do agora, olho a periferia difusa das fronteiras: esperam-me janelas e bordas periféricas... Promessas de um projeto de doutoramento que me sacode cansaço e medos. Promessas...

A pesquisa termina (será?) apontando para tantas outras possibilidades de investigações, que buscam compreender melhor os modos como a criança compreende seus espaços de vivência... Promessas de novas andanças...

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. et all (org). **História oral Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FioCruz/Fund., 2000.

ALVES, N. **Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu “uso” em processos curriculares de formação de professoras na Educação Superior: o caso do Curso de Pedagogia da UERJ/Campus Maracanã. Projeto incorporado ao PROCIÊNCIA**, Rio de Janeiro: [s.n], 2005. mimeografado.

_____ & GARCIA, R. L. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

AMORIN. C. C. Os Lugares da infância: a infância e seus lugares. In: **Reflexões sobre infância e Cultura**. Niterói: EDUFF, 2008.

AMORIN, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, nº116, 2002.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARAÚJO, V. C. **Criança: do reino da necessidade ao reino da liberdade**. Vitória: EDUFES, 1996.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto (Portugal): Porto, 1994.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

BORBA, A. M. **As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6anos**. Caxambu: ANPED, 2006.

_____. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: **Reflexões sobre infância e Cultura**. Niterói: EDUFF, 2008.

CARLOS, A. F. A. Uma leitura sobre a cidade. In: **CIDADES: Revista Científica/ Grupo de Estudos Urbanos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 1, 2004.

_____. O lugar no/do mundo. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Apresentando a metrópole na sala de aula: a geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

CARVALHO, L. D. Ninguém presta atenção no que a gente gosta de fazer: a criança que brinca no bairro Taquaril. In: GRUPECI: Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias - Tendências e desafios contemporâneos. 1., 2008, [S. I]. **Anais...** [S. I]: 2008.

CASTROGIOVANNI, A.C; GASTAL, S. Fronteiras e turismo: Tensionando conceitos. In: SEMINTUR: Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL e III Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. 4., 2006, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: 2006.

DELGADO, A.C. C.; MÜLLER, F. Abordagens Etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas. In: Reunião Anual da ANPED. 28., 2005, CAXAMBU. **Anais...** Caxambu, 2005.

DOSTOIEVSKI. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Martin Claret, 2004,

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2006.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 82 p.

FARACO, C. A. **Bakhtin: Conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FICHTNER, B. **Introdução na abordagem histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores**. [S. l.: s. n], 2009.

FLORESTAN, F. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. **Pro-Posições**, [S. l], v. 15, n.1, jan./abr. 2004.

FORTUNATO, E; RUSCHEINSKY A. A Historia Oral na pesquisa social sobre o espaço urbano. **Revista Biblos**, Rio Grande, n.16, p. 25-36, 2004.

FREITAS, M. T.; KRAMER, S.; SOUZA, S. J. **Ciências humanas e pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2006.

GARCIA, R. L. organizador. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARROCHO, L.C. Tempo de brincar de quê? **Cultura do brincar**, [S. l.], 2008.
Disponível em: <<http://culturadobrincar.redezero.org/tempo-de-brincar-de-que/>>.
Acesso em: 24 fev. 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GÓES, M. C. R. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Revista Educação & Sociedade**, [S. l.], ano 21, n. 71, jul. 2000.

GONÇALVES, T. R. P. S.; LOPES, J. J. M. Alfabetização geográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Instrumento: **Revista Pesquisa Educação**, Juiz de Fora, v. 10, p. 45-52, jan./dez. 2008.

JACOBS, J. **A morte e a vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JOÃO DO RIO. **A alma encantadora das ruas**. [S. l.: s. n.], 1908. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2051>. Acesso em: 15 fev. 2010.

KOHAN, W. O. Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. In. Reunião Anual da ANPED: GT de Educação Infantil de 0-6 anos. 26., 2004. **Anais...** Caxambu: 2004.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios)

LEITE, J. L. **História e geografia, IV**. Vitória: UFES, 2006.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade: Lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Unicamp; Aracaju: UFS, 2004.

LOPES, J. J. M. Geografia das crianças, geografia da infância. In: REDIN, E; MÜLLER, F. ; REDIN, M.M. organizadores. **Infâncias: Cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. **Então Somos “Mudantes”**. [2003]. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

_____. A criança e sua condição geográfica O Social em questão. **Infância: construções contemporâneas**. Rio de Janeiro, ano 20, n. 21, 2009.

_____. O ser e estar no mundo: A criança e sua experiência espacial. In: LOPES, J. J. M; MELLO, M. B. (orgs). **“O jeito que nós crianças pensamos certas coisas”**: Dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2010.

_____. **Produção do território brasileiro e produção dos territórios de infância: Por onde andam nossas crianças?**. [2007]. Projeto de pesquisa, Niterói, PROPPI- UFF, 2007.

_____. “É coisa de criança”: Reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, Tânia de. (org). **Reflexões sobre infância e Cultura**. Niterói: EDUFF, 2008.

_____; VASCONCELLOS, T. **Geografia da Infância: territorialidades infantis**. Currículo sem Fronteiras, [S. l], v. 6, n. 1, p.103-127, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1/articles/lop_vasc.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

_____. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa.** Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, C. A. **Brincadeiras antigas. Por que não brincar?.** Rio de Janeiro. Disponível em: <www.dad.puc-rio.br>. Acesso em: 19 fev.2010.

MATIAS; FRANCISCHINI. **A infância e a rua: imagens cruzadas no Brasil do século XX.** [S. l]. Disponível em: <www.abrapso.org.br>. Acesso em: 20 fev. 2010.

MASSEY, D. B. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONTEIRO, R.A. (org.). **Fazendo e aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação.** Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998.

MORATO, E. M. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. **Educação & Sociedade**, [S. l], ano 21, nº 71, jul. 2000.

OLIVEIRA, C. **O ambiente urbano e a formação da criança.** São Paulo: Aleph, 2004.

PEREIRAL, Rita Marisa Ribes; SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Solange Jobim. **O pesquisador e a criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea.** GRUPECI: 1º Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias- Tendências e desafios contemporâneos. 1. 2008. [S. l]. **Anais...** [S. l]: 2008.

PINO, A. **As marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSSONI, R. **Fotografia e construção de identidade de crianças do MST: o sentido vivido a partir de uma prática educativa**. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. “**As marcas do tempo: a interculturalidade nas culturas da infância, Projeto POCTI/CED/49186/2002**.” [S.l.: s. n.], 2002.

_____. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B. (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1996.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008 (Coleção Milton Santos; 1).

SCHÜTZ-FOERSTE, G. M; MACEDO, E. S; CHISTE, P. S; GONÇALVES, R. T. Na ciranda da arte capixaba: diálogos, brincadeiras e leitura de imagens. GRUPECI: 1º Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias-Tendências e desafios contemporâneos. 1. 2008. [S. l]. **Anais...** [S. l]: 2008.

SIBÍLIA, P. **O homem pós-orgânico. Corpo, Subjetividade e tecnologias digitais.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SONTAG, S. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo : Difel, 1983.

VALLADARES, M. T. R. V. **VIVÊNCIAS EM ZONAS DE FRONTEIRAS... Narrativas se fazem travessias... (Um estudo com narrativas e com os cotidianos no estágio curricular da licenciatura de geografia na UFES).** [2009?]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espítiro Santo, 2009.

VASCONCELLOS, T. **CRIANÇA DO LUGAR E LUGAR DE CRIANÇA: territorialidades infantis no noroeste fluminense.** [2005?]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

_____. **JOGOS E BRINCADEIRAS: DESAFIOS E DESCOBERTAS.** [S. l]: TVE Brasil, [20--]. Disponível em:
<www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/jbdd/pgm4.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

VIGOTSKI, L. S. LEV. S. VIGOTSKI: MANUSCRITO DE 1929. Revista **Educação e sociedade**, [S. l], ano 21, n. 71, jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. ; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.N. **Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas,1996.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)